

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Marcelo Veraldi Cabral

Análise do impacto do sistema de cotas nas Universidades Públicas
Paulistas frente a egressos do Ensino Médio de uma instituição privada

Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade

São Paulo

2019

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Marcelo Veraldi Cabral

Análise do impacto do sistema de cotas nas Universidades Públicas Paulistas frente a egressos do Ensino Médio de uma instituição privada

Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade, sob a orientação da Profa. Dra Leda Maria de Oliveira Rodrigues.

São Paulo

2019

Banca Examinadora

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de estudos para realização do mestrado.

AGRADECIMENTOS

A todos os meus familiares e amigos que acompanharam o desenvolvimento do meu curso, incentivando e contribuindo para que esta produção acadêmica fosse realizada da forma mais sólida possível.

Ao corpo docente do programa de mestrado em Educação: História, Política, Sociedade, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelas contribuições teóricas, propostas de discussão e reflexões e pelo respeito dedicado aos alunos.

À minha orientadora, Profa Leda Maria de Oliveira Rodrigues, responsável por me apresentar diversas formas críticas e reflexivas de observar a educação brasileira, em especial, no que tange ao acesso e permanência no Ensino Superior, recorte que me estimulou e inquietou ao longo de todo o curso.

À assistente de coordenação, Elisabete Adania, pela atenção e profissionalismo dedicado aos alunos, por colaborar com todas as questões burocráticas do curso e principalmente, por ser uma grande parceira nessa jornada.

Aos grandes amigos que conquistei no mestrado, por todas as trocas pedagógicas e discussões em sala de aula e pelas boas risadas que amenizaram a pressão do cotidiano acadêmico.

E finalmente, destaco como de extrema importância para o desenvolvimento final desta dissertação, as contribuições valiosas trazidas pelas professoras que compuseram a banca de qualificação. Seus apontamentos e sugestões colaboraram muito para a conclusão do trabalho.

RESUMO:

Essa pesquisa trata de um estudo sociológico baseado na coleta de dados empíricos em uma instituição escolar privada, com alunos concluintes do Ensino Médio. Buscou-se apontar a visão desse grupo, em um contexto de transição na área educacional, mais especificamente quando da implantação das cotas para negros, pardos, indígenas e egressos da escola pública. Tais modificações na forma de acesso ao ensino superior impactam na trajetória acadêmica dos estudantes de classe média, pois ainda é importante, para este grupo, frequentar as universidades públicas do Estado de São Paulo, por estarem inseridos em uma sociedade que valoriza certificações e status social. As contribuições trazidas por Pierre Bourdieu, Décio Saes, sobre classes sociais, David Harvey e outros autores, sobre o impacto das políticas Neoliberais no contexto de ensino superior, proporcionaram o embasamento para, ao longo do trabalho analisarmos o comportamento de indivíduos pertencentes à classe média, em um contexto de ingresso no ensino superior. O movimento de inclusão proposto pelas cotas raciais e novos formatos de ingresso nas universidades estaduais paulistas, proposto pela utilização das notas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), via SISU (Sistema de Seleção Unificada - em nível nacional - para universidades federais e estaduais brasileiras), gerou mudanças de comportamento e de expectativas nas famílias da classe média, como pôde ser observado nas entrevistas realizadas. Algumas hipóteses foram levantadas nesta pesquisa, sendo a principal delas a de que o ingresso em uma universidade de renome diferenciará os vestibulandos perante os demais indivíduos de sua classe social e, conseqüentemente, no mercado de trabalho. A pesquisa trouxe como resultados a concretização da hipótese de que os diplomas mais valorizados (capital simbólico) continuam pertencendo ao grupo de instituições públicas de ensino. Outra constatação observada foi a de tolerância, demonstrada pelos sujeitos entrevistados ao sistema de implantação de cotas nas universidades. Ao final das análises, observou-se que o grupo de jovens se divide quanto às cotas raciais nos vestibulares.

Palavras-chave: cotas, vestibulares, classe média, universidades.

ABSTRACT:

This research aims to present a sociological study based on empirical database research concerning senior high school students of a private school. Our goal is to point out this specific group's perspective under a transitional educational context, specifically when the quotas for those who do not declare themselves white and for those who have finished high school in public institutions. Those changes are connected to the admission processes in public universities, thus impacting the route taken by middle-class students, who still aim to study at public universities in São Paulo, mainly as a status valuable for themselves as social individuals. Pierre Bourdieu, Décio Saes are the authors used to study social classes; David Harvey, among others, have been used to study Neoliberalists politics impacts, thus bringing the bases to, during this work, analyzing the behavior of middle-class individuals under the admission processes of universities. The quotas policies and new admission processes on the state colleges of São Paulo, brought by the usage of ENEM (high school national exam) grades, SISU (national unified selection system, concerning federal and state colleges), have promoted both middle-class behavior changes and also middle-class family expectations, as it could be seen on the interviews. Some hypotheses are brought, being its main the entrance of an important university something which will differ the students as individuals under their social status, thus at marketplace. The research has brought as results the understanding that the most valuable diplomas (symbolic capital) still belong to the group of public universities. Another observation was that tolerance was shown by the interviewees, who agree to the quotas policy. After our analysis, the youth group researched are unequal to the racial quotas on the admission processes.

Keywords: quotas, university admission processes, middle-class, universities.

Sumário:

Introdução	10
Justificativa do tema	
Levantamento de trabalhos correlatos	
Desenvolvimento comparado entre trabalhos de diferentes autores	
Problema	
Objetivos	
Hipóteses	
Procedimentos de pesquisa	
Capítulo I- Contexto neoliberal e Ensino Superior	26
Capítulo II - Conceitos	34
1- Os conceitos sociológicos de Pierre Bourdieu	
2- Classe média – definições	
Capítulo III- Análise dos resultados obtidos	40
Capítulo IV - Considerações Finais	51
Referências bibliográficas.....	56
Apêndices.....	58
Anexos.....	104

Lista de abreviatura

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FIES - Financiamento Ensino Superior

IES - Instituição de Ensino Superior

PROUNI - Programa Universidade para todos

SISU- Sistema de Seleção Unificada

USP - Universidade de São Paulo

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNESP - Universidade Estadual de São Paulo

VAGAS AC - Vagas para a ampla concorrência

VAGAS PPI - Vagas destinadas ao público autodeclarado preto, pardo e indígena.

VAGAS EP - Vagas destinadas aos estudantes oriundos das escolas públicas.

Introdução:

Justificativa do tema

A educação básica brasileira apresenta uma característica tradicional de compartimentar os segmentos ou ciclos de aprendizagem. Ao longo de toda a história é possível constatar que a educação pública sempre foi conquistada por meio de intensa mobilização social, isso desde o Ensino Fundamental I (antigo primário) até a mais recente conquista da oferta obrigatória do Ensino Médio.

É possível perceber, na trajetória da história da Educação brasileira, que a luta pelo ensino público sempre esteve presente na concepção dos educadores que em sua expressiva maioria apoiavam a expansão das vagas, como forma de ampliar para as classes mais populares, o direito à educação. Na visão de Menezes (2001), desde o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, os educadores já apontavam a defesa pelo direito à educação pública como forma de universalizar o conhecimento e garantir a emancipação da camada mais desatendida da população:

O documento defendia: educação como uma função essencialmente pública; a escola deve ser única e comum, sem privilégios econômicos de uma minoria; todos os professores devem ter formação universitária; o ensino deve ser laico, gratuito e obrigatório. (MENEZES, 2001 p.126)

Paralelamente ao processo de implantação da obrigatoriedade de oferta do Ensino Médio, como um segmento educacional gratuito, nos últimos anos, este sofreu uma busca intensa por identidade que não fosse a de simplesmente fazer a ligação entre o Ensino Fundamental e o Ensino Superior.

Por muitos anos, o Ensino Médio brasileiro caracterizou-se por ser destinado apenas aos membros das classes médias altas e elite brasileira, de tal forma que aos trabalhadores manuais restava apenas o Ensino Fundamental, ápice necessário para a execução de uma mão-de-obra pouco qualificada. Nas palavras de Saes (2005), as camadas populares da sociedade interpretavam que uma trajetória escolar muito longa diminuiria os rendimentos financeiros que poderiam ser acumulados em determinado grupo familiar, sendo assim, havia a percepção de que um aluno deveria ingressar no mercado de trabalho o mais rápido possível.

Por outro lado, a realidade da elite era diferente, pois o Ensino Médio já se configurava como uma preparação para as futuras escolhas profissionais e carreiras nas universidades. O fato é que a problemática restrição do acesso ao Ensino Superior para os membros das classes mais baixas brasileiras, ao longo de toda a história, sempre foi uma realidade; por conta desse contexto desigual, a reflexão proposta por esta pesquisa torna-se justificável e atual. Sendo assim, a discussão da implantação da Lei de Cotas, pelas universidades federais e estaduais tornou-se uma realidade recentemente, principalmente nas universidades estaduais de São Paulo.

Levantamento de trabalhos correlatos

As inquietações acerca do tema de acesso ao Ensino Superior público e gratuito, para uma maioria da população que, historicamente, vem sendo excluída do processo educativo brasileiro, fez com que a pesquisa por trabalhos correlatos de autores que já discutiram alguns aspectos desse programa de inclusão social, se tornasse necessária para fundamentar a problematização observada na prática da escola que recebeu este trabalho.

A busca por respostas apropriadas ao novo sistema de cotas nas universidades públicas de São Paulo tornou a seleção de autores para este levantamento uma tarefa complexa, exatamente pela temática proposta por esta dissertação ser uma prática recente nas universidades estaduais, datada dos últimos cinco anos. Reitera-se que tal prática ganhará força para os próximos dois anos, já que serão cinquenta por cento de cotas nas três IES estaduais.

A dificuldade relatada acima originou um procedimento mais generalizado para que fosse possível o entendimento dos problemas que os cotistas enfrentaram nos últimos anos. Desta maneira, o procedimento inicial foi a busca de trabalhos que trouxessem um histórico do processo de implantação da Lei de Cotas, nas universidades federais (pioneiras na implantação); a partir deste primeiro critério, entende-se que o trabalho de Almeida (2017) sobre a trajetória dos cotistas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tenha relevância para esta discussão.

No trabalho apresentado por Almeida (2017) é possível analisar a UFRGS como uma instituição pioneira na implantação do sistema de cotas raciais e sociais, pois segundo a autora, os relatos recebidos por alunos e ex-alunos cotistas confirmaram suas suspeitas de que a trajetória acadêmica não foi tão inclusiva quanto o sistema de ingresso na universidade previa. Os relatos de preconceito racial, sexual e social foram frequentes

e seus sujeitos, inclusive trazem sugestões de aperfeiçoamento para a universidade no que tange ao acolhimento dos novos cotistas. Mesmo contando com contribuições de relatos sobre o ingresso e a permanência dos alunos cotistas na universidade federal, ainda seria necessário buscar dados mais próximos da realidade dos vestibulandos das universidades públicas.

A extensa quantidade de trabalhos acadêmicos que discutem o sistema de cotas nas universidades públicas, principalmente as cotas para autodeclarados pretos, pardos, indígenas (PPI)¹, demonstra a necessidade que a academia teve de retratar a dificuldade enfrentada por este grupo de indivíduos, porém, de forma mais ampliada, para este estudo, houve a necessidade de buscar dados que se relacionariam com as classes sociais dos vestibulandos.

Para isso, a tese defendida por Cardoso (2016) que apresenta a relação entre a implantação da Lei de Cotas nas universidades federais e a escolha pela escola na educação básica, tornou-se uma via de acesso à informação sobre alunos de escolas públicas e privadas. A metodologia utilizada pelo autor foi a de comparação entre duas realidades distintas dos estados de São Paulo e de Minas Gerais.

Para Cardoso (2016), a escolha por escolas públicas de qualidade poderia se tornar uma prioridade para determinada fatia da população, da classe média, dos dois estados, sendo que haveria uma tendência maior entre os alunos mineiros do que os paulistas em migrar para o ensino público, uma vez que a atração pelas universidades federais naquele estado é consideravelmente maior do que no estado de São Paulo. A resposta trazida por sua pesquisa demonstra que uma pequena porcentagem dos alunos paulistas migrou para a educação básica pública, com pretensões de ingressarem nas universidades federais, via sistema de cotas.

Com base nos dados apresentados pela pesquisa do autor acima destacado, foi possível entender que no estado de São Paulo a dinâmica de atração pelo ensino superior para os vestibulandos é diferente do que na maioria dos demais estados do país. É no estado de São Paulo que as universidades estaduais apresentam maior qualidade acadêmica e de inserção no mercado de trabalho do que as universidades federais. Nos últimos anos, apenas as universidades federais tiveram seu número de vagas ampliado, muitas delas em campus com infraestrutura inadequada ou inacabada e com cursos ainda

¹ PPI -Sigla designada aos candidatos autodeclarados pretos, pardos e indígenas em vestibulares de instituições públicas que promovem a inserção de tais indivíduos no meio acadêmico, via cotas raciais.

pouco reconhecidos pelo mercado de trabalho das grandes cidades paulistas. Não é incomum, em algumas áreas do conhecimento, existirem faculdades e/ou universidades privadas com maior número profissionais em postos de trabalho de liderança e mais rentáveis do que os de universidades federais.

Com a necessidade de entender quais indivíduos formariam realmente o público chamado de alunos da escola pública e com a inquietação de que tais alunos ingressantes nas universidades públicas, principalmente em cursos mais elitizados, seriam egressos de escolas com processo seletivo para admissão, no ensino médio (ETECS e colégios militares), a hipótese foi confirmada, segundo a pesquisa apresentada por Benevides e Soares (2015, p.21):

É notório o destaque das escolas públicas militares nas avaliações padronizadas brasileiras, seja no ENEM seja nos sistemas de avaliação estaduais, como o SARESP, o SAEGO ou SPAECE. Os alunos destas escolas se sobressaem à média de desempenho dos estados e, não raro, as escolas militares figuram no topo entre as mais bem avaliadas.

Sendo assim, por maior qualidade acadêmica encontrada no levantamento apresentado, as lacunas desta pesquisa continuariam em aberto, pois, historicamente, os membros das classes mais populares do país tiveram seu direito à educação pública limitado. Ao mesmo tempo não é de se descartar que a questão racial e o peso histórico que a envolve continua existindo, contribuindo para manter a dificuldade em definir quem, de fato, deveria usufruir do ensino superior público, com ingresso via cotas de escolas públicas.

Por estas incógnitas apresentadas e pela adoção do sistema de cotas raciais e sociais nas universidades estaduais paulista, esta discussão se torna atual e necessária, uma vez que diferentemente dos demais estados, São Paulo tem como base acadêmica, a USP, UNICAMP e UNESP, todas ligadas ao governo estadual e não ao governo federal. Como o impacto da implantação da Lei de Cotas nas referidas instituições é crescente na população do estado, o posicionamento da classe média paulistana tende a ser alterado, pois o que, anteriormente, era uma garantia quase que natural de continuidade de estudos, hoje passa a ser duvidosa, uma vez que as vagas nas universidades passaram a ser redistribuídas, seguindo os critérios de classe social e raça autodeclarada.

Desenvolvimento comparado entre trabalhos de diferentes autores

Historicamente, após a Reforma de Capanema (1942), o aluno ingressava no Ensino Secundário, em um curso “pré-universitário” como o Ensino Clássico, Científico e Normal. Tais cursos ficaram restritos aos indivíduos das classes mais altas e que tinham como objetivo principal o ingresso no Ensino Superior. Em contrapartida, os cursos profissionalizantes atraíam interessados das classes populares; nesse âmbito, mesmo com a demanda de mercado por tais profissionais elevada, estes eram classificados como inferiores academicamente e socialmente.

Em outro recorte histórico, no momento pós ditadura 1964, já era possível observar a necessidade de atribuir competências profissionalizantes aos alunos matriculados nos cursos técnicos. Destaca-se aqui que o corpo discente continuava sendo representado por alunos de classes sociais mais populares, pois as elites continuariam sendo preparadas para o ingresso na universidade. Para atender às demandas de uma economia em recessão, houve um grande esforço governamental para a ampliação na oferta destes cursos.

Tais características de demanda pelo ensino profissionalizante foram se perdendo ao longo das últimas décadas, uma vez que o mercado de trabalho não absorveu mais a mão de obra técnica. Com isso, passou-se a priorizar a formação em massa de bacharéis, propiciando a expansão na rede privada do Ensino Superior.

A referida expansão, impulsionada pela visão mercadológica de empresários do setor educacional, gerou excedente de profissionais diplomados, mas com qualidade técnica questionada pelo mercado de trabalho. Foi a partir do crescimento das redes de ensino superior privadas que surgem também os conceitos de educação-mercadoria e mercadoria-educação. Esses conceitos refletem essa nova relação entre os membros da classe média em relação ao Ensino Superior, uma vez que as opções de universidades se multiplicam, os valores das mensalidades diminuem consideravelmente, havendo o aumento de vagas em turnos de aulas que se encaixam com as demandas do mercado de trabalho. Sendo assim, impulsionadas pelas práticas neoliberais, o nicho das instituições privadas passa a receber a atenção da mão de obra assalariada, ávida pelo diploma de nível superior e rápida inserção no mercado de trabalho; com isso, impacta-se o ensino de qualidade, restrito aos centros universitários de elite ou universidades públicas. Tais conceitos de educação-mercadoria e mercadoria-educação podem ser observados nas palavras de Rodrigues:

Essas são as formas pelas quais a burguesia encara a educação escolar, sendo a primeira, a “educação-mercadoria”, a venda de serviços educacionais em si, a “prática social educacional como uma mercadoria, cujo fim é ser vendida no mercado educacional”. São escolas e universidades privadas em geral, oferecendo seus cursos regulares. Mas, se a educação e o conhecimento forem insumos à produção de outras mercadorias, ou seja, se forem meio e não fim, “essa prática social educacional” será encarada como “mercadoria-educação”. É o caso, por exemplo, da educação como qualificação da mão-de-obra que servirá aos interesses da burguesia. (RODRIGUES, 2017, p.95, grifos do autor)

O mercado de trabalho atual sofre, portanto, de um inchaço de profissionais formados em determinadas áreas, com acúmulo representando um ganho para a dinâmica econômica dos grandes centros. A política econômica imposta na sociedade de consumo atual depende desse excesso de profissionais; sendo assim, o lucro das grandes empresas ou conglomerados poderá ser potencializado, principalmente com a diminuição dos salários de sua mão-de-obra ativa. A lógica do neoliberalismo está posta na sociedade atual. Em seu livro, *Política neoliberal e sindicalismo no Brasil*, Boito Jr. (1999) expressa a ideologia neoliberal nos seguintes termos:

Exalta o mercado, a concorrência e a liberdade de iniciativa empresarial, rejeitando de modo agressivo, porém genérico e vago, a intervenção do Estado na economia. Tal descrição corrobora com a ideia de mercado que vem sendo adotada pelas sociedades modernas em grande parte do mundo capitalista. (BOITO JR., 1999, p.233)

A concorrência agressiva, frequentemente observada entre grandes grupos econômicos e instituições bancárias, agora está presente no segmento educacional em nível superior. É bem verdade que a iniciativa privada sempre ocupou um espaço relevante na educação brasileira, prestando serviços educacionais tidos como de melhor qualidade que os oferecidos pela rede pública de ensino. A questão da qualidade dos serviços prestados por estas escolas privadas não é objeto dessa pesquisa, porém é de extrema relevância destacar que o público que as frequenta é, em sua grande maioria, formado por membros da classe média das grandes e médias cidades brasileiras.

As classes médias dos grandes centros econômicos mundiais podem ser caracterizadas pela intenção de se afastar com grande voracidade dos indivíduos que

pertencem à classe popular da sociedade e tentam se manter como uma classe social intermediária e com ambições dignas da burguesia. Pelas palavras de Saes:

Esse grupo social congrega todos os trabalhadores, assalariados ou não, que, além de desempenharem algum trabalho apenas indiretamente produtivo (quando não absolutamente improdutivo), autorepresentam-se, no plano ideológico, como trabalhadores não-manuais, distintos dos trabalhadores manuais e superiores a eles nos planos profissional e social. (SAES, 2005, p.100)

Perceber essa necessidade de diferenciação entre indivíduos que na prática são subordinados aos capitalistas da elite brasileira, torna essa análise comportamental de extrema importância. Essas diferenças são expressas por meio de hábitos, anseios e por que não ressaltar, defesa de espaços conquistados. O espaço do Ensino Superior gratuito é um exemplo claro de conquista e “posse” da classe média, uma vez que tradicionalmente, são as pessoas desse grupo que ocupam as cadeiras das três melhores universidades brasileiras, porém a partir de 2012, com a implantação da Lei de cotas sociais e raciais, nas universidades federais, deu-se início a uma pressão social e política para que as universidades estaduais de São Paulo também implantassem programas de inclusão social em seus vestibulares. Como consequência imediata desse movimento de inclusão implantado por essas universidades, é possível constatar que os indivíduos da classe média passam a se sentir ameaçados pelo ingresso dos alunos cotistas.

As Universidades de São Paulo, Estadual de Campinas e Estadual de São Paulo, juntas, representam a excelência acadêmica do Brasil, produzindo ciência e se destacando em nível mundial (com destaque no principal ranking universitário do mundo – QS World University Ranking), principalmente pela qualidade dos avanços científicos alcançados.

Ao longo de toda a minha trajetória profissional, sempre atuando na iniciativa privada, principalmente na gestão escolar, tive a oportunidade de aferir o esforço que as famílias de classe média fazem para que seus filhos ingressem nas referidas universidades. A busca pela especialização em conteúdo, é cada vez maior e mais precoce, treinamentos intensos em exercícios e modelos de provas, sempre me chamaram a atenção.

Os alunos da última série do Ensino Médio, da classe média brasileira, assumem uma nova função dentro da educação básica: de alunos regulares passam a ser vestibulandos. Essa nova função exerce uma pressão oriunda da sociedade em si, das famílias e do próprio indivíduo. Sendo assim, percebe-se que os aprovados nos

vestibulares mais concorridos têm características em comum, em parte por conta do foco e organização de suas rotinas de estudo e a maturidade que eram obrigados a cumprir no momento em que passam a ocupar a “função” de vestibulandos.

Outro ponto que as minhas observações profissionais me propiciaram foi a de também concluir que o ingresso nas três universidades estaduais paulistas trazia, como consequência imediata, um grande prestígio social aos aprovados e a suas famílias. Trata-se de algo semelhante ao de uma aceitação social ou de certificado de inteligência imediata que lhes era atribuído e como consequência dessa trajetória, ganhando-se o destaque quase que instantâneo no mercado de trabalho.

É praticamente impossível não associar esse comportamento da classe média com aquilo que denomino “tripé da classe média”. Esse “tripé da classe média” baseia-se nos conceitos trazidos por Bourdieu, cujas definições de capital econômico (salário propriamente dito), capital cultural (todo conhecimento adquirido e incorporado - de maior ou menor volume - dependendo da origem social do agente) e capital social (relações sociais que podem resultar em benefícios de dominação) representam todas as aspirações que tais indivíduos buscam alcançar.

As observações que trago de minha experiência na educação básica me colocaram em um cenário de desconforto quando os vestibulares da USP, UNESP e UNICAMP começam a se modificar. Como já mencionado nesta introdução, toda a ampliação da rede pública de ensino foi conquistada pela luta e comoção social, e com o advento da Lei das Cotas no ano de 2012. Nesse momento, em que a metade das vagas das universidades federais brasileiras seriam destinadas aos candidatos PPI egressos do ensino público, a classe média passou a mobilizar-se contra a chamada proletarização destas universidades federais.

Traçando um paralelo direto com os vestibulandos paulistas, o impacto que a implantação da Lei de Cotas trouxe para as suas realidades foi a menor possível. O estado de São Paulo possui um número pequeno de instituições federais se comparados a outros estados brasileiros, e os já existentes, mesmo apresentando excelência acadêmica, sempre foram menos almejados do que as universidades públicas estaduais.

O movimento de descontentamento com a implantação da Lei de Cotas começa a gerar desconforto nos indivíduos da classe média paulistana no momento em que a USP, UNICAMP e UNESP passam a adotá-la. É sempre válido ressaltar que, diferentemente das IES federais, as estaduais têm autonomia para gerenciar seus programas de ingresso. Tal autonomia gerou rejeição interna para a implantação do sistema de cotas; entretanto,

a pressão social, que mais uma vez ganha destaque no curso da história da educação, foi imprescindível.

De forma bastante lenta, as universidades públicas do interior do estado de São Paulo foram adotando seus programas de inclusão social ou de segmentação de vagas. É possível afirmar que, atualmente, a UNICAMP conta com o programa mais completo de ingresso e permanência de alunos da escola pública em sua graduação. Essa afirmação é facilmente ratificada pelo amplo programa de inclusão que a universidade disponibiliza para consulta pública em seus editais e sites próprios da instituição.

Entretanto, essa nova realidade do acesso ao Ensino Superior no estado de São Paulo, consequência da implantação da Lei de Cotas, ganhou uma proporção maior entre os indivíduos da classe média, no ano em que a USP passou a adotar um plano de inclusão para cotistas em seus editais de seleção.

Como foi possível analisar, por meio dos documentos oficiais da universidade, a primeira etapa foi a de prever a adoção de bônus nas pontuações dos candidatos egressos da escola pública. Nesse momento, tais candidatos teriam um acréscimo em sua nota final do vestibular, a esse programa deu-se o nome de INCLUSP.

O INCLUSP manteve-se como única forma de diferenciação na pontuação de candidatos egressos das escolas públicas na USP por alguns anos; porém em 2017, a universidade passa a adotar um programa de cotas progressivo em seu sistema de ingresso que resultará em, até 2021, ter cinquenta por cento de suas vagas ocupadas por alunos PPI e egressos da educação básica pública do Brasil. A partir de 2018, a USP passou a adotar três diferentes modalidades de ingressos em todos os seus cursos superiores: o acesso universal para todos os candidatos (denominado ampla concorrência), o acesso exclusivo para candidatos autodeclarados PPI e, por fim, o acesso às vagas reservadas para alunos egressos da rede pública de ensino.

Acredito ser de fundamental importância destacar que as ações afirmativas são medidas que visam diminuir a desigualdade social entre grupos historicamente oprimidos pela cor da pele, pelo preconceito racial, estigmatizados por serem brancos e pobres, por meio de políticas públicas. No caso das ações afirmativas na área educacional, elas englobam políticas públicas de acesso e permanência no ensino superior para os indivíduos que pertencem a determinados grupos. Tais ações afirmativas podem ser representadas por cotas raciais, cotas sociais, provas diferenciadas, implantação de bônus, política de bolsas de estudo, financiamentos estudantis, entre outras.

A obrigatoriedade de segmentação de vagas em seus vestibulares é restrita apenas às universidades federais; neste caso, as mesmas se utilizam de uma prova única de ingresso, denominada Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou são autorizadas a utilizar-se de provas complementares, com questões dissertativas, como é o caso da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). A situação das universidades estaduais, pelo caráter autônomo que as define, permite que essa obrigatoriedade não seja seguida. A UNESP é um bom exemplo de universidade que segmenta suas vagas por meio de cotas raciais e sociais, enquanto a UNICAMP e a USP adotam sistemas mistos de ingresso, incluindo cotas raciais/sociais, bônus e liberdade de utilização da nota do ENEM, obtida pelos candidatos em seus vestibulares próprios.

As ações afirmativas como forma de garantir uma isonomia que contrasta com programas de meritocracia impostos até hoje nos vestibulares das IES públicas poderá provocar, na classe média nos próximos anos, mais especificamente em 2021, uma mudança de padrão do comportamento entre seus indivíduos, uma vez que a Universidade de São Paulo, maior expoente do capital cultural e social do país, estará dividindo suas vagas entre alunos de escolas públicas e privadas, com a reserva de cinquenta por cento das vagas para cada segmento de escolas.

Problematização

Esta pesquisa foi idealizada com base na problematização observada em uma escola de grande porte, localizada na zona leste da cidade de São Paulo. A escolha de uma escola que atende aos indivíduos que compõem a classe média (alta, média e baixa) da cidade e que, principalmente, habitam os bairros que circundam a instituição, torna esse estudo diferenciado, uma vez que há uma diversidade significativa no corpo discente, evidenciando a pluralidade presente na classe social denominada: classe média.

É sabido que muitas escolas tradicionais e com altas mensalidades estão localizadas nas regiões que, historicamente, se desenvolveram como centros financeiros anteriormente à zona leste. A região central, as zonas sul e oeste são as que concentram as escolas com as mensalidades mais altas da cidade de São Paulo, sendo também as que apresentam os melhores resultados, no que cerne ao ingresso dos alunos no Ensino Superior público estadual.

A instituição em que os indivíduos desta pesquisa estão matriculados apresenta estrutura física e proposta pedagógica muito semelhante às tradicionais escolas de outras

regiões da cidade. A escola foi fundada há cinquenta e oito anos por padres agostinianos e conserva até os dias de hoje, os valores atribuídos a Santo Agostinho. É possível analisar, por meios dos documentos oficiais da instituição, que a escola acompanhou o crescimento e desenvolvimento da região, pois o número de alunos aumentou exponencialmente na última década, transformando-a na segunda maior escola da zona leste.

De acordo com o histórico oficial da escola, retirado de documentos institucionais, o bairro em que a mesma se localiza passou pela transformação de bairro industrial para um bairro residencial, onde a especulação imobiliária vem se consolidando nos últimos anos. É importante destacar que, apesar da instituição ter sede própria e estar presente no mesmo endereço há mais de cinco décadas, a maior parte dos alunos matriculados reside em bairros próximos.

É importante ressaltar que a escola está localizada em um território que sofreu transformações socioeconômicas e agora agrega uma classe média considerada como uma classe de “novos ricos”. Trata-se de uma classe em ascensão econômica não elitizada, que passa a valorizar a escola privada em que seus filhos estudam, bem como, esperam dela uma condição que faça jus a uma vaga no Ensino Superior Público de alta qualidade.

Para Haesbert (2004), a definição de território que poderia ser aplicada ao estudo deste caso em específico pode ser observada no seguinte trecho de seu artigo, intitulado “Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade”:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-terror* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “*territorium*” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”. (HAESBERT, 2004, p. 64, grifos do autor).

Tomando como base a definição trazida pelo autor, é possível constatar que os alunos entrevistados são indivíduos provenientes de famílias que conseguiram “dominar” e “adentrar” o referido território com a prosperidade financeira necessária para que haja a instalação de suas residências, no entorno da escola. Além de adentrarem ao território,

os indivíduos entrevistados se apropriam e se identificam positivamente com o privilégio desse pertencimento.

Outro aspecto de extrema relevância para o entendimento da influência do território no comportamento da comunidade escolar, pode ser compreendido por meio da seguinte passagem:

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. (HAESBERT, 2004, p.78).

Dentre as características locais que puderam ser percebidas durante as observações da rotina escolar, o poder simbólico que a instituição pesquisada exerce entre os indivíduos que circundam a escola, tanto colaboradores, quanto alunos e familiares é muito alto.

Em muitos casos, a segurança no projeto pedagógico de uma instituição longeva, unida às características inerentes aos valores agregados pela Igreja Católica, formam a base de segurança para o referido sentido simbólico. Muitos profissionais almejam ingressar na instituição, da mesma forma que muitos membros da comunidade local têm a pretensão de pertencer ao grupo, por meio do custeamento de suas taxas e mensalidades escolares.

Conforme descrito anteriormente, a instituição em que os indivíduos pesquisados estão matriculados foi criada há cinquenta e oito anos e, atualmente, conta com três mil alunos matriculados, distribuídos nos três segmentos da educação básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

O colégio tem uma estrutura física que apresenta alto nível estético e arquitetônico, com salas de aula conectadas à internet e lousas digitais, carteiras para os estudantes dispostas de forma tradicional, ou seja, enfileiradas.

Há um prédio exclusivo para cada segmento, onde as crianças não interagem com os pré-adolescentes e o mesmo acontece com os jovens do Ensino Médio. Nas três unidades da instituição é possível observar a presença de quadras esportivas, pátios e áreas de convivência para os alunos.

Trata-se de uma escola católica, com aulas de Ensino Religioso ministradas até o nono ano do Ensino Fundamental, sendo que os conteúdos da disciplina versam sobre Ciências da Religião e não apenas aos dogmas e crenças da religião católica. Conforme

observado em planejamentos de aula, há uma grande preocupação em não tornar a religião católica uma obrigação aos alunos e na não catequização dos mesmos.

O organograma do colégio é caracterizado por:

- Direção geral exercida por um padre agostiniano;
- Gerente Administrativo;
- Coordenadores Pedagógicos por segmento;
- Orientadores Educacionais por série;
- Professores licenciados em suas respectivas áreas;
- Auxiliares e funcionários de apoio pedagógico.

O projeto pedagógico apresentado pela instituição é composto aulas tradicionais, focadas em conteúdos e no uso do livro didático. O objetivo do colégio para os alunos, ao término do Ensino Médio é a aprovação nos vestibulares das universidades públicas estaduais ou federais e nas faculdades particulares de elite, além de bons resultados no ENEM. Este último que pode facilitar conseguir uma vaga nas universidades públicas e mesmo privadas, quando se trata do ProUni, porém esse não é o objeto desta pesquisa.

Tendo como base a proposta pedagógica da instituição pesquisada, o problema analisado por essa pesquisa está relacionado diretamente com o aumento da dificuldade que os alunos matriculados encontrarão para ingressar em universidades que, até então, eram restritas aos indivíduos de sua classe social, e que agora sofrem com a possível entrada de sujeitos de classes populares graças à Lei de Cotas.

Nesse contexto, a pergunta principal que se faz mais evidente e que se transformou **na questão norteadora da pesquisa** é: de que forma os alunos de classe média alta, acostumados com as aprovações na USP, UNESP e UNICAMP, se posicionam em relação à implantação do sistema de cotas?

Objetivos

O primeiro objetivo elencado para esta pesquisa é o de contextualizar o impacto que as práticas neoliberais causam no Ensino Superior brasileiro, em especial no cenário educacional da capital paulista, local de residência dos sujeitos entrevistados. A relevância desta contextualização é alta, uma vez que as condições financeiras criadas

para atrair os jovens para as “novas” universidades privadas da cidade tendem a exercer atração dos vestibulandos que não conseguirem ingressar nas universidades públicas, ou ainda, não conseguirem arcar com os altos custos impostos pelas instituições privadas com excelência acadêmica e reconhecidas pelo mercado.

Outro objetivo traçado por essa pesquisa é a tentativa de melhor compreensão da classe social mais diversificada que temos presente, a classe média. Por meio de fundamentações teóricas, dados econômicos governamentais e estudos aprofundados sobre os estratos que compõem a classe média, os sujeitos entrevistados estarão alocados em subdivisões da classe, para fins didáticos, onde os padrões de comportamento possam ser comparados.

E finalmente, o último objetivo faz referência às decisões que os vestibulandos da classe média paulistana irão tomar, justamente no momento em que esta classe social passa a ter que enfrentar seleções mais concorridas nas universidades públicas, (pela implantação da Lei de Cotas) e também em um novo contexto de “Bolha do Ensino Superior”. Tal contexto relaciona-se à forte especulação financeira nas mensalidades de universidades com reconhecimento de mercado, associado a um crescimento substancial na oferta de vagas nas universidades mais comerciais, criadas no momento de grande solidez das práticas neoliberais.

Tais objetivos e questão norteadora podem finalmente ser expressas nas seguintes **hipóteses de pesquisa:**

A- Os alunos do ensino médio, entrevistados para esta pesquisa, entendem que ingressar em uma universidade de renome os diferenciara perante os demais indivíduos de sua classe social e, conseqüentemente, no mercado de trabalho.

B- Indivíduos pertencentes ao mesmo estrato social, apresentam posicionamentos antagônicos sobre a implantação da Lei de Cotas raciais e sociais, nas universidades estaduais paulistas.

Com o objetivo de confirmar ou não as hipóteses descritas, anteriormente, foram desenvolvidos os seguintes **procedimentos de pesquisa**:

Análise documental.

Foi fornecido para a seleção preliminar dos alunos que seriam entrevistados, documentos preenchidos pelos pais e responsáveis na matrícula de seus filhos, onde constavam informações relevantes para a análise do perfil socioeconômico e acadêmico de cada família.

O objetivo principal da análise documental foi o de selecionar alunos que pudessem ser agrupados em duas categorias: a dos pais com diploma de nível superior e a dos pais sem o diploma de nível superior.

Segundo Thiollent (1986, p.61), a pesquisa deve abranger o conjunto da população que será consultada sob forma de questionários ou de discussões em grupos. Tal postura é viável quando a população é de tamanho limitado. Dentro desse universo preliminar, os documentos foram analisados novamente, para que fosse possível diversificar o máximo possível os alunos escolhidos para a entrevista.

Os critérios utilizados nessa nova etapa foram os raciais, a variedade de atividades remuneradas, a trajetória econômica da família, as opções de cursos e faculdades dos alunos. O ponto de convergência entre os entrevistados é o de que todos os alunos selecionados estão na terceira série do Ensino Médio e apresentaram notas globais superiores a setenta e cinco por cento de aproveitamento.

Entrevistas

Nesta etapa da pesquisa foram selecionados seis alunos, cujos perfis serão detalhados em outro capítulo, para uma entrevista de aproximadamente vinte minutos que abordaria temas capazes de contextualizar a classe média local, as expectativas em relação aos cursos de nível superior pretendidos, em relação às universidades e se tais expectativas correspondem com as das famílias.

De acordo com Thiollent (1986, p.64)

Na concepção de roteiros de entrevistas, questionários ou de outros instrumentos de coleta de dados, em pesquisa alternativa, sempre se coloca a questão do papel atribuído -aos elementos explicativos, associados à obtenção de informação esclarecida por parte dos respondentes. Consideramos que tais elementos não visam orientar as respostas em função das expectativas dos pesquisadores e sim desconsiderar as pessoas para que não respondam apenas com "facilidade", isto é, como se a sua resposta fosse um simples reflexo de senso comum ou dos efeitos do condicionamento pelos meios de comunicação de massa.

Procedimento de análise:

Os dados obtidos (ver apêndices) foram organizados em quadros-síntese e tabelas para a apresentação dos resultados, de acordo com os seguintes eixos de análise:

- a- escolarização dos pais
- b- contexto e perfil cultural dos grupos familiares
- c- perfil dos alunos
- d- escolhas acadêmicas e percepção do sistema de cotas

Com a base teórica apresentada pelo autor, a etapa caracterizada pela entrevista pode ser analisada como a mais complexa, pois há uma tendência natural dos entrevistados em reproduzir as ideias de seu grupo social (família e amigos).

Por fim, resta acrescentar a esta Introdução que a Dissertação resultante da pesquisa está organizada em dois capítulos:

- O primeiro destinado a apresentar o ensino superior brasileiro no contexto neoliberal e a legislação norteadora do sistema de cotas nas universidades estaduais paulistas.
- No segundo são apresentados os conceitos norteadores da pesquisa.
- O terceiro capítulo apresenta e analisa os resultados obtidos.

Finalmente, encerram a Dissertação: as Considerações Finais, as Referências e os Apêndices.

Capítulo I - ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO NO CONTEXTO NEOLIBERAL

1.1 - Contextualizando a pesquisa.

A análise do prefixo “neo” nas palavras do vocabulário brasileiro permite encontrarmos o significado de novo e atualizado para o sufixo que vem acoplado a ele. O termo neoliberalismo ratifica essa interpretação, uma vez que o respectivo movimento econômico sucede as práticas do liberalismo de maneira temporal, ou seja, sucede na linha do tempo e se apresenta como atualizado em busca da necessidade de investimentos de capital em diferentes territórios, ação protegida pela bandeira da globalização.

O liberalismo reúne as práticas que envolvem uma sociedade com a intervenção do Estado em serviços básicos para os indivíduos e que garante o chamado “Estado de bem-estar social”. A base assistencial para a população pode ser traduzida por ações que garantam a gratuidade nos serviços de educação, saúde, segurança, habitação, aposentadoria, entre outros.

As práticas liberais são responsáveis por garantir aos indivíduos da sociedade local, a estabilidade e ampla oferta de serviços básicos que visam a garantir a dignidade social por meio do recolhimento dos impostos. O esclarecimento de dois aspectos nessa prática merece destaque nesse ponto do texto: o primeiro deles é o de que o pagamento de impostos garante a obrigatoriedade na prestação de serviços pelo Estado de forma direta e irrevogável. De acordo com a Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 205: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

O segundo ponto que merece ser esclarecido é o de que, na prática brasileira, a obrigatoriedade nesta oferta não garante, necessariamente, serviços com qualidade. Para ratificar tal afirmação, é possível utilizar os dados mais recentes de desempenho escolar obtido pelos alunos das escolas públicas brasileiras. Tomando como base os resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica - ano base 2017 - a população de concluintes que apresenta resultados insuficientes em relação às disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática alcança o elevado índice de 70% do grupo, enquanto apenas 4% dos alunos apresentou resultados realmente apropriados nas duas disciplinas.

Após a década de sessenta, com a falta de qualidade propagada e intensificada, mostrada pelos dados governamentais, abriu-se espaço para o surgimento de necessidades qualitativas em detrimento aos números quantitativos. A amplitude dos serviços prestados em um Estado como o brasileiro, com sérias dificuldades estruturais, corrupção praticada em todas as esferas políticas e com território geográfico amplo e desigual, favorece que o Estado deixe de privilegiar o investimento em educação, da mesma forma que aumenta a probabilidade de não alcançar a qualidade necessária, porém, essa lacuna acaba por impulsionar o surgimento das práticas neoliberais.

Em linhas gerais, neoliberalismo é o nome dado ao conjunto de práticas econômicas que permite a entrada da iniciativa privada na prestação de serviços que originalmente deveriam ser garantidos pelo Estado. Dessa forma, o cidadão continua pagando os impostos e alimentando a estrutura estatal, mas se vê obrigado a pagar por serviços privados, visando a qualidade que não lhe foi entregue pelo governo.

Em seu livro, *Política neoliberal e sindicalismo no Brasil*, Boito Jr (1999), descreve a ideologia neoliberal como a exaltação do mercado, da concorrência e a liberdade da iniciativa privada, rejeitando agressivamente a intervenção do Estado na economia. Em síntese, o autor retrata a ideia de mercado, adotada pelas sociedades modernas no mundo capitalista.

David Harvey (2005) destaca que além de econômica, a teoria neoliberal é extremamente próxima da política, uma vez que tais práticas de garantia do bem-estar humano deixam de ser responsabilidade dos governos e passam a ser melhor promovido liberando-se as ações na esfera estrutural institucional, garantido amplos direitos a propriedade privada. Ao Estado, cabe a função exclusiva de garantir esse cenário para a proliferação das práticas neoliberais, onde tal cenário pode ser caracterizado pela estabilidade do dinheiro, estabilidade militar, policial e legislação aberta aos direitos das propriedades individuais que garanta o funcionamento desse mercado.

A trajetória das políticas neoliberais no Brasil na área da educação, foi intensificada na década de noventa, com o aumento de grupos privados no ensino superior. Nesse período de maior abertura à iniciativa privada na educação brasileira, os grupos econômicos passam a investir na ampliação de vagas em cursos que visam a atender as demandas de mercado. As vagas nos cursos superiores propostos pelas “novas” universidades e faculdades brasileiras são implantadas com total estímulo do governo, uma vez que há a necessidade explícita de responder às expectativas da indústria e mercado de serviços.

Faz-se necessário ressaltar que a iniciativa privada brasileira, na década de sessenta era composta basicamente por capital financeiro nacional, já as políticas neoliberais, implantadas após os anos noventa, demonstram a forte presença do capital internacional, no chamado movimento de transnacionalização na prestação de serviços, em especial na área de educação, escopo desta pesquisa.

Esse novo movimento pode ser caracterizado pela presença de grandes grupos estrangeiros que incorporaram um grande número de empresas nacionais, aumentando ainda mais o número de vagas e de campi, resultando em um excesso de mão-de-obra pouco qualificada e na degradação da função essencial do ensino superior (ensino, pesquisa e extensão).

A mercantilização do ensino superior brasileiro, ocorrida nos últimos anos, impactou de maneira negativa em várias áreas da educação, seja na maneira como a carreira docente passa a ser descaracterizada e desvalorizada, seja pela formação rasa dos profissionais. Ambas as consequências das práticas neoliberais visam atender as demandas dos empresários da área, pois é de extremo interesse desse mercado, o excesso de profissionais para que o lucro seja potencializado em decorrência da queda de salários dos docentes.

Em paralelo à expansão do mercado educacional privado, a universidade pública passa por um vergonhoso processo de degradação e diminuição de investimento governamentais. A autonomia prevista para as universidades públicas contrapõe os interesses calculados pelo mercado, primeiro por ser responsável pela sua produção científica e segundo por não ter que estar alinhada às demandas de mercado.

Essa liberdade de atuação transforma a universidade pública em um alvo claro das políticas neoliberais, porém a grande contradição existente nessa relação é a de que tais universidades têm os seus profissionais ambicionados pelas empresas e também são alvos constantes de uma sedução mercantil, uma vez que seus laboratórios, cérebros e infraestrutura atraem esse empresariado para que novas descobertas possam preencher as lacunas existentes no mercado.

Levando-se em consideração os aspectos apresentados ao longo desse texto, é possível concluir que as políticas neoliberais na educação superior impactam diretamente na formação dos profissionais, oriundos das instituições comerciais, além da respectiva desvalorização da carreira docente.

Como consequência direta desse processo de globalização e de inclusão de políticas neoliberais, a classe média brasileira é a que mais sofre com esse impacto, tendo

sua renda diminuída e a sua sobrevivência colocada em questão, pois o excedente de profissionais e a falta de estrutura educacional apenas reforçam a ideia de que a desigualdade social e concentração de renda são os dois grandes objetivos das elites econômicas da educação.

Uma expressão muito utilizada nas políticas educacionais, diz respeito ao processo de democratização da educação. Para este processo, é atribuído o sentido de ampliação do acesso e permanência dos alunos ao ensino e mais especificamente, em se tratando do ensino superior, há o entendimento de que o número de vagas aumentará, possibilitando a profissionalização e a difusão de novos saberes para um maior número de indivíduos.

É importante ressaltar que a ideia de democratização do ensino superior tem um grande apelo entre os indivíduos que compõem uma sociedade voltada para uma educação profissionalizante. O diploma superior, em tese, garante uma colocação no mercado de trabalho e pode propiciar aumento de renda aos seus concluintes. Essa é a grande ambição que estimula as pessoas a buscarem uma vaga em uma universidade.

Graças às políticas neoliberais que estão atuando no Brasil desde a década de noventa, destaca-se forte evidência da diminuição de investimentos em instituições públicas de ensino superior, além de grande incentivo governamental para que a iniciativa privada amplie o número de vagas em suas empresas, o que mudou a maneira como os indivíduos encaram a democratização do ensino.

Prioritariamente, a ampliação de vagas no ensino superior público deveria ser uma consequência dos investimentos governamentais, oriundos dos impostos recolhidos pelos contribuintes. Dessa forma, a população conseguiria ter o retorno do Estado e teria acesso a um ensino de qualidade, visto que as universidades públicas são reconhecidamente as que mais produzem ciência, inovação e têm os diplomas com maior valor simbólico para os seus egressos.

Contrariamente ao que se entende por democratização do ensino superior, as vagas que estão sendo criadas em todo o território nacional são as oferecidas pelas instituições privadas, que em sua origem, respeitam as demandas do mercado e da indústria e não necessariamente possuem qualidade acadêmica comprovada.

Em seu livro “Os Empresários e a Educação Superior”, escrito em 2007, José Rodrigues apresenta dois conceitos que podem ilustrar esse conflito de interesses no que tange a democratização do ensino superior.

O primeiro faz referência ao conceito de educação-mercadoria, onde os serviços prestados são vendidos no mercado educacional, um bom exemplo é o dos cursos de graduação oferecidos pelas universidades privadas. O segundo conceito é o de mercadoria-educação, onde o conhecimento, propriamente dito, acaba por assumir o meio fundamental de produção de outras mercadorias.

Em ambos os casos, a idealização de que apenas o diploma de nível superior fará com que o indivíduo alcance o sucesso profissional e financeiro reverbera na sociedade de modo que a necessidade por vagas em universidades não acompanha a expansão estatal, sendo assim, a dita democratização ocorrerá pela iniciativa privada.

Cria-se, neste cenário, a falsa ideia de que as vagas estão disponíveis aos estudantes e que o sucesso está nas mãos de todos, bastando apenas uma decisão particular e esforço próprio, não levando em conta o investimento necessário para que o estudante possa frequentar seu curso.

Esta tensão existente no ensino superior brasileiro, acaba por resultar em uma quantidade significativa de indivíduos excluídos das universidades. Se de um lado, as vagas nas instituições públicas são restritas, no outro, a classe popular não consegue arcar com as mensalidades propostas pelas instituições privadas.

É bem verdade que na última década houve iniciativas de democratizar o acesso ao ensino superior público para estudantes com baixa renda, ou mesmo para grupos étnicos (pretos, pardos e indígenas), são as chamadas cotas específicas, onde pôde ser percebido o aumento no número de ingressantes das referidas categorias, em universidades tidas, até então, como reduto dos estudantes da classe média e alta brasileira.

Em seu artigo “Política de cotas no Brasil: política social? ”, a autora Janete Luzia Leite descreve tais políticas como necessárias para continuar atendendo às demandas neoliberais. A ideia central é a de que não há interesse, nem americano e nem brasileiro, que se instaure no país a miséria total da população. Para que a continuidade do consumo mínimo ocorra, os indivíduos devem ter uma renda condizente. O termo em destaque desse artigo é o “controle da pobreza”, a necessidade de haver consumo de bens e da manutenção da hegemonia produtiva dos países imperialistas.

Bourdieu defende em seu texto “Os excluídos do interior” (2003, p.483) que não é possível garantir que os diplomas das instituições escolares, neste caso as escolas secundárias, mas um paralelo pode ser traçado com o nível superior, perdendo o valor capital e econômico em sua sociedade local, à medida que indivíduos provenientes de

classes sociais mais baixas dividam espaço com as classes mais ricas. Esta pode ser uma consequência muito significativa no ensino superior a partir do momento que as cotas passam a ser ampliadas em universidades de grande relevância acadêmica.

Contudo, as consequências da “democratização” do ensino superior apresentadas ao longo deste texto transmitem uma sensação de injustiça ou mesmo de dissimulação da realidade enfrentada pelos estudantes das classes mais populares, e ainda, uma característica pouco explorada e muitas vezes ignorada é a de que existem nesta classe social, indivíduos capazes, intelectualmente, de acompanhar o ensino superior em seus mais variados cursos de graduação, porém com a falta de repertório conceitual da educação básica, o filtro estabelecido pelos vestibulares acaba por inviabilizar o seu acesso. Neste ponto, a problemática acentua-se no acesso ao ensino superior e não em sua permanência.

A pobreza em que se encontram os membros das classes sociais mais populares, inviabiliza, inclusive, o primeiro passo em direção ao ensino superior, muitos não concluem sequer a educação básica, enquanto outros tantos, não se entendem como seres humanos dotados de condições para ingressar em universidades de referência. A questão em si, não é a falta de potencial ou mesmo de ambição e sim, a falta de base, pois infelizmente a pobreza acaba por ser determinante no fracasso escolar destes estudantes.

1.2 - O sistema de cotas no ensino superior brasileiro - aspectos legais

Para nortear e proporcionar o melhor entendimento sobre os principais pontos presentes na legislação da Lei de Cotas, implantada para as universidades federais e as resoluções que propuseram as regras de implantação do sistema de cotas nas universidades estaduais paulistas, foram utilizados, neste capítulo, excertos comparativos que tornam mais didática a apresentação das realidades de cada instituição. É de extrema relevância destacar que ao contrário das universidades federais, que são submetidas aos decretos do governo federal, a USP, UNESP e UNICAMP, possuem autonomia de gestão e, portanto, não precisam seguir nenhum padrão estabelecido por algum órgão externo, da mesma forma que podem alterar as decisões implantadas atualmente.

Neste cenário temos a Lei de Cotas implantada nas universidades federais brasileiras, segundo o documento publicado em página eletrônica do Ministério da Educação e Cultura:

“A Lei número 12.711/2012, sancionada em agosto deste ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência”

Na Universidade de São Paulo, o Conselho Universitário da instituição defere a implantação da Lei de Cotas, de acordo com o site oficial da instituição. A mecânica de funcionamento da reserva de vagas pode ser entendida pelo excerto abaixo:

“A reserva será feita de forma escalonada a partir do próximo ano: no ingresso de 2018, serão reservadas 37% das vagas de cada Unidade de Ensino e Pesquisa; em 2019, a porcentagem deverá ser de 40% de vagas reservadas de cada curso de graduação; para 2020, a reserva das vagas em cada curso e turno deverá ser de 45%; e no ingresso de 2021 e nos anos subsequentes, a reserva de vagas deverá atingir os 50% por curso e turno.”

Em seu artigo “Os caminhos para ingressar na UNICAMP”, o professor José Alves de Freitas Neto, coordenador da COMVEST (Comissão Permanente do Vestibular da UNICAMP) além de detalhar as formas de ingresso, explica as ações afirmativas, aprovadas pelo Conselho Universitário (CONSU), com o objetivo de aumentar a presença de alunos de escola pública e comunidade PPI, na universidade, dessa forma:

“O Vestibular Unicamp continuará a ser o principal sistema de ingresso na Unicamp: pouco mais de 80% das vagas da Unicamp (2.589) estão disponíveis nesta modalidade. Podem se inscrever estudantes de escola pública e privada e as provas continuarão a ser realizadas em duas fases. Uma mudança importante é na bonificação do Programa de Ação

Afirmativa e Inclusão Social (PAAIS) aplicável a estudantes de escola pública. Os estudantes que tenham feito integralmente o Ensino Fundamental II terão 20 pontos adicionais à sua média padronizada. Os que cursaram o Ensino Médio, 40 pontos. O PAAIS, ao diminuir a bonificação do Ensino Médio e bonificar o estudante do Ensino Fundamental, busca ser mais adequado quanto aos critérios sociais. Os 60 pontos que eram atribuídos, até ano passado, a quem realizou o Ensino Médio só serão atribuídos a quem fez, no mínimo, 7 anos de escola pública (Fundamental II e Médio). Outra novidade é adoção de cotas étnico-raciais: 15% das vagas regulares da Unicamp estão nessa modalidade. São 509 vagas, das 3.340 vagas regulares da Unicamp.” (NETO,2018).

A resolução divulgada pela VUNESP, que destaca o regimento para a distribuição das vagas entre cotistas e ampla concorrência, discutido e aprovado pelo Conselho Universitário da UNESP para o vestibular 2019, pode ser analisado pela mecânica descrita abaixo, retirada do site oficial da instituição:

“ Das 7.365 vagas oferecidas no Vestibular 2019 da Unesp, de acordo com as regras para distribuição das vagas norteadas por ações afirmativas, são 3.667 vagas oferecidas para o Sistema Universal e outras 3.698 para o Sistema de Reserva de Vagas para a Educação Básica Pública --em cada curso de graduação, serão destinadas no mínimo 50% das vagas aos estudantes que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas brasileiras. Das vagas destinadas ao Sistema de Reserva de Vagas para a Educação Básica Pública, 1.300 dessas vagas (35% desse universo) são reservadas aos candidatos que se autodeclararam pretos, pardos ou indígenas.”

Tomando como base os regulamentos que conduzem o ingresso dos alunos nas instituições de ensino superior, federais e estaduais paulistas, é possível afirmar que a diversidade de modalidades de ingresso vem se moldando às necessidades da sociedade, porém, ainda não há um modelo único, que seja considerado ideal. A diversidade apresentada demonstra para os vestibulandos a dificuldade de se implantar um sistema que além de justo, consiga traduzir a filosofia e particularidades de cada instituição.

Capítulo II- Conceitos norteadores da pesquisa

2.1- Os conceitos de capital cultural, habitus e poder simbólico de Pierre Bourdieu

Tendo Pierre Bourdieu como principal referência bibliográfica para esse trabalho e sabendo-se de sua vasta contribuição para a área da Sociologia, estabeleceu-se como oportuno a seleção de alguns conceitos elaborados pelo autor, que poderão relacionar-se com os resultados desta pesquisa, são eles: capital cultural, *habitus* e poder simbólico.

O primeiro conceito faz-se necessário para comparar o perfil dos estudantes entrevistados com o perfil dos estudantes que ocupariam as vagas destinadas pelos programas de cotas das universidades estaduais. Para Bourdieu, o conceito de capital cultural é dividido em três estados, como pode ser visto em uma passagem do seu texto: “Os três estados do capital cultural” Bourdieu (1979):

O capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais - quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural - de que são, supostamente, a garantia - propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 1979, p.02)

Utilizando-se de tais conceitos para caracterizar o grupo de estudantes, objeto desta pesquisa, é possível supor que os indivíduos entrevistados apresentam elevado capital cultural nos estados incorporado e institucionalizado, porém há divergências no que tange ao capital cultural no estado objetivado, sob a forma de bens culturais.

Outro conceito norteador desta pesquisa, coletado da obra de Bourdieu, é o conceito de *habitus*, conforme trazido pelo próprio autor:

É a sua posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos, entendidos como pessoas físicas, transportam com

eles, em todo tempo e lugar, sob a forma de *habitus*. Os indivíduos "vestem" os *habitus* como hábitos, assim como o hábito faz o monge, isto é, faz a pessoa social, com todas as disposições que são, ao mesmo tempo, marcas da posição social e, portanto, da distância social entre as posições objetivas, entre as pessoas sociais conjunturalmente aproximadas e a reafirmação dessa distância e das condutas exigidas para "guardar suas distâncias" ou para manipulá-las estrategicamente, simbólica ou realmente reduzi-las, aumentá-las ou simplesmente mantê-las (BOURDIEU, 1983, p. 75).

O conceito de *habitus*, trazido pelo autor, pode ser relacionado com a forma e os costumes que os indivíduos que compõem essa pesquisa aplicam em seu cotidiano, dentro e fora do ambiente escolar. É possível verificar que, mesmo em um grupo com macroclassificação homogênea, existem divergências significativas em relação ao seu posicionamento como cidadão.

A questão social apresentada por essa pesquisa, em alguns casos, se contrapõe aos fundamentos que os referidos entrevistados adquiriram ao longo de toda a sua constituição como indivíduo. Determinados prismas e cenários não fazem parte dos valores aprendidos e reproduzidos socialmente por eles, sendo assim, é possível constatar que a definição de *habitus*, trazida por Bourdieu é de extrema relevância para justificar o posicionamento nas entrevistas.

A referência conceitual de capital simbólico é fundamental para a interpretação do valor atribuído pelos vestibulandos aos cursos de graduação nas universidades estaduais. Como definição para capital simbólico, Bourdieu se utiliza de certas diferenças de poder que existem na sociedade, com as quais algumas pessoas ou instituições podem persuadir ou se imporem aos demais em relação aos seus objetivos ou ideias.

Essa capacidade é diretamente relacionada ao conhecimento, prestígio ou reconhecimento de que gozam as pessoas e instituições que tornam seus discursos mais convincentes. O capital simbólico é em suma, o resultado de um processo cumulativo desde o nascimento do indivíduo e que lhe atribui autoridade perante seu grupo.

Por fim, o conceito de capital social trazido pelo autor faz referência à teia de relações existentes na vida de cada indivíduo, colaborando com a manutenção de classes e de valores agregados. Segundo o autor, "o agregado dos recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo" (BOURDIEU, 1985, p. 248).

2.2– Definições sobre classe média.

O contexto social em que esta pesquisa está inserida é o da classe média paulistana. Devido à complexidade que tal classe apresenta em seu contexto de composição na sociedade, é necessário buscar em fontes variadas as informações necessárias para a sua caracterização. Desta forma, as características sobre a classe média devem abarcar aspectos estatísticos, econômicos e sociológicos.

A definição de classe média apresentada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística compreende apenas as informações sobre a renda familiar, sendo assim, os indivíduos que compõem as classes B, C e D (classe média alta, média e baixa) da sociedade brasileira deverão apresentar renda compatível com a faixa de um a quinze salários mínimos.²

Como é possível observar, a caracterização do público desta pesquisa, com base apenas no critério de renda, não é viável, pois tais dados apontam para duas variáveis, a primeira é a de limitação (apenas a renda é considerada) e a segunda é a de amplitude do cenário, pois indivíduos com renda muito diferentes entre si são classificados como classe média.

Outra fonte oficial de informações do governo brasileiro, o chamado SAE (Serviço de Assuntos Estratégicos), definiu, em 2017, que a classe média do país era, até então, composta por indivíduos que possuíam renda per capita variando entre R\$ 291,00 (duzentos e noventa e um reais) e R\$ 1019,00 (um mil e dezenove reais). A diferença entre os dados apresentados pelo SAE e o IBGE é a análise dos gastos essenciais e supérfluos das famílias, tanto quanto o seu grau de vulnerabilidade financeira, além da renda.

A estratificação da sociedade passa a ser uma demanda importante de análise econômica. Por meio desta metodologia é possível identificar características que aproximam os indivíduos em uma esfera mais específica, denominada estrato.

Para Kamakura e Mazzon (2013), a população brasileira passaria a ser distribuída em sete estratos econômicos, desde que respeitado os seguintes critérios:

² O valor do salário mínimo atualizado é o de R\$ 998,00 (Novecentos e noventa e oito reais). Fonte: Diário Oficial da União, 01/01/2019.

- A- Análise de dados baseada no conceito de renda permanente;
- B- Caráter multidimensional, ou seja, baseada em variáveis diversas que possam expressar o status socioeconômico familiar;
- C- Não ser arbitrário na definição do número de estratos socioeconômicos e na alocação das famílias em cada um deles;
- D- Evitar a perda de dados, prejuízo identificado com muita facilidade nas pesquisas sociais;
- E- Ser flexível para trabalhar com subconjuntos de uma base de dados;
- F- Ser robusto para o uso de diferentes métricas (nominais, ordinais ou de contagem);
- G- Levantar em conta as diferenças regionais;
- H- Considerar as diferenças na composição das famílias.

Seguindo os critérios propostos pelos autores mencionados, a população poderia estar segmentada desta forma:

Tabela 1- Tamanho dos estratos segundo o novo modelo:

Estratos	Denominação	Tamanho dos estratos POF (em %) *
1	E1	2,8
2	E2	3,6
3	E3	15,1
4	E4	20,6
5	E5	20,6
6	E6	22,8
7	E7	14,5

Fonte: Adaptado de “Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil”, de W. A. Kamakura e J. A. Mazzon, 2013a, São Paulo: Blucher * Pesquisa de orçamentos familiares

Utilizando-se a referência de estratificação proposta por Kamakura e Mazzon, a renda dos brasileiros e suas respectivas características sociais poderão ser observadas na tabela que segue:

Tabela 2 - Perfil de renda familiar e permanência escolar nos sete estratos socioeconômicos:

Indicadores	Estrato socioeconômico						
	1	2	3	4	5	6	7
Renda mensal familiar (R\$)	17.603	10.055	4.783	2.745	1.463	1.019	673
Até 3 anos de escola	4,0%	0,6%	8,6%	14,6%	19,7%	45,9%	61,6%
De 4 a 7 anos de escola	2,4%	1,4%	15,0%	24,3%	29,3%	33,8%	25,9%
De 8 a 10 anos de escola	2,6%	1,8%	10,2%	15,1%	17,6%	11,2%	7,5%
De 11 a 14 anos de escola	26,9%	37,3%	42,7%	40,0%	31,4%	9,0%	4,8%
15 ou mais anos	64,1%	58,9%	23,4%	6,0%	1,9%	0,1%	0,2%

Fonte: Adaptado de “Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil”, de W. A. Kamakura e J. A. Mazzon, 2013a, São Paulo: Blucher.

Essa última metodologia para análise dos dados e de caracterização social da população brasileira, por demonstrar um caráter mais minucioso será adotada, na análise dos resultados da pesquisa, para a caracterização dos indivíduos em relação à sua classe social.

Em paralelo aos estudos realizados por Kamakura e Mazzon, com ênfase nos aspectos econômicos das classes sociais estratificadas, os estudos de Pochmann sobre a classe média mais atual, ou ainda o termo mais atual “a nova classe média”, tendem a se encontrar com os discursos proferidos pelos entrevistados desta pesquisa. Em dois relatos trazidos para esta pesquisa, há a forte evidência de uma ascensão social, porém restrita aos limites de uma classe média (estrato 3), que corrobora com definição de falsa “mobilidade social” trazida por Pochmann.

Para o referido autor, a terminologia “nova classe média”, frequentemente resgatada para estabelecer um sentido de ascensão social aos indivíduos das classes mais baixas, principalmente nas duas últimas décadas, não corresponde com a realidade, segundo ele:

Mesmo com o contido nível educacional e a limitada experiência profissional, as novas ocupações de serviços absorvedoras de enormes massas humanas resgatadas da condição de pobreza, permitem inegável ascensão social, embora ainda distante de qualquer configuração que não a de classe trabalhadora. Seja pelo nível de rendimento, seja pelo tipo de ocupação, seja pelo perfil e atributos pessoais, o grosso da população emergente não se encaixa em critérios sérios e objetivos que

possam ser claramente identificados como classe média.
(POCHMANN, 2012, p.20)

É possível extrair da citação feita por Pochmann que a ascensão conquistada pela população que se encontrava presente na classe mais popular da pirâmide econômica brasileira, não é sólida e estável. Relacionando tal conceito com os estudos trazidos por Kamakura e Mazzon, temos que, apesar de uma renda situacional mais elevada, a mesma tende a ser frágil, seja pelas condições de trabalho ou por uma base acadêmica irrelevante.

Para Pochmann, a classe trabalhadora brasileira não tem como característica evidente, o hábito de poupar, em linhas gerais, os assalariados gastam a totalidade de seus proventos mensais. Vale ressaltar que a citação feita pelo autor, não faz referência à maioria dos responsáveis pelos entrevistados desta pesquisa, porém, estabelece padrões de comparação entre eles.

Outra definição para a classe média, dessa vez em um contexto mais sociológico do que econômico, é trazida pelo autor Décio Saes. O autor nos apresenta a seguinte definição de classe média:

Esse grupo social congrega todos os trabalhadores, assalariados ou não, que, além de desempenharem algum trabalho apenas indiretamente produtivo (quando não absolutamente improdutivo), autor apresentam-se, no plano ideológico, como trabalhadores não-manuais, distintos dos trabalhadores manuais e superiores a eles nos planos profissional e social. (SAES, 2005. p.100).

Sendo assim, apesar de apresentarem uma renda mais elevada (estratos econômicos mais elevados, segundo Kamakura e Mazzon) do que os indivíduos apresentados por Pochmann, o perfil das famílias dos entrevistados não se distancia da vulnerabilidade profissional, evidente na classe média.

Em sua grande maioria, os responsáveis pelos alunos entrevistados são assalariados, diferenciados no plano ideológico dos trabalhadores não manuais (Saes, 2005) e sujeitos aos riscos dos novos modelos que a economia irá ofertar ao mercado, após as reformas trabalhistas estabelecidas pelos últimos governos brasileiros, porém, apesar da diferenciação social, a vulnerabilidade profissional é o grande desafio apresentado por quase todos os autores e órgãos que se dispuseram a definir a classe média neste estudo.

Capítulo III – Impacto da implantação das cotas raciais e sociais para os entrevistados desta pesquisa.

As famílias escolhidas para ilustrar o grupo de sujeitos entrevistados, neste texto, apresentam características diversas em relação aos aspectos sociais e acadêmicos que as caracterizam, conforme declarações dadas por eles.

Há entre os pais dos entrevistados, uma variação significativa nos aspectos acadêmicos de suas formações, enquanto é possível identificar pais com pós-graduação completa, também é foi constatado a presença de pais com apenas o Ensino Fundamental concluído.

No discurso dos sujeitos onde houve menção ao nível superior tardio de seus responsáveis, é factível relacionar o ingresso nas universidades com as consequências trazidas pelas práticas neoliberais nesse segmento (aumento indiscriminado de vagas em instituições privadas de ensino superior, com baixa empregabilidade em consequência de um excedente de profissionais com diploma em nível superior, mas com formação técnica pouco reconhecida pelo mercado acadêmico e de trabalho).

Entende-se como ensino superior tardio, o curso de graduação concluído fora da faixa etária que sucede o ensino médio e como ponto em comum, tais indivíduos graduaram-se em instituições privadas, com o objetivo claro de manutenção do emprego. Houve entrevistados que relataram que os cursos superiores, concluídos por seus pais, não alteraram em nada suas carreiras profissionais, pois os mesmos não exercem as profissões em que se formaram. Tal diversidade pode ser observada na Tabela 3, que segue:

Tabela 3- Nível máximo de escolaridade dos pais dos entrevistados:

Sujeitos	Nível máximo de instrução
1	Superior tardio (pai e mãe)
2	Pós-graduados (pai e mãe)
3	Ensino Fundamental (pai e mãe)
4	Ensino Médio incompleto (pai) Superior Tardio (mãe)
5	Superior e Pós-graduados (pai e mãe)
6	Superior tardio (pai e mãe)

*Superior Tardio: Graduação concluída após os 24 anos de idade.

De acordo com a definição estratificada de classe média, trazida por Kamakura e Mazzon (2013), o nível de escolaridade obtido pelos responsáveis dos entrevistados deveria ser compatível com a renda do grupo familiar, porém, após a coleta dos resultados, tal definição não foi comprovada em sua totalidade.

Dentre os seis sujeitos entrevistados, apenas um (sujeito 3) não tem pais com nível superior completo e pertencem ao quarto estrato social e paradoxalmente, outros entrevistados (sujeitos 4 e 6) têm o provedor familiar, com baixo grau de escolaridade, mas com grande sucesso profissional, garantindo a esse grupo familiar, um posicionamento no primeiro estrato. Para ilustrar a contradição apontada, trago, primeiramente o trecho da entrevista com o sujeito 3, onde fica evidenciado a estratificação social de seus pais:

Sujeito 3

Escolaridade e renda

- “- Qual profissão do seu pai?*
- Meu pai é mensageiro.*
- O que é mensageiro?*
- De hotel, hotelaria, ele recepciona as pessoas na rede do hotel?*
- E é uma rede de hotel grande? Pequena?*
- Grande.*
- E eu sei a profissão da sua mãe, mas qual é a profissão da sua mãe?*
- Copeira.*
- De onde?*
- Do Colégio.”³*

E para demonstrar que mesmo dentro de um cenário, cujas profissões exercidas pelos responsáveis, no caso, sujeito 3, independem do diploma superior, destaco a passagem do diálogo com o referido entrevistado, onde o mesmo aponta seu conforto financeiro:

³ Todos os diálogos destacados em itálico e colocados entre aspas foram extraídos das entrevistas desta pesquisa. Tais entrevistas foram transcritas em sua íntegra e estão disponíveis no item Apêndice dessa dissertação.

“- É? ok. Como você analisa a sua vida em casa? Acha que é confortável? Você passa vontade de ter coisas? Você, enfim como avalia a sua vida?

- Eu acho bastante confortável, tipo umas coisas eu até desejo, mais ...

- O que você gostaria de ter e não tem ou não teve? Teve alguma coisa de pequeno que você queria ter e não pôde?

- Não.

- Então você acredita, por exemplo, que você tem o tênis que você gostaria de ter?

- Sim.

- Você tem?

- Tenho.”

A contradição que une o sujeito entrevistados acima (sujeito 3) e os destacados abaixo (sujeitos 4 e 6), referindo-se ao baixo grau de escolaridade e conforto financeiro, pode ser observada nos depoimentos trazidos nos seguintes trechos:

Sujeito - 4

Escolaridade e renda

“- Meu pai ele largou a escola no terceiro e hoje ele é acionista.

- Acionista do que?

- Ah, não sei muito bem, ele não gosta muito de falar da profissão, ele não quer que eu conheça muito pra não entrar muito nesse mundo, que ele disse que é muito arriscado.

- Mas é o que em termos de bolsa?

- Sim.

- E como que você classifica a sua condição financeira? É confortável, pouco confortável?

- Confortável.

- É confortável? Por que você acha que é confortável?

- Porque eu nunca precisei de nada, sempre que precisei tava lá, sabe. Não tenho o melhor de tudo, não preciso de tanto conforto, mais tudo tranquilo assim, eu não deixo de fazer nada, eu não perco nada por isso.

- Você mora numa casa própria?

- Sim.

- Quitada? Você tem veículo? Automóvel?

- Sim.

- É, sempre foi assim a sua vida?

- Sempre.”

Por fim, o sujeito 6, apresenta atualmente o que denomino ensino superior tardio, porém a solidez financeira foi construída durante sua carreira como jogador de futebol, com apenas o Ensino Médio completo. Tais informações poderão ser ilustradas pela passagem da entrevista, descrita abaixo:

“- Como que você se considera em termos financeiros? Você acha que sua vida é confortável?”

- Sim.

- Por que que ela é confortável? O que você identifica de conforto?

- Eu acho que moro num apartamento de alto padrão

- É? O que você chama de alto padrão? De tamanho?

- Ele é gigante, é novo né.

- Que bairro que é?

- Anália Franco, perto do shopping.

- É um bairro Bom?

- É bem localizado, é um bairro bom, é uma rua legal com bastante prédio...

- O Apartamento é quitado?

- O apartamento é quitado.

- Tem carro da família?

- Têm, têm dois carros.

- Sua mãe dirige e você é o mais velho ainda não dirige?

- Sou mais velho e ainda não.

- É... Você sempre teve o que você quis ou isso aconteceu de uns tempos pra cá? Sempre teve dinheiro ou essa ascensão aconteceu agora?

- Sempre tive, nunca faltou nada. Não sei comparar, eu sempre morei em apartamento pouco menor, mas para época era um apartamento de alto padrão também. Então, nunca tive uma diferença, uma grande subida, ou ascendência em termos financeiros. Para mim sempre foi a mesma coisa, nunca... assim ter o que eu quero acho que é um pouco amplo demais, mas eu sempre tive o que precisei.

- Precizou... se você precisasse trocar um tênis, você tinha como trocar?

- Sim. Nunca assim foi uma coisa exagerada, mas foi na medida certa.

- E esse padrão de vida que você tem, veio do que?

- Ah, do trabalho do meu pai né.

- Do trabalho do seu pai? Conta um pouco do trabalho do seu pai.

- Meu pai, você sabe né? acho que você sabe, jogou no futebol, foi o jogador. E é uma profissão que se você se você tiver sucesso, ela dá bastante dinheiro né, porque tem patrocínio e muita publicidade envolvida e acaba recebendo bastante né. Tanto que minha mãe não precisa trabalhar, desde que a minha mãe é casada ela não trabalha. “

E para corroborar com a contradição baixo grau de escolaridade e conforto financeiro, o sujeito 6 desta entrevista traz a seguinte passagem sobre seus responsáveis:

Sujeito 6

Escolaridade e renda

“- Como foi o estudo para os seus pais?”

- Meu pai sempre estudou em escola pública e não teve muita condição, estudou... Ele fez o ensino médio, se eu não me engano, em uma escola técnica.”

Diferentemente da primeira contradição demonstrada entre grau de escolaridade e renda familiar (sujeitos 3, 4 e 6), o panorama possível de ser descrito é o que ocorre entre os pais com formação de nível superior completo, cujos sujeitos entrevistados (sujeitos

1, 2 e 5) apresentam renda e rotinas culturais diversas, conforme observados nos trechos abaixo:

Sujeito 1- Lazer e cultura:

“- E nos seus finais de semana, o que você faz? O que você faz nos seus momentos de lazer?”

- *Hum, fico mesmo na Internet, assisto um filme, uma série.*
- *Você gosta muito de ficar com você mesmo, é isso?*
- *Sim, isso mesmo.*
- *E que tipo de série, leitura, você gosta de fazer?*
- *Gosto muito de ler ficções no geral.”*

Sujeito 2 - Lazer e cultura:

Assunto – Cultura musical

“O que que você faz? O que você toca?”

- *Eu toco contrabaixo, violino, flauta e toco pandeiro.*
- *E você aprendeu em alguma escola ou não, você foi desenvolvendo isso?*
- *O violino eu aprendi na escola, com seis anos, o contrabaixo eu fiz um pouco de aulas (um ano), mas aí, eu toco mais sozinho.*
- *Teve algum estímulo de família pra música clássica?*
- *Estímulo, estímulo, não. Meu pai gosta de música clássica, minha mãe nem tanto e ele colocava pra eu ouvir quando eu era pequenininho, bebê, essas coisas.*
- *E você frequenta concertos?*
- *Sim, frequente.”*

Assunto: Cultura adquirida em outros países

“Qual foi o lugar que você mais gostou?”

- *A Itália.*
- *A Itália? Por que?*
- *Eu já tinha ido uma vez, com meu pai e minha mãe, quando eles ainda eram juntos, só que agora quando a gente foi, eu já estava com a visão mais apurada assim, tava com a minha máquina fotográfica, então deu pra perceber mais ali a região. Ver a influência histórica...*
- *Que lugar da Itália você foi?*
- *Nessa última eu fui pra Milão, Florença, Veneza, Bergamo e Verona.*
- *Essa foi a que você mais gostou?*
- *Foi.”*

Sujeito 5 - Lazer e cultura:

- “-E a parte de lazer da sua família, o que você faz? O que você gosta de fazer?*
- Com a minha mãe eu gosto bastante de viajar.
- Onde vocês viajam, que lugares Brasil, exterior?
- Geralmente pra Europa.
- Que lugar da Europa que você mais gosta? Ou o último que você foi?
- Ah eu gosto de... O último que eu fui foi pra Holanda, mas eu gosto da Áustria.
- O que tem na Áustria que você mais gosta?
- Ah, eu gosto, eu gosto do país em si da Áustria, eu gosto bastante de Viena que é um lugar muito bonito, que é, parece outro mundo assim, muito organizado e sei lá, gostei bastante.
- Qual foi o que você mais visitou?
- França.

A opção por demonstrar esse contraste dentro de uma mesma instituição escolar foi intencional, tendo como o objetivo, o de apresentar a diversidade presente no território pesquisado. Foi possível aferir, dentre os entrevistados, a diferença evidente de padrão social e econômico, tomando como base seus hábitos sociais e de lazer (Tabela 4).

A definição de classe média, trazida por Saes, se enquadra claramente no grupo de entrevistados, sendo assim, embora com rendas diferentes entre si, os indivíduos mostram uma clara necessidade de diferenciação dos trabalhadores manuais (discurso de melhor inserção no mercado de trabalho, caso passem nos vestibulares das universidades públicas), nos planos sociais e profissionais. Os anseios são mais ambiciosos, porém a característica de ser um trabalhador assalariado é comum, tanto para eles, quanto para os indivíduos das classes mais populares da população brasileira. Em nenhuma declaração esse receio foi verbalizado, porém todos os entrevistados têm o olhar para carreiras de sucesso e com no mínimo, a manutenção do status financeiro atual.

A hipótese de que no território em que a instituição de ensino está localizada é diversificado e abriga as três subdivisões da classe média (alta, média e baixa), pode ser confirmada em todas as entrevistas realizadas. As viagens realizadas (nacionais ou internacionais) e os hábitos culturais e gastronômicos existem, mas divergem de acordo com a renda familiar, neste ponto, o conceito de *habitus*, trazido por Bourdieu, torna-se claro, mesmo que dentro de um contexto heterogêneo, conforme é possível observar a seguir:

Tabela 4- Contexto cultural dos grupos familiares:

Sujeitos	Viagens nacionais e internacionais	Hábitos culturais* e gastronômicos**
1	Raramente	Raramente
2	Frequentemente	Frequentemente
3	Raramente	Raramente
4	Frequentemente	Frequentemente
5	Raramente	Raramente
6	Frequentemente	Frequentemente

*Frequência em museus, cinemas e teatros

** Restaurantes com valor simbólico elevado e alimentação saudável

Com base na Tabela 4, é possível verificar que metade dos entrevistados tem o hábito de viajar para fora do Brasil ou para destinos turísticos famosos no país, tanto quanto, possuem hábitos de frequentar museus, cinemas, teatros, ou ainda frequentar restaurantes que atribuem grande prestígio dentro do território pesquisado.

A ideia de que a formação em nível superior, dos pais dos alunos entrevistados, seria capaz de influenciar na tomada de decisão deles, pela carreira acadêmica e conseqüentemente pela escolha das universidades com maior prestígio no mercado de trabalho, mostrou-se acertada, porém com menor influência do que a hipótese inicial, pois partiu-se do princípio de que o grupo de sujeitos entrevistados, em sua totalidade, **seria** influenciado pelos pais, o que não ocorreu. Tendo como exemplo, dois dos seis entrevistados, podemos observar os diálogos que ilustram a afirmação acima:

Sujeito 1: (Opção de curso superior - Física)

“- Para finalizar: sua família gosta da ideia do seu curso?

- Gosta, sim.

- Como você percebe o apoio deles?

- Quando eu chego falando as novidades que eu descobri do curso e eles ficam super empolgados e me dando apoio, me levando, por exemplo, eu fui com a minha mãe pra USP pra ver o Instituto, ela estava lá comigo, me ajudando a fazer os experimentos, meu pai observa quais são as melhores universidades.”

Sujeito 2: (Opção de curso superior - Economia)

“- Então na sua família, ambos concordam com a tese, com sua opinião?

- Sim.

- E você acha que a opinião é própria ou influenciada?

- Acho que os dois. Não tem como eu não ser influenciado pela opinião dos meus pais, mas eu também já pesquisei bastante, li uns livros de alguns economistas, vi vídeos... essas coisas, alguns autores tendem a falar isso, mas no geral de forma mais radical. Aí meus pais puxam pro outro lado, também.

- Um lado mais social?

- É. Também pelo que a gente estuda em Sociologia aqui.”

Ainda é possível observar que há uma forte expectativa pelo ingresso na Universidade de São Paulo e demais universidades públicas do estado, visto que em todas as entrevistas os sujeitos apontaram a USP como sua opção principal, porém, a formação superior dos pais não se tornou fator preponderante nos objetivos dos filhos e sim, a qualidade evidenciada das referidas instituições, tanto quanto, a expectativa por um ingresso mais eficaz no mercado de trabalho.

Um outro aspecto relevante ao final da pesquisa é o da expectativa familiar sobre os filhos, após a conclusão de um curso superior em uma das universidades estaduais paulista, em relação ao mercado de trabalho e posição social. Dentre os entrevistados, foi possível analisar que há o anseio por uma vaga nas universidades públicas, também, pelos aspectos financeiros, pois as condições financeiras atuais impediriam o pagamento de mensalidades nas universidades privadas de referência acadêmica. Como pode ser observado na fala do sujeito 1:

“- Então nenhuma universidade privada te interessa?

- Nenhuma.

- Por que não?

- Tanto em questões financeiras, são caras no geral e porquê as privadas não dão muito suporte para a pesquisa, pelo menos na parte de Física, por tudo o que eu li, não tem muita - Eu não consigo crescer nessa parte, se eu quiser me especializar nisso.”

Em contrapartida, há grupos familiares que não demonstram qualquer preocupação com questões financeiras e reproduzem o discurso de que a qualidade da universidade pública refletiria em uma inserção no mercado de trabalho rápida e mais segura.

Ao relacionarmos os posicionamentos dos entrevistados e seus familiares, com os conceitos sociológicos trazidos por Bourdieu, no capítulo de fundamentação teórica desta pesquisa, é bastante acertado traçar um paralelo entre os diplomas almejados pelos sujeitos com o conceito de capital simbólico do sociólogo. Foi uma constante analisar o impacto que as universidades públicas trazem nas vidas das famílias, uma vez que o estudante passaria a ter uma certificação social de que foi competente e está apto para o ingresso no mercado de trabalho. O conceito de poder simbólico também foi evidente, quando, em todas as entrevistas, os sujeitos abordam a importância da faculdade em que pretendem ingressar e como consequência imediata, a inserção no mercado de trabalho em melhores vagas do que as universidades de menor reconhecimento acadêmico poderiam lhes garantir. Tais afirmações podem ser observadas nas falas dos sujeitos 2 e 4, respectivamente:

Sujeito 2

“Das universidades que você me pontuou, qual é a que você mais quer entrar no Brasil? A USP

- E por que a USP?

- Porque eu fui lá na visita, vi que tem uma estrutura legal, não era tudo o que eu esperava, por causa do prédio em si, enfim, modelo arquitetônico, mas pelo que eu vi, pesquisei e já falei também com amigos do meu pai dessa área, pessoas do Demolay dessa área, a USP parece ser a melhor opção. E também que é pública, teoricamente não teria que pagar.

- Você acha que as universidades públicas são melhores que as privadas?

- Dependendo do curso, no geral, sim.

- No seu curso?

- Acho.”

“- E em relação as faculdades, universidades, qual é a tua meta?

- Eu acho que o objetivo principal seria a Poli.

- A Poli? Por que a Poli?

- Porque, além de ser pública não ter que pagar, aparentemente muito boa, dizem, quando visitei eu gostei bastante.

- Da estrutura?

- Isso.

- Mas o primeiro critério é por ser público ou pela qualidade de ensino?

- Pela qualidade.

- Você acha que existiu diferença gritantes na área que você escolheu entre universidades privadas e públicas?

- Um pouco.

- É, o que você vê que tem mais uma e não na outra?

- Que eu não conheço muito por exemplo a FEI que dizem que seria uma das melhores privadas, mas eu acho que os professores não são tão bons quanto dizem que são na Poli.”

Sobre a problemática das cotas nas universidades públicas, há um consenso neste grupo, de que as vagas destinadas aos estudantes das camadas mais populares da sociedade, formados nas escolas públicas, são “justas”, pois traduziriam a possível exclusão dessa classe social (Tabela 5), uma vez que traduzem a evidente exclusão dessa classe nas Universidades Públicas, justificando para os entrevistados, a procedência da implantação das mesmas.

Dessa forma, o ajuste proposto nos vestibulares (inclusão do programa de cotas sociais) das universidades estaduais paulistas permitiria que os estudantes mais pobres tivessem oportunidades no mercado de trabalho e conseqüentemente, teriam uma ascensão social, por meio do diploma de nível superior. Tal estratégia é aprovada pela totalidade dos entrevistados, mas não por todos os seus responsáveis, sendo assim, é possível identificar uma visão social mais amplificada, nas gerações futuras.

Conforme é possível observar na Tabela 5, a divergência mais significativa entre sujeitos desta pesquisa, corresponde ao posicionamento sobre as vagas destinadas aos vestibulandos autodeclarados pretos, pardos e indígenas, as chamadas cotas raciais.

Tabela 5- Escolhas acadêmicas e percepção do sistema de cotas:

Sujeitos	Escolhas Acadêmicas	Percepção do Sistema de Cotas nas Universidade públicas
1	Física - Universidades públicas	Favorável (Cotas raciais e sociais)
2	Economia - Universidades públicas e/ou privadas	Favorável (Cotas sociais apenas)
3	Engenharia de Produção - Universidades públicas	Favorável (Cotas sociais apenas)
4	Jornalismo - Universidades públicas	Favorável (Cotas sociais e raciais)
5	Engenharia Mecatrônica - Universidades públicas	Favorável (Cotas sociais apenas)
6	Medicina - Universidades públicas	Favorável (Cotas sociais e raciais)

*Escolhas acadêmicas em primeira opção dos candidatos.

Com base nos dados da Tabela 5, é possível concluir que os vestibulandos entendem a necessidade da implantação das cotas nas universidades, porém metade deles validam apenas as cotas sociais, ou seja, a que contempla alunos de escola pública,

independentemente dos aspectos étnicos dos candidatos. Apenas o primeiro sujeito entrevistado é autodeclarado negro e favorável ao sistema de cotas raciais, os outros dois sujeitos (cinco e seis) possuem um forte discurso social e coletivo. Nas demais entrevistas, o discurso meritocrático e foco na inserção profissional foi o principal fator motivador para a aprovação no vestibular. Para ilustrar o discurso social e coletivo, é possível evidenciar a fala do sujeito 5, já o discurso meritocrático pode ser observado na fala do sujeito 2, respectivamente descritos abaixo:

Sujeito 5: *“- Então porque eu acho que com o sistema que tem hoje, capitalismo neoliberal, tem muita gente que fica excluída e abre espaço para as minorias existirem, e as minorias são oprimidas, assim, é claro, tanto negro, quanto as pessoas pobres no geral, então eu acho que sou totalmente a favor que as pessoas sejam incluídas na sociedade”*

Sujeito 2: *“- Você acredita na meritocracia? No sentido que o vestibular é meritocrático. - Sim, eu acho que as pessoas mais qualificadas devem entrar na faculdade ou na vaga de trabalho, mas eu acho que o sistema de vestibular que a gente tem aqui também não é muito bom. É uma prova, dois dias, que se você passou mal no dia, você...Define seu futuro ali... - Define seu futuro, é. Acho melhor como é nos Estados Unidos que eles veem todo o histórico, carta de recomendação, tem todo um sistema ali, que além da prova, que verifica que está apto”*

Dentre esses últimos, há o discurso de injustiça ao diferenciar os vestibulandos pela cor da pele, além de haver o desconhecimento de que os indivíduos de tais grupos raciais só poderiam concorrer às vagas nos vestibulares, caso estivessem vinculados ao ensino médio público. Os sujeitos que se demonstraram contrários ao sistema de cotas raciais destacam que não reconhecem a dívida histórica da população branca em relação aos negros, pardos e indígenas, e que a cor da pele não poderia “facilitar” o ingresso desses candidatos nas universidades estaduais paulistas. Para exemplificar, recorro aos discursos dos sujeitos número 2 e 3, respectivamente:

Sujeito 2: *“- Cota racial eu acho completamente ineficiente. Eu acho que só aumenta o racismo, porquê querendo ou não, você está separando ali, negros de brancos, pra fazer uma prova. - É como se o negro não tivesse a mesma capacidade pra fazer a prova quanto um branco. - O que eu acho que não justifica. Em questão das cotas socioeconômicas tem um pouco mais de sentido, só que do jeito que está sendo implementado aqui, está sendo ineficiente, também.*

- *Por que?*
- *Porque a cota pra mim, deveria ser uma medida de médio e curto prazo, pra tentar inserir pessoas no mercado de trabalho e que historicamente foram excluídas desse mercado.*
- *Você acha que existe uma dívida com esse público?*
- *Não.*
- *Não existe uma dívida? A sociedade não deve para as classes mais baixas ou para os demais grupos raciais?*
- *Não.”*

Sujeito 3 “- *Você já ouviu falar da lei de cotas pra Negros, Pardos, Indígenas e pra alunos de escola pública? O que você acha dessas cotas?*

- *É, cotas raciais eu não apoio.*
- *Por que?*
- *Não apoio porque assim, eu acho que não tem diferença de um Negro pra um Pardo, Indígena não ou pra um Branco”*

Capítulo IV - Considerações finais

Os principais objetivos dessas considerações finais é o de retomar o problema e as hipóteses propostas por esta pesquisa, além de demonstrar, por meio dos dados obtidos, se as hipóteses foram confirmadas, parcialmente confirmadas ou não confirmadas e ainda, apresentar as novas questões que surgiram após a análise dos resultados obtidos.

A grande problematização que serve como pano de fundo para toda a especificidade apresentada ao longo deste trabalho é o da segregação social em relação ao acesso à educação. A luta pela inserção dos indivíduos das classes mais populares no ambiente escolar atravessa as décadas e persiste até os dias de hoje, mesmo que em níveis diferenciados, se comparados com os desafios de ingresso na educação básica.

Mais recentemente, mesmo com a educação básica garantida para todos os brasileiros de forma gratuita, a população de baixa renda não consegue obter sucesso nos vestibulares que garantem a continuidade de seus estudos na rede pública. Constatando, ao longo dos anos, que a maioria das vagas nas universidades públicas do estado de São Paulo foram preenchidas por alunos egressos da rede privada de ensino, levou o governo federal a implantar a Lei de Cotas nas universidades federais. Tal lei garantia que cinquenta por cento das vagas fossem reservadas para candidatos que se autodeclarassem PPI ou fossem egressos da rede pública de ensino.

Atualmente a implantação da Lei de Cotas pelas universidades estaduais paulistas causou um grande impacto na classe média paulistana, se anteriormente à sua implantação, as vagas em tais universidades eram praticamente reservadas para esse grupo, hoje, elas já são distribuídas de forma menos desigual, sendo que em duas universidades (UNICAMP e UNESP) as vagas já estão distribuídas igualmente entre cotistas e não cotistas. A USP tem o prazo máximo de 2021 para alcançar esse mesmo percentual, já adotado pelas outras duas universidades.

O maior questionamento feito no início da pesquisa seria o de que forma a classe média paulistana se comportaria frente ao novo sistema de cotas nas universidades estaduais paulistas e como consequência, ao seu ingresso no mercado de trabalho.

Dois hipóteses foram colocadas como ponto de partida para a sua confirmação, ou não, a partir as entrevistas, sendo elas:

- 1- Os alunos do ensino médio, entrevistados para esta pesquisa, entendem que ingressar em uma universidade de renome os diferenciaria perante os demais indivíduos de sua classe social e, conseqüentemente, no mercado de trabalho.
- 2- Indivíduos pertencentes ao mesmo estrato social, apresentam posicionamentos antagônicos sobre a implantação da Lei de Cotas raciais e sociais, nas universidades estaduais paulistas.

A hipótese de número 1 foi completamente confirmada, após a análise das entrevistas. Todos os sujeitos entrevistados declararam que as universidades públicas eram a sua opção mais relevante e tinham como foco de estudos o treinamento específico para esses vestibulares.

Em nenhum dos casos, os entrevistados verbalizaram a predileção por instituições privadas de ensino, mesmo as que apresentam reconhecimento pelo mercado de trabalho, em detrimento às três universidades públicas estaduais. Em todos os casos, os alunos se disponibilizariam a frequentar cursinhos pré-vestibulares por mais um ano, com o objetivo claro de ingresso em universidade pública, com destaque para a Universidade de São Paulo.

Foi possível relacionar a fala dos entrevistados com os conceitos sociológicos trazidos por Bourdieu, em especial o conceito de capital simbólico, atribuído diretamente ao diploma de uma universidade renomada e sua manutenção automática no grupo social em que sempre esteve inserido. Outro conceito que pode ser relacionado com a confirmação da primeira hipótese é o de classe média trazido por Saes, onde os indivíduos

de tal classe social se esforçam muito para diferenciar-se dos trabalhadores manuais ou que exercem atividades mais rudimentares, tanto no âmbito profissional, quanto no social.

A segunda hipótese também foi confirmada, porém parcialmente, pelos sujeitos entrevistados. Em nenhum dos depoimentos coletados, houve uma rejeição ao programa de cotas implantado pelas universidades públicas, os vestibulandos conseguem compreender o privilégio que existe na situação econômica em que se encontram ao serem comparados com os alunos da escola pública.

A conscientização social esteve presente em todos os discursos e em muitos deles, era perceptível uma contradição em relação ao posicionamento de seus pais ou responsáveis. Ao serem questionados sobre a posição da família sobre o assunto, muitos verbalizaram que não havia conexão entre eles. Nas palavras dos sujeitos 4 e 5, por exemplo:

Sujeito 4 “- *Só pra gente finalizar, na sua família todo mundo concorda com a sua visão sobre as cotas?*

- *Não.*

- *Qual é a opinião dos seus pais? Pai e Mãe.*

- *Meu pai eu acho que eu nunca perguntei direto, mas eu acho que ele é mais ou menos contra.*

- *Por que o seu pai é mais ou menos contra? Ou passa a impressão de ser contra?*

- *Porque ele é mais conservador.*

- *É? Ele acredita em meritocracia é isso, que o aluno por si só se esforça e consegue, e você não acredita nisso?*

- *Acredito, o aluno tem que se esforçar também, mas também tem que dar meios como ele chegar nesse lugar.*

Sujeito 5: “- *Em relação as cotas, as ações afirmativas, seus familiares acham que você vai ser prejudicado?*

- *Então, não, a família do meu pai com certeza não. Esses dias eu tava falando pra minha mãe, que ela tava falando que cotas raciais são racistas, e eu tive que explicar pra ela que não é assim que funciona, porque a cota racial em si ela não quer dizer que, na realidade ela é uma medida de médio prazo, curto a médio prazo.*

- *Por que o argumento dela é racista?*

- *Porque ela acha que porque, não sei, ela acha que o fato de você ceder vagas pros Negros e ter uma nota de corte menor ta dizendo que ele é menos preparado, que ele é pior.*

- *Mas você acha que ele é menos preparado?*

- *Óbvio que não, eu acho que todo mundo é igual, só as circunstâncias são diferentes, entendeu, tanto que, assim.*

Apesar de todos entenderem que há uma discrepância entre o ensino praticado nas instituições privadas de ensino básico e nas públicas, os entrevistados não validaram a designação de vagas para alunos autodeclarados PPI. A justificativa mais frequente foi a de que a cor da pele não definiria o talento ou a aplicação para os estudos dos vestibulandos e que a geração atual não deveria ter responsabilidades de abusos cometidos com a comunidade negra e indígena, ao longo da história brasileira, portanto, os mesmos deveriam se enquadrar apenas nas cotas sociais, se fosse o caso.

Neste ponto fica clara a falta de informação em relação ao programa de inclusão social proposto pelas IES públicas de São Paulo, pois nos três vestibulares, os alunos autodeclarados PPI deverão estar vinculados ao ensino público. Alunos deste grupo que estiverem matriculados em escolas privadas não podem participar do programa de cotas, mesmo se estiverem em condição de bolsistas pela instituição.

Novos estudos sobre a questão que envolve o acesso ao ensino superior pelos candidatos PPI merecem ser desenvolvidos, pois mesmo os alunos com ampla consciência social e que são claramente contra o preconceito racial, ainda não conseguem visualizar a importância de permitir acessos independentes a esses candidatos. O racismo velado e estrutural é intrínseco ao grupo e ainda será necessário o desenvolvimento de novos estudos para ampliar o repertório das novas gerações de vestibulandos. Destaca-se aqui que o sujeito entrevistado que defendeu com mais vigor a manutenção das cotas raciais se autodeclarou como PPI.

Um outro novo ponto que poderia embasar futuros estudos acerca deste tema é o de como resolver a necessidade de cotas. Todos os entrevistados verbalizaram que a Lei de Cotas deve ser momentânea e que a grande revolução na área da educação seria a reformulação de sua base para que todos os candidatos pudessem participar dos vestibulares em iguais condições acadêmicas. Traçar estratégias para que esse objetivo maior seja alcançado pode ser uma problematização para pesquisas posteriores. Tais afirmações puderam ser confirmadas nas palavras do sujeito 2:

“- Porque a cota pra mim, deveria ser uma medida de médio e curto prazo, pra tentar inserir pessoas no mercado de trabalho e que historicamente foram excluídas desse mercado.

- Você acha que existe uma dívida com esse público?

- Não.

- Não existe uma dívida? A sociedade não deve para as classes mais baixas ou para os demais grupos raciais?

- Não. Deveria existir por esse curto período de tempo pra tentar inserir essas pessoas no mercado de trabalho. Do jeito que está sendo feito no Brasil, parece que estão

tentando curar o sintoma, que é a pessoa ser pobre, do que curar a doença que é a desigualdade e pobreza em si. Eu particularmente não vejo a desigualdade como um problema em si, acho que o problema é a pobreza, se for desigual, mas se todo mundo tiver o mínimo, tudo bem. No caso do Brasil, não é assim.”

Por fim, espero que esta pesquisa possa ter contribuído para o processo de reflexão sobre a “nova ordem” de ingresso no ensino superior para os alunos da rede privada de ensino e que também estimule estudos futuros sobre o posicionamento adotado pela classe média paulistana frente a esse novo desafio, uma vez que a realidade mapeada neste trabalho é recente e que ainda poderá ganhar novos contornos, tendo a iniciativa privada como impulsionadora de um movimento econômico crescente no cenário do ensino superior.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (Orgs.) **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

BENEVIDES, Alessandra. SOARES, Ricardo. **Diferencial de desempenho das escolas militares : bons alunos ou boa escola**. - Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2015.

BOITO, Jr. Armando. **Política Neoliberal e Sindicalismo no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1999 (Introdução e Parte I – pp-23-49).

BONAMINO, Alicia; ALVES, Fátima; et.al. **Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman**. in: *Revista Brasileira de Educação*, 2010 (Rio de Janeiro). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 mar. 2018.

CARDOSO, Thiago Guimarães. **Lei de Cotas e a escolha do ensino básico** - Dissertação Mestrado em Educação. São Paulo: - Universidade de São Paulo, 2016.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo: histórias e implicações**. São Paulo: Loyola, 2005.

LEITE, Janete Luiza. **Política de cotas no Brasil: política social?**. *Revista Katál*. Florianópolis. v.14, n.1, p.23-31, jan/jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v14n1/v14n1a03.pdf>. Acesso em 15 de agosto de 2018.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. In: **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/manifesto-dos-pioneiros-da-educacao-nova/>>. Acesso em: 10 de mar. 2018.

NETO, J.A.F. **Os caminhos para ingressar na UNICAMP**. São Paulo, 2018. Disponível em : <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/jose-alves-de-freitas-neto/os-caminhos-para-ingressar-na-unicamp> . Acesso em 30 mar. 2019

RANKING mundial de universidades. Disponível em: <https://www.topuniversities.com/university-rankings/world-university-rankings/2018>>. Acesso em 29.nov.2018

RODRIGUES, José. **Os empresários e a Educação Superior**. Campinas: Autores Associados, 2007. 95 p.

SAES, D. A. M. Classe média e escola capitalista. **Revista Crítica Marxista** v. 21, p.97-112, 2005.

SOUZA, Eliane. Dez anos de cotas na UFRGS: Um estudo das ações afirmativas na perspectiva do acesso, permanência e empoderamento dos alunos negros diplomados. 2017. 261f.

UNESP-RESOLUÇÃO UNESP No 54, de 05 de julho de 2017. Disponível em: http://vestibular.unesp.br/pdf/2018/RESOLU_UNESP2018.pdf>. Acesso em 29 nov. 2018

UNICAMP- PROGRAMA de ação afirmativa para inclusão social. Disponível em: <http://www.comvest.unicamp.br/inclusao-paais/>>. Acesso em 04 mar. 2018.

- PROGRAMA de cotas raciais. Disponível em: <http://www.comvest.unicamp.br/cotas-na-unicamp/>>. Acesso em 29 nov. 2018.

USP-PROGRAMAS de inclusão social USP – Disponível em: <http://www.prg.usp.br/?p=20737>>. Acesso em 29.nov.2018

UNESP-RESOLUÇÃO UNESP No 54, de 05 de julho de 2017. Disponível em: http://vestibular.unesp.br/pdf/2018/RESOLU_UNESP2018.pdf>. Acesso em 29 nov. 2018

USP-SISTEMA de seleção unificada – SISU Processo Seletivo No 01/2018. Disponível em: <http://www.prg.usp.br/wp-content/uploads/Edital_SiSU-USP_2018.pdf>. 29.nov.2018

Apêndices:

Roteiro seguido para as entrevistas:

Parte I- Contextualização social - perguntas que abordem os seguintes aspectos:

- Hábitos sociais rotineiros;
- Contexto familiar;
- Hábitos culturais da família;
- Contexto financeiro familiar;
- Motivação em estudar na instituição pesquisada;
- Trajetória na educação básica;
- Lazer, práticas esportivas e artísticas individuais;

Parte II- Contextualização de futuro acadêmico e profissional - perguntas que abordem os seguintes aspectos:

- Escolha da universidade;
- Escolha do curso superior;
- Influência da família em suas escolhas;
- Idealizações sobre o futuro no mercado de trabalho e projeções de carreira;

Parte III - Contextualização sobre a Lei das Cotas - perguntas que abordem os seguintes aspectos:

- Conhecimentos sobre a Lei das Cotas;
- Conhecimentos sobre a Lei das Cotas em suas universidades de preferência;
- Posicionamentos sobre a adoção da Lei de cotas sociais nas universidades estaduais paulistas.
- Posicionamentos sobre a adoção da Lei de cotas raciais nas universidades estaduais paulistas.

Transcrição⁴ entrevista - Sujeito 1**Data da entrevista: 25/06/2018**

- A ideia é a de que a gente comece a entender um pouquinho como que funciona a sua vida fora do colégio, tá? Então eu vou começar por esse roteirinho, se ... esse bloco aqui.
- Você participa de algum grupo de estudos fora daqui do colégio?
- Não
- Nenhum tipo de movimento que envolva política? Que envolva a parte da Pastoral ou ajuda ao próximo?
- Não
- Não, nenhum? É. Quando você está em casa, em seu ambiente domiciliar, que você vai estudar... você procura estudar sozinha sempre ou você precisa de ajuda de amigos, precisa fazer pesquisa na Internet, Youtube ou apenas o material da escola dá conta?
- Sozinha, quase sempre. Às vezes eu procuro alguma coisa na Internet, mas nada muito longe disso.
- Me fale um pouquinho como é composta sua família.
- Só eu, minha mãe e meu pai.
- Só você, sua mãe e seu pai... como é o convívio da sua família? Vocês almoçam juntos, jantam juntos?
- É, mais ou menos.
- Mais ou menos?
- Na hora de almoçar e jantar eu estou sempre com a minha mãe, porquê meu pai chega tarde em casa, aí só nos domingos que...
- Quando vocês conseguem almoçar juntos vocês conversam sobre quais assuntos nesse almoço?
- Humm... não consigo.
- Vocês discutem polêmicas do cenário nacional ou mais rotina mesmo?
- Mais rotina mesmo.
- Rotina. Eles te cobram algum tipo de resultado? Eles te acompanham academicamente, como você está indo?
- Sim, mas sem muita cobrança, é mais uma coisa minha... a cobrança.
- Eles te deixam mais à vontade, então?
- Sim.
- Você acredita que nesses almoços de domingo, principalmente nesses que estão os três, vocês conseguem se conhecer mais?
- Sim.
- Existe uma troca?
- Sim, às vezes... que nem você disse, ah eu não converso tanto com eles sobre, principalmente com meu pai, eu não converso tanto com ele sobre o cenário nacional, essas coisas, de vez em quando acabo entrando nessa discussão e entendo um pouco mais sobre o ponto de vista dele sobre essas coisas.
- E você concorda?
- Na maioria das vezes, não.

⁴ Todas as entrevistas foram transcritas respeitando a fala dos envolvidos.

- A maioria das vezes, não? E você acha que não por uma questão de geração, por que você é mais nova e ele mais velho? Por que você acha que vocês discordam?

- Talvez por uma questão de geração mesmo, ou parte de interesses que acabam sendo diferentes, acho que pode ser um pouco isso mesmo.

- Você... quando toca em política na sua casa, no seu meio familiar, como funciona?

- O quê?

- Existe uma divergência partidária?

- Partidária...? Eu ainda não sei o meu lado.

- Ou um posicionamento político independentemente de partido?

- Sim, sim

- E com os seus amigos na escola?

- Ah, já é mais... tem uma certa divergência, também, mas eles caminham para uma linha parecida.

- É frequente vocês conversarem sobre questões políticas?

- Com meus amigos...

- Aqui, com seus colegas da escola.

- É, até que é um pouco frequente, sim.

- Mas é induzida por professor?

- É, geralmente vem do que aconteceu na sala de aula.

- Ah entendi...

- E nos seus finais de semana, o que você faz? O que você faz nos seus momentos de lazer?

- Hum, fico mesmo na Internet, assisto um filme, uma série.

- Você gosta muito de ficar com você mesmo, é isso?

- Sim, isso mesmo.

- E que tipo de série, leitura, você gosta de fazer?

- Gosto muito de ler ficções no geral.

- Você gosta de grandes enredos, grandes histórias?

- Ah gosto...

- Com começo, meio e fim ou você gosta de grandes mistérios? O que mais te chama a atenção?

- (risos) gosto de tudo, pra falar a verdade.

- Então você é uma cinéfila?

- Sim (risos) Não... não assisto filmes com tanta frequência como assisto as séries.

- Gosta mais de séries do que de filmes?

- Sim, sim

- A televisão pra você é descartável?

- Sim, é.

- Você fica mais no Netflix?

- Sim, sem dúvida.

- Bom, algum tipo de esporte?

- Não.

- Não gosta? Por que não gosta?

- Assim, eu fazia ballet e gosto ainda muito de dança, mas não pratico mais nada.

- Não pratica? E deixou de praticar por quê?

- Tava tomando muito tempo do colégio e eu não conseguia achar um meio termo no ballet.

- Ah, então era sério, um treinamento sério.

- É, a academia que eu treinava, preparava profissionais, né? Só que eu fazia só por, só por lazer. Aí eu não tinha como conciliar esse tempo, mesmo, eu precisava seguir uma rotina que eles propunham e ainda tinha a questão do colégio que eu nunca quis, eu nunca quis fazer algo relacionado com a dança.

- Era só pra você, era um hobby pra você, né?

- Sim

- Você tem ... vocês costumam almoçar fora, você e sua família? Você e seus amigos?

- Sim, sim.

- Almoçar, jantar...

- Sim.

- Com qual frequência, mais ou menos?

- Uma vez por mês, talvez.

- Que tipo de restaurantes vocês gostam de frequentar?

- Os meus pais, hum... geralmente os mais tradicionais, com self service que tem por aí.

- Quem são seus amigos?

- XXXXX, (citou o nome de cinco alunos)

- Eles são os seus amigos?

- Sim, sim.

- E eles moram perto de você? Na mesma região?

- As meninas, sim

- Qual é o bairro que você mora?

- Aqui no Belém.

- Ah certo, aqui no Belém mesmo.

- Agora nós vamos falar um pouquinho da sua trajetória escolar, que eu acho que você já está mais à vontade para falar. Primeiro eu gostaria de saber qual a escolarização dos seus avós e dos seus pais. Você sabe de cabeça?

- Sim, os meus avós não completaram nem o Ensino Médio. Meus pais fizeram graduação e pós.

- O que que eles fizeram? Qual é a área deles?

- Não pera, minha mãe só fez graduação, ela fez Matemática, só que ela atua como técnica de enfermagem.

- E por que ela atua como técnica?

- Porquê era a única oportunidade da cidade dela, eles moravam no interior do Rio e era uma cidade pequena, lá só tinha o curso de Matemática pra fazer na faculdade e só poderia seguir nessa área mesmo.

- E seu pai?

- Meu pai fez tecnólogo de radiologia.

- Mas ele fez pra começar a trabalhar ou ele fez por quê já trabalhava e precisou do certificado?

- Ele trabalhava e precisou do certificado.

- Ele foi cobrado pela empresa? Por um superior?

- Pra crescer mesmo.

- Ok pra crescer na empresa. Ele sempre teve essa ocupação ou veio de alguns anos pra cá?.

- Não, sempre teve, sempre teve.

- Você acha que, você falou que pra ele crescer ele precisou ter esse novo diploma, você acha que ele vai precisar se especializar em mais alguma coisa para se manter empregado?
- Atualmente, eu acho que não.
- Ele trabalha por plantões? Ele faz aquelas escalas 12x24?
- Não, não.
- Tem horário fixo?
- Tem, sim.
- Você falou que seus pais vieram do Rio, mas você desde que nasceu, sempre morou aqui?
- É, eu sempre morei aqui, nasci lá e vinte dias depois estava aqui já, meus pais já moravam aqui, já tinham emprego aqui.
- Sempre no Belém?
- Sim, sempre.
- Me fale um pouquinho sobre a sua trajetória na escola. Você estudou sempre aqui no XXXXXX ou você veio de outra escola pra cá?
- Então, desde o segundo ano do Fundamental, desde sempre.
- Então a maior parte foi aqui e por quê você escolheu aqui, ou a sua família escolheu aqui, no caso?
- Olha, eu estudava nessa escolinha de ensino...
- Educação Infantil?
- Sim, Educação Infantil, aqui do lado do colégio, mas aí quando eu mudei, eu achava que seria muito forte, muito difícil, mas eu achei legal isso.
- Era um desafio bom pra você?
- E ainda é.
- Você acha que o XXXXXX hoje tem uma fama no território regional de que é uma escola forte?
- Sim.
- Isso te motivou ou desafiou, talvez?
- Muito, eu insisti para os meus pais me colocarem aqui, é o que eu quero.
- E eles não queriam?
- Não, minha mãe queria me colocar no XXXXX.
- Por quê?
- Porquê ela achava que eu não ia conseguir dar conta, só que aí eu falei: deixa eu tentar.
- Isso foi no segundo ano do Fundamental?
- Isso.
- E a decisão de fazer o Ensino Médio aqui, foi algo natural, foi uma continuação do processo?
- Sim. Eu já tinha estudado a vida inteira aqui e eu moro do lado do colégio.
- Então pra você...
- É, não fazia muito sentido mudar.
- Bom, vamos falar um pouquinho sobre a sua intenção de cursos, de carreira, do que você pretende. Eu sei já, mas só pra deixar registrado, qual é a opção de curso que você quer fazer?
- Bacharelado em Física.
- Quais as expectativas que você tem em relação ao futuro e a carreira profissional de um Físico?
- Eu sei que seguir na área da pesquisa é muito complicado, não sei se...mas eu acho que consigo me especializar nisso.
- Você pensa que o diploma que você vai ter, ele vai ser uma porta de entrada para uma carreira bem-sucedida?

- Sim, sem dúvida.
- Em relação a se fosse uma faculdade menos conceituada, por exemplo...
- Acho que mais pelo que a faculdade vai me proporcionar.
- Por que você escolheu esse curso e não Engenharia, como é um clássico aqui, entre seus amigos?
- Eu pensei em fazer Engenharia, só que eu queria seguir alguma coisa nas exatas para aprender mais de Física, pensei muito no ITA, sempre tive muito gosto em aprender mais e percebi que eu só iria aprender mais na Engenharia para as coisas que eu iria usar na Engenharia e não tudo, claro que não dá para aprender tudo em nenhuma faculdade, mas... entendeu né?
- Entendi, entendi. E você acha que quando você se formar como Bacharel em Física, você vai manter o mesmo nível social e econômico que tem hoje ou vai te elevar?
- Acho que vai me manter.
- Vai te manter?
- Sim.
- Como você avalia a sua questão social hoje? Você é uma classe média típica?
- Acho que sim, creio que sim.
- Vocês moram em casa própria? Vocês têm carro?
- Sim.
- Vamos falar das opções de universidades. Quais são as opções?
- USP, eu penso em prestar a UNICAMP e a UNESP.
- Então nenhuma universidade privada te interessa?
- Nenhuma.
- Por que não?
- Tanto em questões financeiras, são caras no geral e porquê as privadas não dão muito suporte para a pesquisa, pelo menos na parte de Física, por tudo o que eu li, não tem muita
- Eu não consigo crescer nessa parte, se eu quiser me especializar nisso.
- E você acha que na universidade pública, ela vai se encaixar naquilo que você está pensando?
- Sim.
- E você acha que a universidade pública é melhor do que a privada?
- Em linhas gerais, pensando em termos de universidade, sim.
- Em seu curso também?
- Sim.
- Você sabe qual é a diferença entre faculdade e universidade?
- Acho que sim, faculdade não te dá o mestrado e doutorado, não é?
- Vou deixar você falar e depois eu te explico.
- Eu tenho uma noção assim.
- Normalmente a faculdade tem poucos cursos e a universidade é um “universo de cursos”, você tem as exatas, humanas e biológicas, juntas. Faculdades, por exemplo XXXXXXX de Engenharia apenas, faculdade de Medicina, elas têm um curso focado. Quando é universidade, existem cursos de todas as áreas. Bom, vamos falar um pouquinho sobre as ações afirmativas, cotas, e aí a gente vai caminhar para finalizar.
- Primeiro, como você se autodeclararia em uma inscrição?
- Negra.
- OK você se declararia negra. Você é a favor de cotas raciais?
- Sim.
- Por que?

- Por questões mesmo de... um branco que não teve grandes oportunidades e um negro que não teve grandes oportunidades, o branco vai se sobressair...por uma questão de História, que não permite a ascensão de negros.
- Você acha que a sociedade deve aos negros, nesse sentido, historicamente?
- Não sei, acho que sim.
- Os negros, na sua visão, foram colocados em segundo plano? Primeiro foi feito para os brancos e os negros tiveram que conquistar o seu espaço?
- Sim, exato.
- Você conhece ou já ouviu falar do sistema de cotas?
- Sim.
- Você já ouviu falar que até o ano passado existia um sistema de bônus para alunos de escola pública?
- Sim.
- Você já ouviu falar dos financiamentos e das bolsas do PROUNI?
- Sim.
- De todas as opções que eu te falei, você concorda com todas elas ou tem alguma que você considera exagero ou que ainda falta alguma coisa? Você consegue ter essa visão?
- Acho que proporcionar desde a base uma educação igual para todos para que depois não precise dessas cotas.
- Sua família concorda ou tem a mesma visão que você?
- Sim, tem.
- Já foi conversado?
- Sim.
- Para finalizar: sua família gosta da ideia do seu curso?
- Gosta, sim.
- Como você percebe o apoio deles?
- Quando eu chego falando as novidades que eu descobri do curso e eles ficam super empolgados e me dando apoio, me levando, por exemplo, eu fui com a minha mãe pra USP pra ver o Instituto, ela estava lá comigo, me ajudando a fazer os experimentos, meu pai observa quais são as melhores universidades.
- Então existe um trio parceiro em busca do objetivo?
- Sim, existe.
- Muito bem, finalizamos, muito obrigado.

Transcrição entrevista - Sujeito 2**Data da entrevista: 25/06/2018**

- Me fale uma coisa, como é a sua família? Quem mora na sua casa hoje?
- Meus pais são separados, na casa do meu pai, mora o meu pai e na casa da minha mãe, mora a minha mãe, eu e meu cachorro.
- Você divide seu tempo entre as duas casas?
- Sim, sim
- Qual é a profissão dos seus pais?
- Meu pai é professor de faculdade.
- Que área que ele dá aulas?
- Arquitetura no Mackenzie e na Belas Artes e minha mãe é gerente de contas na LATAM.
- Ela tem nível superior também?
- Sim. Eles fizeram Adm e Arquitetura.
- Você considera que o estilo de vida, nas duas residências é: confortável, ok ou algumas vezes falta alguma coisa?
- Confortável.
- Por que? O que você tem que julga ser confortável?
- Tem lazer, tem televisão, tem vídeo game, computador.
- O apartamento é próprio e quitado?
- Sim, quitado.
- Os dois?
- Sim.
- Os dois têm carros?
- Sim, os dois.
- Quem paga a sua escola?
- Meu pai.
- Seu pai. Quem tem a maior renda entre os dois?
- Meu pai.
- Você atribui ao fato do seu pai ganhar mais ao nível de estudo?
- Sim, também. Ele fez Arquitetura no próprio Mackenzie, lá nos anos 70, dá aulas no Mackenzie há muito tempo e na Belas Artes, também.
- Qual é o grau máximo de estudos que ele tem?
- Ele fez Mestrado.
- E sua mãe?
- Minha mãe fez só o Ensino Superior.
- Só a graduação?
- Isso. Ah e MBA.
- Então ela tem especialização.
- Isso mesmo.
- Por que vocês, como família, escolheram o nosso colégio?

- Eles falaram que vieram nas escolas do bairro, minha mãe não queria me colocar no XXXX, pois lá era muito rigoroso, o contato com os professores não era muito bom e ela viu aqui a mistura dos dois, o ensino bom só que mais família, sabe? Tem um clima mais amistoso entre os professores, tinham algumas atividades extras quando eu entrei, como teatro, capoeira, música, tinha algumas outras coisas.
- Você acha que essa fama do colégio é no bairro? O bairro enxerga o colégio assim?
- Sim, acho.
- Como é sua vida, sua rotina em casa? Você sai do colégio...
- Eu saio do cursinho, aí eu vou, chego em casa, quando eu estou na minha mãe, as vezes eu tenho que lavar uma louça, lavar a varanda por causa do cachorro, aí quando tem lição eu faço a lição, depois eu vejo tv, toco algum instrumento.
- Qual é seu lazer?
- Principalmente música.
- O que que você faz? O que você toca?
- Eu toco contrabaixo, violino, flauta e toco pandeiro.
- E você aprendeu em alguma escola ou não, você foi desenvolvendo isso?
- O violino eu aprendi na escola, com seis anos, o contrabaixo eu fiz um pouco de aulas (um ano), mas aí, eu toco mais sozinho.
- Teve algum estímulo de família pra música clássica?
- Estímulo, estímulo, não. Meu pai gosta de música clássica, minha mãe nem tanto e ele colocava pra eu ouvir quando eu era pequenininho, bebê, essas coisas.
- E você frequenta concertos?
- Sim, frequento.
- Mais com ele ou sua mãe também vai?
- Com os dois, minha mãe também gosta. Na sala São Paulo, teve uma peça de Ópera que a gente foi.
- Você viaja mais com seu pai ou com sua mãe?
- Com a minha mãe.
- E para onde vocês vão normalmente?
- Vários lugares.
- E qual foi a última que vocês foram?
- A última que a gente foi, foi para o Chile.
- Que lugar do Chile? O que vocês fizeram?
- A gente foi pra Santiago, fizemos um passeio lá nas Cordilheiras, fomos na base, perto do vulcão.
- Mas era inverno pra esquiar ou verão?
- Viagem normal. Como ela trabalha na LATAM, ela tem mais facilidade para conseguir passagem, então, a gente consegue economizar na viagem e gastar no loca. Dá pra viajar mais. Já fui pra Brasília, pro Uruguai, Itália, já viajei bastante.
- Qual foi o lugar que você mais gostou?
- A Itália.
- A Itália? Por que?
- Eu já tinha ido uma vez, com meu pai e minha mãe, quando eles ainda eram juntos, só que agora quando a gente foi, eu já estava com a visão mais apurada assim, tava com a minha máquina fotográfica, então deu pra perceber mais ali a região. Ver a influência histórica...
- Que lugar da Itália você foi?
- Nessa última eu fui pra Milão, Florença, Veneza, Bergamo e Verona.
- Essa foi a que você mais gostou?
- Foi,

- Já foi para os Estados Unidos?
- Não.
- O que você acha de viajar para os Estados Unidos?
- Dependendo do lugar eu gostaria de ir.
- Disney?
- Não.
- E por que não?
- Porque é uma coisa muito batida, sabe? Não tem nada lá, é parque de diversão, beleza, super parque, mas prefiro muito mais ir pra Nova Iorque, Califórnia.
- Por que?
- Porque Nova Iorque tem as coisas... como começou lá os Estados Unidos, tem uma história mais consolidada e tem Wall Street, que eu quero fazer Economia, sabe, me atrai mais. Na Califórnia tem o Vale do Silício, Texas... tenho vontade de ir pro Texas, também. Tem a história legal de querer se separar, guerra civil.
- Pelo que eu estou entendendo, sempre uma viagem atrelada a alguma coisa cultural?
- Sim.
- Não o passear pelo passear?
- Não, não.
- Seu final de semana você preenche como?
- Sábado de manhã eu não faço nada, vejo jogo...
- Jogo do que?
- Futebol
- Futebol é o seu esporte preferido?
- É.
- Você pratica ou só assiste?
- Já pratiquei, agora só assisto. Aí a tarde eu vou para o Demolay.
- Não sei o que é.
- É uma ordem de jovens ligada à Maçonaria, que eu participo.
- Como que é lá? O que você gosta de lá?
- Além do convívio com o pessoal de lá, que é super gente boa, eles têm também a simbologia, os princípios que eles falam que são os princípios principais, então é: respeito, cortesia, amor filial, são essas coisas assim... patriotismo.
- Quem te incentivou a ir?
- Foi coisa minha, mesmo. Eu tava pesquisando, por causa do meu pai, também.
- Ele é maçom?
- Sim, é. Aí eu tinha ouvido falar, tem um pessoal aqui da escola que é, vieram me perguntar se eu tinha interesse de ir e tal, aí eu fui, pesquisei e decidir ir.
- Faz tempo?
- Um ano mais ou menos
- E você está à vontade?
- Tranquilo, a gente faz churrasco, futebol, também. Não é só a reunião lá que você tem que ir vestido de terno.
- E seus amigos, como são? Só desse grupo ou sai com amigos do colégio...
- Bem diversificado. Tenho contato com os amigos do colégio, com os amigos do rolê também, tem alguns que eu conheci nas reuniões, mas é menos também.
- Amigos no prédio, casa...
- Tem também, mas como é.... já foi mais, agora como eles estão em clima de vestibular, essas coisas, a gente se fala menos. Mas os amigos são, principalmente, os do colégio e do rolê.
- Já que você falou em vestibular, qual é a intenção de curso?

- Economia
- E de carreira? O que você pensa de carreira?
- Eu tenho vontade de trabalhar com pesquisa na área de Economia, escrever um livro, alguma coisa, mas também tenho vontade de trabalhar com banco, gerir uma empresa, prestar consultoria. Tenho vontade de trabalhar com pesquisa, mas também com essa área do mercado.
- E você acha que o fato de você escolher Economia vai te manter socialmente ou vai te fazer progredir socialmente?
- A situação financeira progrediria um pouco, mas manteria, talvez.
- E você acha isso suficiente pra você ou você teria alguma ambição a mais?
- É suficiente. Se vier um pouco a mais, tudo bem, também.
- E se você não for aprovado em Economia, você tem uma segunda opção?
- Não.
- Não tem. E aí se você não for aprovado, você tentaria novamente?
- Sim.
- E quais são as opções de faculdade?
- Aqui no Brasil, tem a USP, vou prestar também o Mackenzie, por causa do meu pai, que tem bolsa lá. Não sei se vou prestar GV. Vou fazer o ENEM pra tentar federal e ver alguma no exterior.
- Quais?
- No exterior, eu estava pensando na do High School*, Missouri, talvez alguma em Portugal, Coimbra, Universidade de Lisboa.
- O que leva um jovem da sua idade a querer ir embora do Brasil?
- A situação aqui está meio ruim, né? Desemprego, crise, greve, coisas caras, muito imposto e lá fora, querendo ou não, tem um pouco mais de estabilidade. Portugal não é um p* país da Europa, teoricamente, mas tem uma maior estabilidade, sabe? Social, pra família lá, também. Eu acho que isso já ajudaria um pouco.
- Você não acredita que o Brasil vá melhorar em pouco tempo?
- Em pouco tempo, não.
- O que você imagina de futuro pro Brasil?
- Acho que vai ficar igual.
- Pensando em uma década, vai...
- Mais do mesmo. Acho que não vai ter reforma política, não vai ter reforma da previdência.
- Você acha necessário?
- Acho.
- Por que você acha?
- Pelo que eu li, acompanhei, apesar do Brasil arrecadar muito dinheiro de imposto, tal, além da corrupção, eles não estão sabendo como organizar direito essas finanças, então eu acho que isso está prejudicando a previdência. Eles precisariam tentar fazer alguma coisa pra equilibrar a situação, ou Brasil vai quebrar. Apesar de ter muito dinheiro, no longo prazo, vai quebrar. Também acho que aqui tem muito imposto e não justifica porquê não tem retorno, então... eu estava vendo o preço da gasolina, quarenta e cinco por cento é só imposto.
- Você acha que tem mais interesse pela situação política do Brasil por uma aptidão de carreira ou você acha que o jovem da sua idade está tendo mais acesso a isso?
- Acho que o jovem está tendo mais acesso.
- Você discute com seus amigos? Você sente que eles estão no mesmo nível de entendimento que você?
- Alguns, sim. Na média, sim.

- Das universidades que você me pontuou, qual é a que você mais quer entrar no Brasil?
A USP
- E por que a USP?
- Porque eu fui lá na visita, vi que tem uma estrutura legal, não era tudo o que eu esperava, por causa do prédio em si, enfim, modelo arquitetônico, mas pelo que eu vi, pesquisei e já falei também com amigos do meu pai dessa área, pessoas do Demolay dessa área, a USP parece ser a melhor opção. E também que é pública, teoricamente não teria que pagar.
- Você acha que as universidades públicas são melhores que as privadas?
- Dependendo do curso, no geral, sim.
- No seu curso?
- Acho.
- Você acha que o mercado reconhece mais uma universidade pública na área de Economia?
- No geral, sim. Acho que sim, tem mais nome, por causa da história da faculdade, justamente por estar mais consolidada, tem mais vínculos, mais networking. Por exemplo, fazer intercâmbio dentro da faculdade, estudar coisas de outras áreas, que eu vi essa opção.
- Eletivas?
- É. Se eu quiser fazer em outra área. Pesquisa lá, também é muito forte. Então eu acho que, justamente por isso, valoriza mais do que a privada. A privada ou é muito voltada para o mercado ou não tem um ensino teoricamente tão bom.
- Então você acha que o fato da USP ser a sua faculdade de maior interesse e sabendo das cotas agora, dos ingressos diferenciados que a Fuvest vai colocar, você se sente perdendo vaga?
- Eu não.
- Você não? Por que?
- Porquê eu acho que eu consigo passar, mas eu sinto que outras pessoas, que teoricamente deveriam passar, por uma questão de capacidade mesmo, não irão passar por causa das cotas.
- E você acha que, obviamente sendo branco, se autodeclararia branco, mas nós estamos falando de cotas raciais e sociais. Você acha que elas são válidas? Ou uma é, outra não?
- Ambas são? Nenhuma delas é?
- Cota racial eu acho completamente ineficiente. Eu acho que só aumenta o racismo, porquê querendo ou não, você está separando ali, negros de brancos, pra fazer uma prova.
- É como se o negro não tivesse a mesma capacidade pra fazer a prova quanto um branco.
- O que eu acho que não justifica. Em questão das cotas socioeconômicas tem um pouco mais de sentido, só que do jeito que está sendo implementado aqui, está sendo ineficiente, também.
- Por que?
- Porque a cota pra mim, deveria ser uma medida de médio e curto prazo, pra tentar inserir pessoas no mercado de trabalho e que historicamente foram excluídas desse mercado.
- Você acha que existe uma dívida com esse público?
- Não.
- Não existe uma dívida? A sociedade não deve para as classes mais baixas ou para os demais grupos raciais?
- Não.
- Continue seu raciocínio.

- Deveria existir por esse curto período de tempo pra tentar inserir essas pessoas no mercado de trabalho. Do jeito que está sendo feito no Brasil, parece que estão tentando curar o sintoma, que é a pessoa ser pobre, do que curar a doença que é a desigualdade e pobreza em si. Eu particularmente não vejo a desigualdade como um problema em si, acho que o problema é a pobreza, se for desigual, mas se todo mundo tiver o mínimo, tudo bem. No caso do Brasil, não é assim.
- Você acredita na meritocracia? No sentido que o vestibular é meritocrático.
- Sim, eu acho que as pessoas mais qualificadas devem entrar na faculdade ou na vaga de trabalho, mas eu acho que o sistema de vestibular que a gente tem aqui também não é muito bom. É uma prova, dois dias, que se você passou mal no dia, você... Define seu futuro ali...
- Define seu futuro, é. Acho melhor como é nos Estados Unidos que eles veem todo o histórico, carta de recomendação, tem todo um sistema ali, que além da prova, que verifica que está apto.
- A trajetória, né?
- Isso, a trajetória.
- E as bolsas de Prouni, você é a favor ou contra?
- Não acho ruim não.
- Você acha que é justo?
- Pela faculdade deixar de pagar o imposto, esse dinheiro do imposto pode ser realocado pra bolsas.
- Mas é um dinheiro que deixa de ir pro governo em troca da vaga. Você consegue ver que é o capital público sendo investido na universidade privada. Você acha certo?
- Certo, certo, eu não acho.
- Está tirando dinheiro da questão pública e repassando para a iniciativa privada, por isso que algumas pessoas são contra o PROUNI e outras são a favor.
- Eu acho que as instituições e as pessoas devem ter a maior quantidade de liberdade possível para fazer o que elas quiserem com o dinheiro delas. Então nesse caso, teoricamente, como o dinheiro ainda fica com a faculdade, ela pode fazer o que bem entender com esse dinheiro, mesmo ela tendo que dar bolsa. Então eu não acho errado. Você não está tirando a vaga de ninguém, você está criando novas vagas.
- Na verdade se esse dinheiro fosse aplicado na educação pública, você está tirando da educação pública.
- Mesmo assim, eu sou a favor. Está tirando do governo.
- Você sabe a diferença entre faculdade e universidade?
- Faculdade é quando tem um curso só e universidade é quando tem vários.
- Você acha que faculdades são melhores do que universidades?
- Não.
- Como o pessoal da sua família reage às cotas, você conversa sobre isso, ou eles acham que você por ser um vestibulando está sendo prejudicado? Existe essa conversa em família?
- Existe. Meu pai que está mais no meio acadêmico, não concorda muito, ele também acha que a racial não tem muito sentido e também acha que a social tem que ser mudada a maneira como ela está sendo implementada. A minha mãe como não está tão inserida no meio, ela tem uma opinião parecida, mas não tem tanto embasamento.
- Mas ela acha que você está sendo prejudicado, por exemplo?
- Eu não.
- Por que ela já viu o seu histórico, é isso?

- Ela, assim... ela tem a ideia que eu consiga passar mesmo com as cotas. Se vou passar ou não, aí é outra coisa, mas a ideia é passar, mesmo com as cotas. No geral, estão sendo prejudicadas.
- Então na sua família, ambos concordam com a tese, com sua opinião?
- Sim.
- E você acha que a opinião é própria ou influenciada?
- Acho que os dois. Não tem como eu não ser influenciado pela opinião dos meus pais, mas eu também já pesquisei bastante, li uns livros de alguns economistas, vi vídeos... essas coisas, alguns autores tendem a falar isso, mas no geral de forma mais radical. Aí meus pais puxam pro outro lado, também.
- Um lado mais social?
- É. Também pelo que a gente estuda em Sociologia aqui.
- Tenta um equilíbrio, então.
- Sim, sim.
- Terminamos por aqui, obrigado.

Transcrição entrevista - Sujeito 3**Data da entrevista: 25/06/2018**

- Conta pra mim quem mora na sua casa?
- Eu, meu pai e minha mãe.
- Como que é a sua casa?
- Minha casa é tipo cômoda? Essas coisas?
- Grande, pequena, não precisa de muitos detalhes.
- É média, duas suítes, a minha suíte, a suíte do meu pai, sala, cozinha e banheiro.
- É? É uma casa quitada?
- Não, acho que não.
- Não? Você ouviu seus pais falando de pagar? Parcelar a casa ou outros?
- Sim.
- Vocês têm carro?
- Sim.
- Quitado?
- Sim.
- Qual profissão do seu pai?
- Meu pai é mensageiro.
- O que é mensageiro?
- De hotel, hotelaria, ele recepciona as pessoas na rede do hotel?
- E é uma rede de hotel grande? Pequena?
- Grande.
- E eu sei a profissão da sua mãe, mas qual é a profissão da sua mãe?
- Copeira.
- De onde?
- Do Colégio.
- Do colégio, ok. Desde quando você estuda no colégio?
- Desde 2004/2003.
- Então são uns 14 anos que você está aqui? Sua mãe trabalha mais tempo que isso aqui no colégio?
- Acho que sim.
- É? ok. Como você analisa a sua vida em casa? Acha que é confortável? Você passa vontade de ter coisas? Você, enfim como avalia a sua vida?
- Eu acho bastante confortável, tipo umas coisas eu até desejo, mais ...
- O que você gostaria de ter e não tem ou não teve? Teve alguma coisa de pequeno que você queria ter e não pode?
- Não.
- Então você acredita, por exemplo, que você tem o tênis que você gostaria de ter?
- Sim.
- Você tem?
- Tenho.
- Então por que você acha que você tem? Por Mérito? Por esforço? Por que você acha que a sua família te dá?
- Ah, é esforço também.
- É?
- É sim, mais esforço.
- Pelo o que você enxerga como filho, qual é a maior renda da sua casa? Do seu pai ou da sua mãe?
- Acho que do meu pai.

- Do seu pai?
- Sim.
- Você se considera dentro da classe média, baixa, média ou média alta?
- Média.
- Média? Tem televisão na sua casa?
- Sim.
- Quantas?
- Três.
- Três. Ficaria tipo uma na sala, e uma em cada cômodo? É isso?
- É isso. Uma em cada quarto
- Em cada quarto, tá. Você tem que tipo de hobby? O que você gosta de fazer?
- Ouvir música, praticar esporte.
- Qual?
- Futebol, mais futebol.
- Onde você joga?
- Eu não jogo, eu faço as coisas de manhã.
- Mas você pratica em algum lugar?
- Sim, de domingo. De domingo eu tenho futebol com meus familiares.
- E onde que é?
- Fica na parte perto de casa, na minha casa.
- No clube?
- Não. É uma quadra que a gente aluga. A gente joga todos os domingos.
- Quem vai lá?
- Meus primos, meus tios, pessoal da família mesmo.
- Então você assiste mais o futebol. Você assiste mais?
- Eu não gosto muito de assistir.
- Não? Gosta mais de jogar?
- Sim.
- Tem um segundo esporte que você gosta de praticar?
- Não.
- Que tipo de música que você gosta de ouvir?
- Ah, tudo. Pagode, Sertanejo, Funk, tudo.
- Que tipo de programa você gosta de assistir? Você assiste TV?
- Não, eu não assisto.
- O que você gosta de ver na internet, por exemplo?
- Na internet eu vejo bastante coisa de carro, moto, essas coisas.
- É um hobby pra você?
- Sim.
- Você gosta de carros? Carro antigo, carro novo?
- Tudo, moto também, bastante eu gosto. É isso, meu gosto é esse.
- Você também acessa youtube? Também vê vídeos sobre esses assuntos?
- Sim.
- Rede sociais, como funciona pra você? Você usa muito pouco? Ou não tem?
- Nas horas vagas né. Tipo tô no metro, no ônibus, quando eu chego em casa e estou sem fazer nada.
- Qual você usa mais?
- Facebook.
- E o que você faz no Facebook? Você conversa mais com as pessoas, curte mais postagens, como que é?
- Eu visualizo mais.

- Você sai pra jantar? Gosta mais de comer com seus pais em casa? Como que faz?
- Jantar sempre em casa, a maioria das vezes eu sempre janto em casa. Mas almoçar é mais frequente que jantar.
- Sair em família?
- Sim.
- E em qual restaurante vocês vão?
- Comida japonesa e rodízio, churrasquinho mesmo.
- Qual a carga horaria de trabalho do seu pai?
- Meu pai?
- Pouco, muito ou média?
- Média.
- E a sua mãe?
- Minha mãe é média, eu acho.
- Você tem frequência no cinema, teatro?
- Não.
- Lê livros?
- Não.
- Não? Não gosta?
- Não.
- Por que? Você acha que é seu ou da geração de não gostar de ler?
- Acho que é meu.
- Seu? Por que você não gosta?
- Eu acho entediante, né. Eu não curto, entendeu? Não é um negocio que eu gosto, que eu faço por prazer, entendeu?
- Teria que ser um esforço?
- É, sim.
- Museu, frequentou?
- Não.
- Qual foi a sua última viagem?
- Minha última viagem foi pra Bahia, Salvador.
- Mas foi a passeio, ou visitar familiares? Como que foi?
- Visitar familiares e passeio.
- Você gostou?
- Eu gostei.
- O que você mais gostou de lá?
- O que eu mais gostei de lá foi as pessoas, os lugares que eu visitei lá, e a minha família, a família da minha mãe que tem lá.
- Já foi pra fora do Brasil?
- Não.
- Tem vontade de ir?
- Tenho.
- Para onde?
- Estados Unidos.
- Que lugar você gostaria de ir?
- Orlando.
- Orlando. Você já escutou algum amigo seu indo pra Orlando?
- Sim.
- O que você gosta de ouvir que eles falam? O que você acha legal que eles contam pra você?
- As compras, os parques.

- Você acha que você tem algum parque específico que gostaria de ir?
- Não.
- Não? Tá. E quando fala em compras o que te agrada? Roupa? O que é?
- Roupa, celulares, essas coisas, relógio.
- Você acha que lá vale a pena?
- Sim. Eu acho que vale a pena lá.
- Você juntaria dinheiro pra fazer uma viagem para lá?
- Sim.
- Você pegaria dinheiro do seu salário, por exemplo, pra ir pra lá?
- Sim.
- O que você vai fazer nas suas férias por exemplo?
- Nas férias?
- Agora.
- Agora eu vou estudar pro vestibular. Ai nas horas vagas eu vou sair com meus amigos daqui do colégio mesmo.
- Isso que eu queria te perguntar, seus amigos são mais do colégio, mais da vizinhança?
- Mais do colégio.
- Eu não te perguntei, se você mora em casa ou apartamento?
- Casa.
- Você tem amigos na redondeza ou não?
- Sim, porque eu moro em condomínio de casa.
- Ah, condomínio. Então seus amigos são mais do colégio e não de lá?
- Sim.
- E qual a diferença que você vê dos seus amigos daqui e dos de lá?
- Os daqui são mais próximos né, mais próximos. Sei lá tenho uma relação mais aberta, assim com meus amigos. Eu falo coisas que não falaria pros meus amigos tipo da vizinhança.
- Eles são mais recentes do que esses?
- Sim.
- Depois daqui alias?
- Sim.
- E você tem uma situação aqui no colégio que você é bolsista, você é filho de uma funcionária, alguma vez isso foi empecilho de alguma coisa no colégio?
- Não.
- As pessoas te respeitam?
- Sim.
- Nunca se sentiu desrespeitado por isso?
- Não.
- Você tem orgulho de ver sua mãe trabalhando aqui?
- Sim.
- Por que Arthur?
- Porque eu vejo que não é fácil ela trabalhar aqui pra ter minha bolsa, sei lá, como posso falar, o esforço dela..., sei lá como que fala, deixa eu ver como posso falar, ela se esforça bastante pra ficar aqui pra eu ter minha bolsa, ela quer ver o meu futuro, entendeu? Ela planeja ter um futuro bom, é isso.
- E como você vê isso pra você? Como você recebe isso? Porque esse é o esforço dela como que é o seu?
- Eu me esforço o máximo porque não é fácil né, eu vejo que não é sempre que ela tá numa fase boa, que ela fica aqui no colégio, tem fase ruim também, eu vejo que ela se esforça sempre pra manter eu aqui, ter um estudo bom.

- E você se esforça pra ficar?
- Sim.
- Alguma vez você pegou algum tipo de recuperação?
- Sim
- E aí, como foi pra você isso? Você era muito novo?
- Não, eu já fiquei recente de recuperação. Eu acho que é uma dificuldade minha né, que sempre a matéria que eu fico é de inglês, eu tento estudar mais é uma dificuldade minha, então ela entende essa parte, então eu não tenho muito peso na consciência não por ter ficado em recuperação por não ter me esforçado.
- Mais recuperação de período ou final?
- Período.
- Final você já ficou de alguma?
- Já de inglês.
- De inglês também.
- Só de inglês.
- Foi nesse momento que você pegou recuperação final de inglês?
- Acho que ela entendeu também, eu entendi que era meu esforço e fiquei bastante chateado porque ela se esforçou, se esforça pra ter um estudo mas assim, eu não aproveitei, mais só que assim eu não achei errado isso porque eu sei que é um esforço meu, isso que eu consegui e se eu não consegui acho que ela entendeu.
- Como que o seu pai enxerga o trabalho da sua mãe, esse esforço que a sua mãe faz, seu pai ele é parceiro de vocês nesse sentido?
- Sim, ele é parceiro, ele sempre tenta amenizar, tipo tem vez que eu sempre to nervoso em casa por causa de estudo e ele tenta me acalmar, sempre foi parceiro meu, nunca colocou pressão pra estudar.
- Você tem orgulho da profissão do seu pai?
- Sim.
- Você acha que seu pai é valorizado pelo o que ele faz no trabalho dele? Você acha ele feliz?
- Sim, eu acho sim.
- Seus amigos falam da profissão dos seus pais aqui dentro?
- Não.
- Você já se sentiu diminuído por ter amigos que tem pais muito bem-sucedido financeiramente, por exemplo?
- Não.
- Você é consciente do seu lugar na sociedade?
- Sim.
- O que você pensa do seu futuro? O que você espera pro seu futuro? Estar na mesma situação, melhorar?
- Melhorar. Eu penso em estudar, fazer uma faculdade boa, ter um bom emprego, ter um sucesso financeiro, ajudar os meus pais e retribuir tudo que eles me deram, entendeu? Tipo, melhorar a vida deles também.
- Qual seu objetivo de curso? Qual curso você quer prestar?
- Engenharia de Produção.
- Por que você quer fazer engenharia de produção?
- Porque eu já fui em feiras de faculdades da USP e me informei na faculdade e gostei bastante do que eles falaram, tudo faz contexto comigo, é a administração né só que é uma área mais atual lá, aí é a área que eu gosto.
- Decidido?
- Sim

- O que você imagina de carreira pra você? Você tem 17, vamos pensar você com 27 o que você pensa em carreira, aonde você quer estar daqui a 10 anos? Qual que é o seu sonho?
- Ok. Numa empresa muito boa, tá na faculdade que eu pretendo fazer.
- No Brasil ou fora do Brasil?
- No Brasil.
- Qual que é a faculdade que você pretende fazer?
- USP ou Unicamp.
- Seu sonho maior é qual das duas?
- Unicamp.
- Por que a Unicamp?
- Porque acho que ela tem uma estrutura bem legal, e assim, a visita na USP não me agradou também muito.
- Por que?
- Por causa da estrutura, as pessoas lá, não sei se ia me adaptar fácil lá também.
- O que você viu de diferente da sua realidade, você comparou o ambiente com aqui é isso?
- Isso, a estrutura do colégio é sem comparação com a USP né, as pessoas são mais, sei lá, gentis, simpáticas.
- Aqui ou lá?
- Aqui no colégio, as pessoas são mais simpáticas, lá as pessoas são mais fechadas, mais reservadas. Eu sou um cara que assim, gosta de ter amizade, gosta de ter comunicação com as pessoas entendeu?
- Você acha que a Unicamp é diferente?
- Sim. É que eu nunca fui, mais o que me falam né.
- Que o pessoal é mais aberto?
- Sim.
- Você acha que o diploma, vamos pegar o da Unicamp então, ele vai fazer toda a diferença na sua carreira?
- Talvez, eu acho que sim.
- Você vê diferença, por exemplo, no diploma de uma universidade privada, no diploma de uma universidade pública?
- Sim.
- Qual é a diferença pra você maior?
- A diferença é que as empresas vão optar pelo que estudou numa faculdade de bom desempenho, do que numa particular que não tem bom desempenho. E é isso, pode acarretar de eu não ter emprego bom.
- E o que a Unicamp tem de melhor? Já que você tá pesquisando. Aliás, vamos reformular a pergunta, por que você acha que a Unicamp tem um nome tão bom?
- Acho que a estrutura que eles têm, a estrutura tanto da grade escolar, não sei falar, a parte de organização escolar deles, os estudos são muito forte e acho que a estrutura assim pelo campo que pode ter acesso a laboratório a várias coisas né.
- E você acha que o diploma da Unicamp vai te garantir ganhar mais do que sua família?
- Sim.
- Você acha que vai conseguir ter uma ascensão de carreira? Do que seus pais têm?
- Sim.
- Você sabe a diferença entre Faculdade pra Universidade?
- Não.
- Faculdade é onde você tem a concentração de um curso ou cursos da mesma área, vamos pensar na FGV, Fundação Getúlio Vargas que tem economia, ADM, etc, o direito né.

Universidade é quando você tem tudo de Medicina, Direito, letras, então você tem um universo, por isso que é universidade, um universo amplo. Você acha que é melhor você ter um universo amplo de pessoas convivendo, ou algo mais específico como a faculdade?

- Amplo.

- Por que?

- Por que eu acho que eu estando num lugar mais aberto eu teria fácil adaptação em outros lugares, e se for mais reservado qualquer outro lugar vai ser novidade pra mim.

- Você sabe o que é ação afirmativa?

- Não.

- Você sabe o que é reserva de cotas de faculdade? Pra cotistas?

- Não.

- Você já ouviu falar da lei de cotas pra Negros, Pardos, Indígenas e pra alunos de escola pública? O que você acha dessas cotas?

- É, cotas raciais eu não apoio.

- Por que?

- Não apoio porque assim, eu acho que não tem diferença de um Negro pra um Pardo, Indígena não ou pra um Branco.

- Você se autodeclararia Branco?

- Sim. Mais tipo as cotas pra escola públicas eu apoio por que a oportunidade de estudo que eles têm não são as mesmas que a gente tem, a preparação pra um vestibular não é a mesma que a gente tem, eu acho certo eles ter as cotas.

- Você se vê nesse meio desse grupo Arthur? Nesse grupo que precisa de cotas? Se sua mãe não estivesse no Agostiniano, você estaria numa escola privada?

- Escola privada, não sei, talvez.

- Pelo o que você da dinâmica da família?

- Acho que a minha mãe se preocupa bastante nessa parte de estudos, mas assim, se eu estivesse na escola pública eu apoiaria essas cotas porque eu não teria a mesma preparação como eu já disse né.

- E hoje você na escola particular apoia essas cotas sociais, não as raciais?

- Sim.

- Você acha que a sociedade Branca tem alguma dívida histórica com os negros?

- Sim.

- E se nós temos essa dívida histórica você acha que as cotas raciais não amenizariam essa dívida?

- Diminuiriam, acho que não.

- E você tem alguma ideia de como fazer pra diminuir essa dívida histórica?

- Não faço ideia.

- Você não consegue imaginar como a gente pode igualar o Negro ou aproximara situação do Negro com a do Branco? Você Arthur como ser social?

- Sim eu entendo que os Negros, assim, sempre foram objetos manipulados pelos Brancos.

- Eu não sei como igualaria.

- Você acha que estar na universidade é mais importante pra você, pra uma pessoa milionária ou pra uma pessoa muito pobre?

- Muito pobre.

- Por que?

- Porque eu acho que ela estando na universidade ela tem mais chance de ter um serviço bom e melhorar a situação dela e da família dela que passa muitas dificuldades.

- Você acha que alguém da periferia conhece a USP?

- Acho que não.

- Por que? O que falta pra ele conhecer a USP?

- Convite pra ir, como o colégio faz, o colégio faz convite pra gente visitar diversas faculdades, universidades, e assim, esse povo da periferia não tem essas escolas que tem o convite que tem um planejamento pra fazer essas coisas, eu acho que eles não vão pra USP.
- Você acha que essas cotas né, esse pessoal que entra na universidade pública por meio das cotas raciais ou sociais, eles estão tirando a sua vaga? Você se sente prejudicado por isso?
- Não.
- Então você acha que é um processo que é justo?
- Sim. Que a concorrência é justa já que eu tenho bons estudos e ele não tem.
- Você acha que o pessoal que você convive dentro do colégio pensa diferente do pessoal que você convive no seu condomínio, em relação a isso?
- Sim, eu acho sim.
- Qual é a diferença entre eles?
- Ah, não sei.
- Aqui você ouve pessoal mais a favor ou contra as cotas em relação ao seu condomínio?
- Sim, eu acho que aqui dentro eu ouço mais o pessoal falar que é contra as cotas já que eles são privilegiados nessas coisas e não queria que alguém estivesse a frente dele. Já no meu condomínio o bairro que eu moro eu acho que, é que eu nunca perguntei né.
- Mais você já ouviu alguém falando sobre isso?
- Não, mas eu acho que eles apoiam já que eles são os privilegiados né.
- E o pessoal lá pensa em fazer faculdade, no seu condomínio?
- É que assim a amizade que eu tenho lá no meu condomínio o pessoal já tá em faculdade, só que faculdade particular.
- E de boa qualidade ou qualidade duvidosa?
- Qualidade duvidosa tipo, XXXX e tal.
- Você acha que eles estão nessas faculdades por questões financeiras? Que é o que eles podem pagar?
- Sim e também é o que eles conseguiram né, entrar, tipo eles não teriam a chance de entrar numa USP.
- Entendi, ou numa XXXX, que tem vestibulares difíceis.
- Sim.
- E seus pais pensam como você? Em relação as cotas?
- Sim, pensam sim.
- Me fala uma coisa, alguma vez pelo fato de você estar no terceiro ano do ensino médio e ser a sua vez de prestar vestibular, eles não pensaram que não é justo, que justo na sua vez, ou alguma coisa do tipo?
- Não. Eles sempre apoiaram cotas.
- Você acredita no futuro do Brasil?
- Não sei.
- Não sabe. Você acha que a médio prazo o Brasil vai estar como? Nos mesmos 27 anos que você vai estar numa multinacional.
- Eu acho que vai estar do mesmo jeito que hoje, né.
- Então isso não seria o suficiente pra você ir embora?
- Seria.
- Mais você acha que você teria um bom retorno financeiro indo embora do Brasil?
- Sim.
- Pra finalizar, se você não entrar em engenharia de produção, tem uma segunda opção?
- Por enquanto não.
- E se não passar na USP ou na Unicamp, o que você vai fazer?

- Eu acho que vou tentar mais uma vez, fazer um ano de cursinho ou estudar em casa mesmo, pra tentar fazer mais uma vez. Então não sei ainda, não pensei nesse caso ainda
- Quais são suas chances no vestibular? Como você acha que você tá se avaliando?
- To médio ainda.
- O que falta?
- Falta mais estudo, mais foco, mais esforço, eu acho. E assim, eu to muito cansado né, eu tenho longo período de aula, eu estudo da sete as seis, aí eu chego em casa e tenho que pegar metro lotado, ônibus lotado, aí chega em casa já to cansado e aí pra estudar nem da.
- Você se considera um privilegiado no meio social que você vive? Você acha que o fato de estudar no XXXXX te dá esse privilégio?
- Sim.
- Obrigado pela entrevista.

Transcrição entrevista - Sujeito 4**Data da entrevista: 25/06/2018**

- Como é a sua família?
- Moro com a minha mãe, na minha casa somos eu minha mãe e minha irmã.
- Sua mãe trabalha?
- Trabalha.
- Qual que é o trabalho da sua mãe?
- Ela é Professora.
- Ela é de que série?
- Pra criancinha.
- Ela tem ensino superior?
- Tem.
- Tem. Ela fez o que? Pedagogia?
- Fez.
- E seu pai?
- Meu pai ele largou a escola no terceiro e hoje ele é acionista.
- Acionista do que?
- Ah, não sei muito bem, ele não gosta muito de falar da profissão, ele não quer que eu conheça muito pra não entrar muito nesse mundo, que ele disse que é muito arriscado.
- Mas é o que em termos de bolsa?
- Sim.
- E como que você classifica a sua condição financeira? É confortável, pouco confortável?
- Confortável.
- É confortável? Por que você acha que é confortável?
- Porque eu nunca precisei de nada, sempre que precisei tava lá, sabe. Não tenho o melhor de tudo, não preciso de tanto conforto, mais tudo tranquilo assim, eu não deixo de fazer nada, eu não perco nada por isso.
- Você mora numa casa própria?
- Sim.
- Quitada? Você tem veículo? Automóvel?
- Sim.
- É, sempre foi assim a sua vida?
- Sempre.
- Sempre? Desde de que você começou a ter consciência de vida você teve o mesmo padrão? Você podia fazer as mesmas coisas, você podia comer nos mesmos lugares, enfim, você sempre pode?
- Sim.
- Que tipo de lugar, como é a sua vida social com a sua família? O que vocês fazem?
- A gente normalmente reúne todo mundo em casa pra comer, ou vai na casa de outra pessoa né, porque eu tenho alguns irmãos também só que eles são mais velhos, já tem outra casa, e se reúne, as vezes sai pra comer alguma coisa, não é muito frequente. Normalmente é mais em casa do que na rua? Você gosta de cinema, música, que tipo de música, que tipo de filme, séries, enfim?
- Música eu sou pouco eclético, eu gosto de tudo, mas eu acho que gosto mais de rock.
- Mais de rock? Filme você gosta, cinema você gosta?
- É que eu não vou muito mais.
- Em casa você assiste Netflix, por exemplo?

- Às vezes.
- Às vezes. E série maratona?
- Não faço mais.
- Não. O que você faz em casa nos seus momentos de lazer?
- Às vezes eu jogo vídeo game, as vezes eu só fico atoa mesmo.
- É? Tá. O que você assiste na TV quando você tá de boa em casa?
- Vejo, se tiver alguma série na TV eu vejo ou um filme.
- É? Você faz parte de algum grupo fora da escola, ou tipo, um grupo de estudos, um grupo religioso de igreja, um grupo de, enfim, tem algum grupo que você esteja inserido?
- Não.
- Você é uma pessoa com muitos amigos, poucos amigos, como você se?
- Muitos.
- E como que é sua dinâmica social com eles, vocês saem, vocês vão mais pra prédio, vocês vão mais pra rua?
- A gente vai mais pra rua.
- O que vocês fazem?
- É que depende do povo também, tem o pessoal aqui do colégio, tem o pessoal de fora também que o pessoal do colégio é mais pra prédio mesmo.
- E o pessoal de fora?
- Mais pra rua.
- Que bairro que você mora?
- Na Penha.
- Na Penha. A Penha você considera que é um bairro de classe média, média baixa, média alta, como que você avalia?
- É média baixa.
- Média baixa. Por que você acha que é média baixa?
- Porque na média alta tem muitos prédios e lá não tem tantos assim, mais também não tem nenhum tipo de favela.
- É? Você se sente seguro lá?
- Mais ou menos.
- É comum você ouvir coisas de assalto, é, conversa sobre assalto?
- Um pouco raro, mas têm.
- É? Certo. Como você vem pra escola?
- De ônibus.
- De ônibus? Que horas você acorda pra vim pra escola?
- Acordo 5:40am.
- 5:40 am, ok. Você gosta de algum esporte? Pratica, gosta.
- Eu gosto, mas não tenho praticado.
- O que você mais gosta?
- Eu gostava de fazer luta né, eu fazia taekwondo.
- Taekwondo. Até que idade você fez?
- Até os 13. A esportes em geral também.
- Mas você assiste mais ou pratica mais?
- Pratico.
- E o que você mais gosta então são as lutas? E depois o futebol?
- Sim. Futebol, Vôlei.
- É, dificilmente você sai pra jantar, almoçar fora? Você acha que não sai por que? Porque a família gosta de ficar junto, ou por causa do preço, o que que é?
- Que eu chego em casa meio tarde, na semana não rola muito, mais minha irmã ela sai várias vezes com meu pai pra almoçar.

- Qual a idade da sua irmã?
- Tem 20.
- 20a. Sua irmã faz faculdade?
- Não, ela tá fazendo cursinho.
- Fazendo cursinho. O que ela quer prestar?
- Medicina.
- Medicina, entendi. É, antes de você, entrou aqui no colégio com que idade?
- Com 15 anos, ia fazer 16 no primeiro.
- Primeiro ano do ensino médio. E você estudava aonde antes?
- É, XXXX, na Vila Matilde.
- Essa escola, é uma escola que tipo? Privada, pública?
- Privada.
- Privada. Como que era o porte da escola?
- Bem grande.
- Como que era lá? O seu fundamental, o que você tinha de coisas boas ou ruins lá?
- Ah, o ensino era um pouco defasado né, percebi quando vi aqui que perdi várias coisas, mais não era ruim não.
- Não?
- Não, tem uma boa base e não tem tantas diferenças grandes assim.
- Não? E por que você escolheu o São José?
- Pelo ensino mesmo.
- Pelo ensino. O que você ouve do nosso colégio na região? Ou ouvia na época da escolha né?
- Que era um colégio muito difícil, não era qualquer um que conseguia manter acima da média aqui, achei que seria bom.
- Pra você esse desafio foi bom?
- Sim.
- Agora no terceiro ano você consegue validar que foi bom mesmo? Você consegue ter certeza de que foi bom?
- Talvez não tenha sido o melhor, mas foi bom.
- Onde não foi bom? O que pecou?
- É que quando eu vim pra cá eu tinha uma expectativa de ir mal e ter que me esforçar bastante e não foi bem assim, até que me dei bem.
- Nos dois primeiros anos e esse ano?
- Também.
- Você não acha por exemplo que o terceiro ano te dificultou mais a vida, digamos assim, em termos de prova, ou de aula?
- Teve um pouco de mudança de professores né, que mudou um pouco é a forma que eles corrigem prova e tudo mais, e acho que isso é o que mudou mesmo.
- Os seus pais moram na Penha ou só a sua mãe?
- Só minha mãe.
- E o seu pai mora aonde?
- Na Vila Carrão.
- Na vila Carrão. E, vocês sempre moraram na Zona Leste?
- Sim.
- A ocupação da sua mãe e a ocupação do seu pai, é de longa data ou é novidade?
- Da minha mãe é novidade.
- É? Ela fez faculdade mais velha?
- Sim.
- Com qual idade ela fez a faculdade?

- Com 36, por aí.
- E por que ela foi procurar uma faculdade?
- Porque antes ela teve que sair dos estudos pra trabalhar, e ela percebeu que precisava pra arranjar um emprego melhor, coisa assim.
- E ela gosta do que ela faz?
- Sim.
- E seu pai ele trabalha, como acionista vamos dizer assim, há muito tempo?
- Sim.
- Há muito tempo, ok. É, vamos lá, vamos falar um pouquinho agora que eu já entendi mais ou menos o seu contexto de família. Eu quero entender quais são suas pretensões daqui pra frente né, já tem um curso definido?
- Tenho.
- Qual?
- Engenharia Mecatrônica.
- Engenharia Mecatrônica. Qual é o objetivo de carreira? Não de faculdade, o que você pensa em fazer como engenheiro?
- Que engenharia Mecatrônica não era exatamente o que eu queria, eu tava pensando em algo mais pra biomédicas, coisa assim, mas eu também não tenho certeza, mas eu não sei bem a carreira que eu quero fazer.
- Se projeta, com 30 anos você gostaria de estar fazendo o que? O que essa imagem, você adulto, trabalhando com o que?
- Resolvendo projetos.
- Projetos? Mais em que sentido de construção de um robô, ou de trazer soluções pra uma empresa?
- Construção de Robô.
- Isso se aproxima mais do que você imagina?
- Sim.
- E por que você acha que você escolheu esse curso? Quais suas aptidões pra isso?
- Eu sempre me dei bem com parte física, acho bastante interessante e sempre quis né, desenvolver algo diferente, criar algo novo assim, de poder ajudar as pessoas.
- Mas você pensa em descobrir algo novo pra um retorno financeiro ou algo novo pra um bem social? O que que pesa mais?
- Acho que seria o bem social.
- O bem social? Por que?
- Eu vi que você ficou na dúvida, do porquê.
- É que o retorno financeiro é muito bom obviamente, mas acho que se fosse só por isso eu não teria escolhido bem essa carreira.
- É? O que você acha que daria mais dinheiro hoje em dia?
- É que é bastante arriscado você escolher né carreiras como administração, economia, mas pode acabar se dando bem né, se você tiver sorte.
- Entendi. Você acha que você só vai prestar engenharia mecatrônica, você não vai prestar outro curso?
- Não.
- Só esse? Tá. Então você tá bem decidido?
- Acho que sim.
- Pelo menos pra fazer essa prova?
- Não, mas vou fazer ITA também e não tem engenharia mecatrônica, no caso.
- E qual que você vai prestar lá?
- Aeronáutica.
- E qual das duas você optaria se fosse aprovado nas duas?

- Mecatrônica.
- Você acha que estar nessa, a escolha da mecatrônica como seu curso principal ela vai te manter no mesmo nível social ou ela vai te progredir ou ela vai regredir?
- Acho que vai progredir.
- Progredir? Por que? O que você acha que vai ter mais de ganho rendimento, salário.
- Acho que sim.
- É. Hoje você vive com o dinheiro do salário da sua mãe mais uma pensão do seu pai? É isso?
- É. Só que não é bem uma pensão, porque eu seria, ele que dá, a gente faz um acordo entre os dois pra ver qual que é melhor né.
- E você acha que como engenheiro mecatrônico, você teria uma situação financeira melhor que a atual que eles podem te propor é isso?
- Sim.
- E em relação as faculdades, universidades, qual é a tua meta?
- Eu acho que o objetivo principal seria a Poli.
- A Poli? Por que a Poli?
- Porque, além de ser publica não ter que pagar, aparentemente muito boa, dizem, quando visitei eu gostei bastante.
- Da estrutura?
- Isso.
- Mas o primeiro critério é por ser público ou pela qualidade de ensino?
- Pela qualidade.
- Você acha que existiu diferença gritantes na área que você escolheu entre universidades privadas e públicas?
- Um pouco.
- É, o que você vê que tem mais uma e não na outra?
- Que eu não conheço muito por exemplo a FEI que dizem que seria uma das melhores privadas, mas eu acho que os professores não são tão bons quanto dizem que são na Poli.
- Existe uma segunda opção de faculdade?
- Além do ITA?
- Ou terceira no caso?
- Unicamp e acho que UNESP.
- São as três que você vai, e você teria alguma privada pra prestar ou não? Caso você não passe você pretende fazer cursinho, é isso?
- É isso.
- Você sabe o que são as ações afirmativas? Você já ouviu falar da lei de cotas?
- Sim.
- O que você sabe da lei de cotas?
- Que qualquer estudante Negro, e que fez ensino público, o ensino médio em escola pública, vai ter direito as cotas nas universidades.
- E o que você acha sobre isso?
- Acho certo.
- Por que?
- Porque tem que desenvolver a educação, mas ela não vai melhorar agora do nada né, as pessoas vão ter coisas as mesmas oportunidades que tem agora, não vai mudar do nada, então por isso precisa de uma ação agora pra poder ajudar essas pessoas.
- Você não os vê como concorrentes?
- Não.- Você não acha desleal o processo? No caso, até o ano passado a USP dava bônus, esse ano tem um processo seletivo específico, a Unicamp tem outras formas de unificar

também o aluno cotista, você não acha que não os colocam em vantagem em relação a você?

- Acho que não.

- Não? Por que?

- Porque muitos dizem que qualidade, qualquer instituição pública ia muito pior do que a gente tem aqui.

- Instituição pública você diz a escola regular, não a universidade pública?

- Sim. Por isso eu acho que se fosse sem cotas, provavelmente eles não teriam muita chance.

- Você acha que a gente tem uma dívida histórica com eles? Negros pela escravidão, Negros, Pardos, Indígenas, você acha que nós temos uma dívida com a cota racial, que a cota social é pra escola pública né, mais a cota racial, você acha que o Branco tem essa dívida?

- Eu fico meio dividido as vezes.

- Quais são seus argumentos? O que você pensa em relação?

- Que realmente tem um pouco de dívida, mas não acho que por ser negro você devia ser beneficiado só por isso, então.

- Ao mesmo tempo que tem uma dívida, e como nós sanaríamos essa dívida com o Negro sem ajudar-nos, digamos assim, sem a instituição bonifica-los?

- Mais na parte de, é, na parte jurídica né, a leis para discriminação e punir mais quem fizer esse tipo de delito e acho que é.

- Você acha que o Negro consegue ter a mesma formação acadêmica que o Branco?

- Acho que sim.

- Acha que sim. Você acha que ele tem?

- Não todos.

- Você se autodeclararia como no processo seletivo? Branco, Negro Amarelo.

- Amarelo.

- Seu pai ou sua mãe é oriental?

- Só meu pai.

- Então você se colocaria como amarelo pelo seu pai. Você acredita que os orientais têm um diferencial nos vestibulares em relação aos ocidentais e aos Negros?

- Sim.

- O que você vê de diferente na sua cultura? Ou criação? Para que isso seja uma verdade.

- Meu pai por ele ter largado a escola, ele tem uma facilidade muito grande em exatas e eu sinto que isso, mesmo não ter se esforçado tanto pra aprender, meio que passou pra mim, sabe eu criei essa facilidade em aprender com a memória muito fácil, e eu acho que no vestibular você têm que saber a matéria, decorar a matéria e isso é muito bom.

- Você acha que os orientais são mais cobrados? As famílias orientais cobram mais que as famílias ocidentais?

- Acho que depende muito.

- No seu caso?

- Acho que nem tanto.

- Não? Existe uma pressão da sua família que você seja engenheiro mecatrônico da USP?

- Não, o curso por exemplo eles nunca optaram, mais depois que passei ano passado na USP eles ficaram muito ansiosos por isso.

- Qual foi o curso que você passou?

- Licenciatura em Física.

- Em São Paulo?

- Isso.

- O que você prevê para o seu futuro? O que você gostaria que desse certo no seu futuro?

- Eu gostaria de entrar na Poli, e conseguir intercâmbios, que eu acho bem legal.
- Só pra gente finalizar, na sua família todo mundo concorda com a sua visão sobre as cotas?
- Não.
- Qual é a opinião dos seus pais? Pai e Mãe.
- Meu pai eu acho que eu nunca perguntei direto, mas eu acho que ele é mais ou menos contra.
- Por que o seu pai é mais ou menos contra? Ou passa a impressão de ser contra?
- Porque ele é mais conservador.
- É? Ele acredita em meritocracia é isso, que o aluno por si só se esforça e consegue, e você não acredita nisso?
- Acredito, o aluno tem que se esforçar também, mas também tem que dar meios como ele chegar nesse lugar.
- E a sua mãe, qual a posição dela?
- Ela seria a favor. Eu acho que, não sei muito bem o que ela pensa, mas ela seria a favor por conhecer mais as pessoas que precisam, e ela também precisou tecnicamente, porque ela.
- Ela é professora de rede pública?
- Sim. Ela teve que prestar concurso e ela.
- Ela é professora de rede Municipal ou Estadual?
- Estadual.
- E ela conta pra você o que ela vê no dia-a-dia dela de diferenças? O que você acha?
- Que é bem pesado às vezes, porque ela trabalha ali perto da “Cracolândia”, e esse pessoal que mora ali perto, vai pra onde ela trabalha e ela fala que é bem diferente.
- Você consegue ver a nossa sociedade é muito dividida entre quem tem dinheiro e quem não tem dinheiro? Pra você é real isso?
- Sim.
- Certo. E você já tentou discutir sobre esses assuntos com a sua família? Política, políticas sociais?
- Às vezes
- Você tem essa liberdade? Com o seu pai também?
- Sim.
- E você acha que consegue mudar as opiniões deles?
- Não.
- Por que não?
- Porque minha irmã por exemplo, é bem cabeça fechada assim, não aceita fácil qualquer tipo de pessoa, e eu sinto que meu pai é bem parecido nisso.
- A sua irmã se sente prejudicada pelas cotas? Por estar prestando medicina?
- Sim.
- E qual que é o discurso dela?
- Que por exemplo, cota racial não é necessário.
- Por que?
- Porque o que importa é a condição social da pessoa, não importa se ela é Negra ou Branca. Se ela teve dinheiro pra uma educação boa, ela não precisa de cotas.
- Por que você acha que você diverge? Por que você acha que tem esse olhar mais social? Qual foi a diferença? Você acha que é seu, é de você mesmo isso? Nunca teve um fator externo?
- Talvez a minha mãe.
- Obrigado pela entrevista.

Transcrição entrevista - Sujeito 5**Data da entrevista: 25/06/2018**

- Bom então nós vamos começar falando sobre como é você fora daqui Pedro, eu quero conhecer um pouquinho a sua família, quem mora na sua casa?
- Só mora eu e a minha mãe.
- Você e sua mãe. E que lugar de São Paulo vocês moram?
- Ipiranga.
- No Ipiranga. É uma casa própria?
- É.
- Quitada?
- Sim.
- Vocês têm automóvel?
- Sim.
- Quem mais compõe a sua família?
- Que mora em casa só a minha mãe.
- E quem não mora?
- Tem minha mãe, tem meu pai, minha madrasta, minha irmã, minha vó, meus primos.
- E como que é a dinâmica familiar? Todo mundo funciona bem?
- É, considero que funciona bem sim, se vê todo domingo.
- Aqui de fora colégio, você tem algum grupo de estudo, algum grupo político, algum grupo social, que você considere, enfim, de importância, de relevância?
- Que eu participo diretamente, não. Eu só, assim, me identifico com alguns grupos de, assim, algumas ideologias de alguns grupos, mas eu não faço parte totalmente.
- Mas são do colégio ou são da internet que você se?
- Não. São da internet.
- Quais são?
- Então eu sou bem próximo, tenho uma comunidade boa com o movimento de fascista, que é esse papo.
- O que você entende por fascismo?
- Então, eu entendo que assim na realidade não o fascismo em si, eu acho que o Brasil tem uma crescente onda do fascismo, ainda mais com esse negócio de repressão de greve, que é característico do próprio Mussolini, do fascismo, tá aí que não é proibido ter greve, e eu sinto que uma, uma, como é que eu posso dizer, umas características que.
- Você vê que está aumentando a repressão?
- Acho que tá, além de aumentar a repressão, eu acho que o momento que a gente vive hoje é muito parecido com o momento entre guerras, assim sabe, tem um momento de muita polarização que é comunista, não comunista assim, mais eu digo tem, que é sempre no extremo, sempre tem, hoje em dia ainda mais com alguns candidatos que assim, defendem, que defendem, como é que se fala, ideias totalitárias e.....Eu to um pouco nervoso!
- Vamos lá, você acha que a, você acredita que essa polarização vai surgir um mito, que pode se assemelhar ao que foi feito na Segunda Guerra Mundial, por exemplo?
- É, talvez sim, ainda mais que hoje em dia tem uma consciência comum que assim, que agenda comunista e agenda de esquerda tem um problema, assim, porque converso muito com um dos meus familiares e eles veem problema muito grande nisso, assim, então tá surgindo um levante das pessoas contra o comunismo e um levante de pessoas contra o fascismo, então eu vejo que assim, não o fascismo em si, mais eu acho que ideias fascista

que tão empregada, tipo, empregadas nos discursos de algumas pessoas, tipo de tolerância e trata as melhorias de uma forma, uma forma que é usada pra eliminar as minorias.

- E você acredita que a sua forma de contribuição se dá pela internet, se dá pessoalmente, como que é?

- É, na realidade era pra eu ir aí eu o XXX e o XXXX na marcha, mas a gente não conseguiu ir.

- Qual das Marchas?

- Na marcha antifascista, que era de 6 de junho, mas a gente não conseguiu, acabou não conseguir indo, então na realidade a gente tá só por internet mesmo.

- E quando você faz na internet, quando você está na internet o que você faz? Você está em grupos, você posta fóruns, como é que funciona?

- Não, não é, só acompanho mesmo pelas postagens das páginas e eu tô em um grupo, mas assim, só isso mesmo, não sou muito ativo nisso.

- Certo. Então vamos falar um pouquinho de como você é, então o ambiente quando você está fora da escola. Na casa atual você mora com a sua mãe, na casa oficial né? É, como que é esse ambiente que você estuda, fora da escola? Como que é seu hábito de estudo?

- Então, meu hábito de estudo eu julgo ele um pouco, assim, eu não estudo muito, assim, não é diário eu estudo mais, assim, na realidade, é eu estudo algumas vezes na semana.

- E por que você acha que você tem notas boas, em algumas, na maior parte das matérias?

- Então, eu presto bastante atenção na aula e, mais assim, eu acabo resolvendo alguns exercícios na aula e sei lá, tipo, eu julgo que eu tenho uma facilidade pra pegar as coisas.

- Você sempre estuda sozinho na sua casa?

- Estudo sozinho.

- Você não tem grupo de estudo?

-Não.

- Como que é, você me falou dos domingos né, dos encontros de domingo que é onde a família toda está reunida, nessa parte da família a sua mãe está junto ou você está mais próximo ao seu pai?

- Não. Eu tô com a família do meu pai.

- Certo, com a família do seu pai. Então nós vamos separar: a sua família junto com a sua mãe separado da família com o seu pai, ok? Você com sua mãe, consegue ter uma liberdade de conversa, de expor suas opiniões?

- Sim.

- Consegue. E com o seu pai?

- Também. Eu acho que com o meu pai as ideias, assim, são mais próximas. Com a minha mãe as vezes tem um discurso ali, aí eu convenco ela de uma coisa, tanto que esses dias a gente tava discutindo sobre cotas racial e direito LGBT, que eu tava falando pra ela isso, eu convenci ela de algumas coisas mas assim, na casa do meu pai é mais afinado.

- E ela te incentiva a mudar de opinião?

- Não.

- Não. Ela aceita a sua opinião, as suas opiniões no geral?

- É.

- Certo. E a parte de lazer da sua família, o que você faz? O que você gosta de fazer?

- Com a minha mãe eu gosto bastante de viajar.

- O que vocês viajam, que lugares Brasil, exterior?

- Geralmente pra Europa.

- Que lugar da Europa que você mais gosta? Ou o último que você foi?

- Ah eu gosto de... O último que eu fui foi pra Holanda, mas eu gosto da Áustria.

- O que tem na Áustria que você mais gosta?

- Ah, eu gosto, eu gosto do país em si da Áustria, eu gosto bastante de Viena que é um lugar muito bonito, que é, parece outro mundo assim, muito organizado e sei lá, gostei bastante.
- Qual foi o que você mais visitou?
- França.
- Dos Países que você foi, qual foi o que você visitou?
- Mais visitei foi Alemanha.
- Alemanha. Qual lugar exatamente?
- Ah, na realidade não foi um lugar só.
- Foi o país, entendi. Com seu pai você viaja?
- Não.
- Não viaja. Vocês saem para comer, teatro, cinema? Como é seu hobby, sua vida social?
- Então social.
- Com a sua família...
- Na realidade eu saio pra comer bastante. É teatro, cinema eu não vou muito, eu vejo bastante filme em casa e, mais assim, com meu pai também eu saio pouco porque eu fico mais tempo com a minha mãe.
- E com seus amigos, como é sua vida social, o que vocês gostam de fazer?
- Então, na realidade eu sempre tenho alguém que chama, alguma pessoa do prédio chama pra alguma coisa, ir lá e fica lá ouvindo música.
- É sempre no prédio?
- Sempre no prédio.
- Então você ainda não sai pra noite sozinho, em baladas no geral?
- Não.
- É... vamos lá. Você já me falou da sua viagem, você tem algum tipo de esporte que você pratica, gosta?
- Não. Eu gosto bastante de futebol.
- De assistir, não de praticar?
- Praticar eu também gosto, mas é que não tem muita oportunidade.
- Esses amigos no prédio, por exemplo não acontece? Esses grupos assim.
- Não.
- E você acha que alguma coisa na sua vida tirou o esporte do lugar que queria ocupar?
- Eu acho que não.
- Você deu mais ênfase pra alguma coisa?
- Não. É que acho que é mesmo porque eu não quis desde criança.
- Vamos falar um pouquinho da questão da escolarização das pessoas da sua família, tá?
- É, seus pais são, têm nível superior?
- Têm.
- Seus avós?
- Não.
- Não têm nível superior. É, seus pais sempre foram professores?
- Sim, sempre.
- Desde que você se entende por.
- É, não, na realidade meu pai arrumou emprego de office boy com 16 anos, aí até quando ele se formou em biomedicina.
- Mas o diploma do seu pai e o diploma da sua mãe eles vieram pra poder exercer a profissão ou eles já exerciam e tiveram que certificados.
- Não, eles já, na realidade o que aconteceu, a minha mãe ela já trabalhava de professora desde os 15 anos aí ela passou na faculdade, fez faculdade, e se formou e só continuou a exercer. Meu pai ainda não era e se formou, e foi e começou a exercer.

- Sua família sempre morou no bairro do Ipiranga?
- Na realidade minha vó, meu também, eles moram na Vila Alpina, e minha mãe antes de eu nascer ela morava em Pirituba, então aí ela foi pro Ipiranga, mais perto da casa da minha vó e do meu pai, e ficou por lá.
- Seu pai mora hoje na Vila Alpina?
- Ele mora hoje em São Caetano.
- E você sempre estudou aqui?
- Então, eu estudo aqui desde 2013, mas eu já estudei na escola XXXX que é ali em Higienópolis, e também já estudei na escola XXXX que é em Alphaville.
- Me fala uma coisa, qual é a diferença entre as escolas?
- Então eu acho que, quando eu era pequeno, porque a escola Carlitos eu estudei só até 2009 então eu não tinha muita consciência disso, mas eu acho que o projeto era um pouco, da Carlitos, é um pouco mais humano desenvolvido com acho que com algo mais humano.
- Lá você fez o fundamental I?
- Sim, o fundamental I. Eu lembro que tinha aula de artes, de francês, aula de espanhol e aí eu mudei pra Castanheiras que foi uma proposta bem, totalmente diferente construtivista, que tinha que a gente escrever um livro e as aulas eram tipo um ritmo muito menos acelerado, entendeu.
- Lá foi Fund. II?
- Exatamente.
- Você cursou o Fund. II inteiro lá?
- Não, até o sexto ano. Fund. II foi aqui.
- Como eram as pessoas do Castanheiras? Nível social.
- Eram muito diferentes do meu.
- É.
- Foi uma das razões que eu sei assim, não esqueço disso. Porque teve uma vez que fui atrás do meu amigo e o pai dele tinha dois Camaros e um Mini Cooper e aí um amigo meu virou pra mim e falou “nossa mais só tem um Mini Cooper?”, entendeu, então era uma coisa muito que não tinha na Carlitos. Lá eles eram tão ricos quanto, tem uma diferença. A mãe de uma amiga minha tinha um Corsa, morava em Higienópolis, trabalhava em uma revista e tinha um Corsa.
- E você considera Alphaville um dinheiro novo? Pessoas reconquistaram o dinheiro recentemente?
- Sim.
- Você consegue ver uma diferença do dinheiro tradicional da cidade?
- Sim.
- O que você acha do dinheiro novo e do tradicional? Ou uma diferença básica.
- Então, é eu acho que quando o dinheiro é novo, na minha opinião, ele é mais aplicado a algumas coisas culturais, então as vezes quando você investe na educação do seu filho e você leva ele pra viajar, não pra Disney, ou quando você prioriza o dinheiro pra algumas coisas, eu acho que é uma diferença grande assim, de família.
- Do tradicional?
- Do tradicional. Do novo é uma coisa mais assim mais não vou dizer que é minha opinião.
- De ostentação?
- É mais ostentação então vai só pra Disney.
- O que a Disney significa pra você? Pelo o que você ouviu?
- Sim eu acho que a Disney na minha opinião, significa uma futilidade, assim, que é puramente ter um sonho, um senso comum como “a tenho um sonho, vai pra Disney”,

sempre a primeira viagem que as pessoas fazem, assim na Disney, julgo eu, que não tem nada assim que contribua mesmo.

- Você nunca foi pra Disney?

-Nunca fui pra Disney.

- Nunca quis ir?

- Nunca quis ir.

- Nem quando você estava em Alphaville?

- Pior que não.

- Não era o, você não foi exposto a essa vontade?

- Nunca tive essa vontade.

- Muito bem. E por que veio estudar aqui?

-Na verdade é porque meu pai da aula aqui, entendeu? Então eu vim.

- Mais a sua mãe da aula em outra escola privada também?

- Sim, exatamente aonde eu estudava, então uma das diferenças.

- Ela dava aulas em Alphaville?

- Isso, e dava aula em Higienópolis, tudo junto. E, mais uma das razões de eu estudar aqui era até pelo meio social das pessoas, sabe, e tanto pela proximidade que no sexto ano eu já tava começando a sair com os amigos e era muito difícil pra eu ir, porque ir até Alphaville e ali é bem longe. E ter um círculo mais parecido, com as coisas mais parecidas comigo, talvez fosse melhor.

- Você vê aqui dentro do colégio pessoas com características do Castanheiras?

- Algumas talvez, mais assim, mas eu também não vejo muitas pessoas parecidas com as pessoas mais tradicionais assim.

- Não?

- Não.

- Como que você analisa o grupo aqui?

- Eu analiso o grupo como, assim, eu tenho vários amigos de Higienópolis que hoje estão no Bandeirantes, no São Luís, eu sinto que eles têm um engajamento mais diferente que aqui, assim.

- Engajamento social?

- Engajamento social, até acadêmico, assim. Eu acho que social, acadêmico, artístico, totalmente diferente daqui, aqui as pessoas sei lá, elas dedicam o tempo pra coisas diferentes.

- Que tipo?

- Então, a assim, não sei, eu não sei o que acontece. Talvez aqui seja mais parecido com o que é em Alphaville mesmo.

- Você considera que aqui o dinheiro também é novo?

- Eu considero que aqui é novo sim.

- Se a gente for pensar em Mooca, Tatuapé, Anália Franco é parecido com o perfil de Alphaville?

- Sim, eu acho que sim.

- E suas pretensões acadêmicas?

-Na realidade eu não me resolvi direito, eu ainda to decidindo entre fazer Jornalismo e História.

- Então humanas?

- Humanas.

- O que que te levou a pensar nas duas?

- Então Jornalismo eu gosto que tipo produção visual, filmagem, mais tem alguns problemas de veículo de midiático e, tem algumas coisas que eu tenho medo, também desemprego que tá difícil hoje, ainda mais pra jornalista que tem uma pouca.

- Você avalia como um mercado saturado?
- Sim. Não saturado, mas eu acho que é um mercado fechado assim. Mercado pequeno, oferta baixa de emprego. E História eu gosto bastante de História, gosto de Geografia, mais História talvez não seja tão ruim assim.
- Seus pais são professores de História e?
- História.
- Os dois? Então você tem dois pais que são considerados, que são professores de História e você sabe a renda deles mais ou menos, imagino eu, você consegue considera-los como uma renda baixa?
- Não.
- Então pra você não é uma realidade que professor ganha mal?
- Não, eu acho que tem muito, então foi até em Alphaville mesmo que perguntaram se eu passava dificuldade, se eu passava fome.
- Por ser filho de professor?
- Exatamente. Então é, não pelo contrário, a gente vive bem até. Talvez em algumas partes e alguns professores eles podem, os salários são baixos e as condições são um pouco ruins mas perspectiva que nem a minha mãe e o meu pai tem, eu acho que não é.
- Você acha que a faculdade que vai cursar, independente de qual seja, é o diploma que você quer vai aumentar as suas chances no mercado?
- Eu acho que sim. Ainda mais hoje que o curso superior no geral, ele ta muito mais acessível.
- Tem um valor simbólico pra isso, você acha que de onde você vem te abre ou fecha portas?
- Exatamente, eu acho que ainda mais hoje bastante gente tem um curso superior, acho que acaba sendo um grande diferencial.
- E quais são as suas opções de universidade? Ou faculdade, se for uma ou outra.
- Só a USP.
- Tá e por que a USP?
- Então sempre na minha família sempre teve um estilo assim de todos, minha mãe e meu pai também.
- Você gosta da USP?
- Eu gosto. Eu acho que é um espaço diferente, assim, eu sinto que, eu tava falando pra (citou nome da amiga) até eu sinto que algumas faculdades particulares, eu acho que tem um pouco do, não sei, eu acho que um pouco da cultura do dinheiro novo, que a gente tava conversando agora pouco, então as vezes na USP tem um lado mais humano, mais assim, não sei, então além disso assim, eu acho o ambiente da USP diferente e também acho que na minha família sempre me disseram.
- Você acha que teve um choque de realidade saindo do Agostiniano que é uma instituição católica cheia de regras, que é um fato, e indo pra uma universidade de São Paulo que é uma cidade, literalmente, ou é o que você quer na verdade?
- É eu acho que é o que eu quero mesmo, assim, eu acho que talvez regras sejam questionáveis e algumas coisas assim mais as regras não estão muito presentes assim, eu não sinto muito as regras, mais talvez seja interessante ter ido.
- Você conhece os cursos na USP, seja a oferta de uma matriz curricular, grade, proposta pedagógica?
- Mais ou menos. Já olhei no site mais nunca fui muito atrás.
- Não se aprofundou?
- Não.
- Como historiador você seria um pesquisador? Ou seria professor?

- Então eu penso ambos, eu penso muito nisso assim, porque meus pais não conseguiram fazer isso, minha mãe fala bastante nisso assim, que eles não conseguiram pesquisar nem nada e depois que eles se formaram eles sentiram não tinha condição, tinha que trabalhar, mais eu vejo que na minha condição atual eu teria um tempo pra pesquisar, eu sim seria bem pertinente, eu pesquisar um tempo e depois da aula.
- O que você acha você pode contribuir pro futuro da humanidade Pedro?
- Acho que futuro da humanidade, isso é difícil.
- Nem que seja seu microcosmos assim, que você acha que poderia?
- Talvez eu acho que muito que as pessoas falam é, mostra coisas que elas não sabem, as vezes tem discurso que as pessoas têm que exprimir, a ignorância assim sabe, então eles ensinar as pessoas como as coisas são e assim passar tanto pelo jornalismo mostrando a realidade e eu tanto dando aula de História, eu acho que tem um motivo de mudar, de mostrar a realidade como ela seja, ou não porque eu não sou do mundo da verdade, mais como eu penso.
- Como você enxerga.
- Exatamente.
- Seus pais são seus ídolos?
- Não.
- Pelo o fato de você ter ido por esse lado? Não foram motivadores? Então é seu mesmo?
- É meu mesmo.
- Muito bem, então vamos falar um pouquinho, já que a USP é seu grande foco, o que você acha das Ações afirmativas lá dentro?
- Como assim?
- Vamos lá, você sabe o que são ações afirmativas?
- Não.
- Então eu vou te explicar algumas coisas. Até o ano passado, existe, é um grupo de ações na verdade que faz com que alunos de minorias ingressem em universidades públicas, então primeiro ponto você concorda com isso?
- Sim.
- Por que?
- Então porque eu acho que com o sistema que tem hoje, capitalismo neoliberal, tem muita gente que fica excluída e abre espaço para as minorias existirem, e as minorias são oprimidas, assim, é claro, tanto negro, quanto as pessoas pobres no geral, então eu acho que sou totalmente a favor que as pessoas sejam incluídas na sociedade.
- Mesmo que isso represente perda de vaga pra você?
- Sim, eu não vejo como alguém pegando minha vaga, eu não vejo problema, vejo como um privilégio pela outra pessoa assim sabe.
- Você acredita que a gente tem uma dívida histórica com essas pessoas, público?
- Evidente, eu acredito porque, não só negros e pobres. Não só negros, indígena.
- É porque entra negro, pardo, indígena, estudante de escola pública. Então você acha que eles têm direito de estar na universidade? Então a meritocracia não é um discurso sério para você?
- Não.
- Não deveria existir?
- Não existe.
- Você acha que não existe a meritocracia?
- Não existe hoje.
- Ou melhor, a Fuvest não é meritocrática?
- Então, hoje não muito porque tem esse negócio de cota, mais assim, tem um pouco assim de meritocracia, mas eu acho que não deveria existir.

- Você acha que o público que tá lá na História é o mesmo de Medicina?
 - Acho que não.
 - O que você acha que é?
 - Então eu vejo que, eu conheço bastante gente do Bandeirantes, eles prestam ciências sociais, acho que talvez História tem um, e até pelos colegas dos meus pais na faculdade, tem um público que é melhor financeiramente que faz por gosto ou por até um causa social assim, eu acho que medicina eu vejo como um curso mais, talvez eu possa estar errado. Mas eu acho que tem uma tendência hoje de todo mundo fazer medicina.
 - Acho que a metade quer fazer medicina.
 - Você acha que é um status, só pra falar isso?
 - Eu tenho certeza. E eu vejo muito como ser um professor um status negativo.....
 - Todo mundo valoriza professor no dia, 15 de outubro. Né?
 - Exatamente.
 - E aí depois o resto do dia, eu quero ser médico, no resto dos dias né?
 - Exatamente.
 - Sua família concorda com você?
 - Como assim?
 - Em relação as cotas, as ações afirmativas, ou elas acham que você vai ser prejudicado?
 - Então, não, a família do meu pai com certeza não. Esses dias eu tava falando pra minha mãe, que ela tava falando que cotas raciais são racistas, e eu tive que explicar pra ela que não é assim que funciona, porque a cota racial em si ela não quer dizer que, na realidade ela é uma medida de médio prazo, curto a médio prazo.
 - Por que o argumento dela é racista?
 - Porque ela acha que porque, não sei, ela acha que o fato de você ceder vagas pros Negros e ter uma nota de corte menor ta dizendo que ele é menos preparado, que ele é pior.
 - Mas você acha que ele é menos preparado?
 - Óbvio que não, eu acho que todo mundo é igual, só as circunstâncias são diferentes, entendeu, tanto que, assim.
 - Então ele é menos preparado.
 - Ele é menos preparado, mas, no final, no produto final ele é menos preparado que o branco?
 - Sim.
 - Então o sistema pra ele é desfavorável? É isso?
 - Exatamente. Eu digo que ele é menos preparado, mas ele não é, como é que eu posso dizer, ele é inferior.
 - Incapaz?
 - Incapaz, exatamente. Então as circunstâncias acabam inferiorizando no fim de tudo, então eu tenho certeza que tem que ter.
- Como você se autodeclararia no vestibular?
- Branco.
 - E o que você acha das pessoas que se autodeclaram Negras e disputam vagas específicas mesmo sendo limítrofes, se não conseguem identificar, você acha que é uma confusão de identidade ou é um abuso da oportunidade?
 - É um abuso da oportunidade, mas é, falta ética assim. Eu acho que você tem que, é uma falta de ética mesmo.
 - Falta de ética mesmo?
 - É.
 - Obrigado pela entrevista.

Transcrição entrevista - Sujeito 6**Data da entrevista: 25/06/2018**

- A ideia é primeira a gente começar a entrevista, eu quero entender você socialmente, como que é você família o que você faz fora do colégio.
- Certo.
- O que você frequenta, pra onde você viaja para eu te colocar nesse universo que a gente chama classe média, que pode ser média baixa, média ou média alta, tá?
- Ok.
- Depois eu quero entender as expectativas de faculdade, curso e depois nós vamos curtir as ações afirmativas bolsas, é cotas e etc. Fechou? É bem tranquilo.
- Me fala um pouquinho quem mora na sua casa? Como é a sua casa?
- Minha casa tem seis pessoas, meu pai agora tá... ele sempre morou com a gente, mas agora que ele está trabalhando em Curitiba Não. sei se dá para considerar que ele morando em casa, mas participa da nossa família.
- Seus pais não são separados eles são casados?
- Não, eles são casados.
- Ah.
- Ele está em Curitiba por causa do trabalho.
- Do trabalho.
- Mas considerando meu pai, tem eu meu pai minha mãe e tem e mais três irmãos
- Três Irmãos.
- Nós somos seis pessoas
- Você é mais velho ou do meio?
- Eu sou mais velho e tem o Diego que é aqui da escola também. Somos de 4 anos de diferença para cada um. Eu tenho 16, meu irmão tem 12, meu outro 8 e minha irmã tem 4.
- Como que você se considera em termos financeiros? Você acha que sua vida é confortável?
- Sim.
- Por que que ela é confortável? O que você identifica de conforto?
- Eu acho que moro num apartamento de alto padrão
- É? O que você chama de alto padrão? De tamanho?
- Ele é gigante, é novo né.
- Que bairro que é?
- Anália Franco, perto do shopping.
- É um bairro Bom?
- É bem localizado, é um bairro bom, é uma rua legal com bastante prédio...
- O Apartamento é quitado?
- O apartamento é quitado.
- Tem carro da família?
- Têm, têm dois carros.
- Sua mãe dirige e você é o mais velho ainda não dirige?
- Sou mais velho e ainda não.
- É... Você sempre teve o que você quis ou isso aconteceu de uns tempos pra cá? Sempre teve dinheiro ou essa ascensão aconteceu agora?

- Sempre tive, nunca faltou nada. Não sei comparar, eu sempre morei em apartamento pouco menor, mas para época era um apartamento de alto padrão também. Então, nunca tive uma diferença, uma grande subida, ou ascendência em termos financeiros. Para mim sempre foi a mesma coisa, nunca... assim ter o que eu quero acho que é um pouco amplo demais, mas eu sempre tive o que precisei.
- Precisou... se você precisasse trocar um tênis, você tinha como trocar?
- Sim. Nunca assim foi uma coisa exagerada, mas foi na medida certa.
- E esse padrão de vida que você tem, veio do que?
- Ah, do trabalho do meu pai né.
- Do trabalho do seu pai? Conta um pouco do trabalho do seu pai.
- Meu pai, você sabe né? acho que você sabe, jogou no futebol, foi o jogador. E é uma profissão que se você se você tiver sucesso, ela dá bastante dinheiro né, porque muito tem Patrocínio e muita publicidade envolvida e acaba recebendo bastante né. Tanto que minha mãe não precisa trabalhar, desde que a minha mãe é casada ela não trabalha.
- Isso que eu ia te perguntar. Sua mãe não exerce atividade remunerada?
- Não... Não tenho certeza se desde o casamento, mas acho que desde quando ela me teve.
- E depois nunca mais trabalhou. E cuidou dos filhos em casa e nunca mais precisou de uma renda há mais.
- E seu pai estourou como jogador de futebol em que época? Que ele começou a ganhar muito dinheiro? Anos 90, 2000?
- Eu acho que foi, eu acho que foi nos anos 90 para os anos 2000. Na... na metade da década de 90 mais ou menos até metade da década de 2000. Acho que foram 10 anos que ele jogou em time grande o tempo todo.
- Qual foi o ápice da carreira dele que você considera?
- Eu acho que em termos financeiros não sei, mas em termos financeiros foi mais para o final quando ele foi jogar na Arábia, né. Mas em termos profissionais foi no Fluminense 2001 até 2003.
- E quando ele foi jogar na Arábia vocês foram ou ficaram?
- Nós ficamos.
- E como foi essa separação?
- Foi... Acho que foi a pior época da minha vida, até hoje. Foi um ano sem ver, porque não tem como vir da Arábia para cá, é difícil e a viagem fica cara né. Ficamos um ano sem se ver e para mim foi a época mais difícil.
- Sua ligação é forte com ele?
- Muito forte.
- Ele é seu ídolo?
- Ah é.
- Por quê? Pelo sucesso ou pelo esforço?
- Porque ele é muito esforçado.
- Por tudo?
- Ele teve uma infância muito difícil.
- Teve?
- Sete irmãos, oito irmãos, sete, irmãos oito, filho contando com ele, e a mãe dele contando com ele, sem pai desde os 8 anos, muito pobre. É difícil mesmo e conseguiu aí por meio do futebol, e se não fosse por meio do futebol tenho certeza que seria outro meio, mas por meio do futebol conseguiu dar uma boa condição boa para mim e para minha família.

- Alguém descobriu ele ou ele foi atrás de treino, um treinamento ou de escolinha, como é que foi?
- É, ele sempre jogou pela escola, ele jogava na rua. Ele foi fazer um teste, e ele morava mais ou menos perto do Juventus, e era perto uma escolinha de expressão
- Ali na Mooca, né?
- Lá na Mocca, mais era um pouquinho de expressão, mais próximo da vila Dil. E ele foi fazer um teste lá e não entrou no Juventus. Depois ele foi para um time que ele morava assim, não era muito perto, mas era um time que dava pra ir, o time chamava Blindex, depois de um tempo, ele voltou no Juventus, passou no teste e ficou lá no Juventus e depois de futsal ele passou na GM, que era o maior time de futsal na época. E no campo, nessa época que ele foi para o salão do Juventus ele também foi para o campo, acho que um pouquinho antes ali, ele fez teste e conseguiu entrar no campo do Juventus e então conseguiu subir profissional e ele decidiu entre os dois e falaram que ele era muito melhor no futsal que no campo, comparando assim, mas ele primeiro amou o campo e quis virar jogador de campo, né?
- Ganha mais?
- É assim, geralmente o jogador faz a base tanto no salão quanto no campo, pensando em virar jogador de campo ne. Jogador de futebol de salão não é muito...
- Só o Falcão né, que se destacou?!
- É, não é muito...
- Mas não chega ao patamar...
- E ele quis virar jogador de campo, conseguiu virar jogador profissional do Juventus e depois de 1 ano ele foi vendido para o Corinthians.
- E aí, mas isso em São Paulo, mas quando foi para o Rio... toda vez que ele ia para algum lugar a família se mantinha na base em São Paulo?
- Não, não. Viajava ele e minha mãe. Minha mãe sempre foi junto, minha mãe e eu, a gente sempre foi juntos, aí quando o Diego nasceu que mudou um pouco.
- Que a família começou a crescer
- Diego nasceu, na época que meu pai estava em Catar... Diego nasceu e meu pai não estava aqui. Daí não tinha como, um bebê recém-nascido e depois teve o Thiago e a Carol, muita gente pra ficar seguindo ele, aí a gente não tem como mais.
- Como foi o estudo para os seus pais?
- Meu pai sempre estudou em escola pública e não teve muita condição, estudou... Ele fez o ensino médio, se eu não me engano, em uma escola técnica.
- Mas fez o ensino superior?
- Fez depois de, não fez direto, depois que ele terminou a escola ele seguiu a carreira como jogador e quando ele terminou a carreira de jogador ele fez curso de psicologia.
- Curso de psicologia e por que que ele fez? Tem alguma preferência?
- Não lembro se ele queria que ajudasse na profissão, para ele lidar com os jogadores.
- Mas o trabalho dele não depende do ensino superior?
- Não, nada.
- E a sua mãe, fez?
- Fez, fez curso superior. Fez escola interina, escola particular. Meu avô conseguiu dar essa condição para ela, se não me engano ela fez o ensino superior na Metodista, Jornalismo. E ela trabalhou de jornalista, até se casar com meu pai e ter filhos. O meu pai fez o técnico no Objetivo, e no Ensino Médio conseguiu bolsa.
- E como que é a vida social da família? Seu pai mora no Paraná né? Então como é você com a sua família e seus irmãos? O que vocês fazem na vida social? Sai para jantar? Vai para o Teatro? Cinema? O que que vocês mais fazem?
- Junto, a gente sai mais para jantar, assim, ultimamente não ta sobrando tempo

- Por causa dos estudos.
- Geralmente a gente sai para jantar. Mas ela fica com os meus irmãos, depois da escola, passa o dia inteiro com eles, porque eles fazem pré atlético na academia e ela vai junto, ela leva a minha irmã. Cada um faz aí a natação, futebol... Não sei o que eles fazem... E eles estão juntos, estão no mesmo lugar.
- Então de vida social mesmo é sair pra jantar e fazer atividade física. Todos vocês gostam?
- É, e ficar em casa junto, a gente gosta de ficar em casa junto.
- E o que vocês fazem em casa junto?
- Assisto com a minha mãe série, a gente vê tudo junto, joga.
- Você sente que vocês são unidos?
- Sim, somos bastante.
- Você sente que faz diferença essa união na sua formação?
- Faz muita.
- Faz?
- E como seu pai controla, entre aspas, o que está acontecendo? Ele é presente, mesmo distante?
- É, ele é presente, liga todo dia, conversa por vídeo.
- Qual a frequência que você vê o seu pai?
- Mais ou menos agora de um em um mês, ele passa uns dois, três dias aí ele volta. E vem um fim de semana que não está ocupado com o jogo.
- E vocês viajam?
- Viajamos e estamos sempre juntos.
- Qual foi o último lugar que você viajou?
- O último lugar que eu viajei foi pra Curitiba.
- E um outro lugar sem ser Curitiba? Porque aí é ligado ao trabalho dele. Sem ser por trabalho, por lazer.
- A gente foi junto com a família no final do ano pra Goiás.
- Pra onde?
- O que teve em Goiás? O que que era em Goiás?
- É o parque aquático.
- Vocês preferem viajar mais pra dentro do Brasil ou mais pra fora do Brasil?
- Você já foi pra fora do Brasil? Pra onde você foi?
- Já.
- Pra onde você foi?
- Já fui para os Estados Unidos, e às vezes para Espanha e Portugal.
- Qual que você mais gostou?
- Pra Miami e pra Disney.
- E você gostou de lá por que?
- Ah, eu gostei dos parques.
- Pratica esportes? Quais?
- Pratico futebol, mais jogo bola todo dia no prédio, quase todo dia com o pessoal do prédio à noite, e jogava o ano passado disputando o campeonato mesmo.
- Então, o futebol é seu esporte preferido né?
- É preferido, é o que gosto mesmo.
- Você chegaria a dizer que o futebol é um hobby mesmo ou tem mais alguma coisa que você consideraria um hobby?
- Acho que ah, não sei, jogar futebol, assistir série, só isso.
- Você faz alguma outra coisa, tocar alguma coisa, algum instrumento?

- Não, sempre que eu tenho algum tempo livre ou eu jogo vídeo game com meu irmão, jogo futebol. Eu jogo o tempo todo, o dia inteiro.
- Muito bem. Qual que é a sua intenção de faculdade, curso?
- Medicina.
- Qual a sua intenção de carreira? Com 30 anos você quer estar aonde?
- Eu pretendia conseguir trabalhar em hospital público, aonde precisa bastante né de médico, acho que a minha família por enquanto pode dar apoio financeiro, pra eu não precisar ganhar tanto dinheiro. Pretendo quando eu já tiver trabalhando bastante, tiver um pouco mais experiente, tiver uma idade um pouco mais avançada, eu pretendia abrir uma clínica.
- De que? Tem alguma especialização?
- Eu pretendo fazer especialização do coração, eu não tenho certeza, mais as coisas que eu gostaria de fazer ou é coisa do coração, já pensei bastante, ou já pensei sério em neuro.
- Neurologista?
- Eu fui conversar com um neurologista e falaram que erro acontece em qualquer lugar, que você pega muito paciente que qualquer coisa, as vezes nem por um erro, por questões, uma questão da cirurgia mesmo você acaba deixando com sequelas, e muitos assim a coisa se repete. Acho que seria uma coisa muito difícil de você lidar, você acaba vendo seu paciente toda hora com sequela, família tendo que cuidar o tempo todo. Mais não sei, também é uma opção.
- Sua família te apoia?
- Apoia.
- Existe uma segunda opção de curso ou é medicina?
- Eu já pensei em fazer biomédica, mas falaram que a bio seria muito pesquisa, muito laboratório e é muito frio, né.
- Você gosta mais da parte prática né?
- Eu gosto muito de lidar com pessoas.
- E uma pergunta que já deve ser óbvia e você já deve ter ouvido por aí, você deve ter ouvido aí de outras pessoas, por que você não procurou esporte?
- Eu acho que, eu acho que não sei, foi uma dúvida que eu tive o ano passado inteiro, assim, e eu acho que não fui pro lado esporte porque primeiro que é muito difícil.
- E o que que é difícil? Ser descoberto?
- É difícil é de conseguir na vida, no começo muita gente boa, tem muito moleque que só tem essa opção, se não virar jogador não tem o que fazer.
- Ah, tá.
- Quanto que é salário de um jogador, assim de iniciante, que você pode me falar que você conhece?
- Ah, depende do lugar, tem iniciante que já começa num tipo com estrutura boa.
- Pensa no Santos que tem uma boa base, quanto ganha um jogador, chega aos 50 mil por mês?
- Ah, eu acho que depende do jogador, se ele subir que nem esse Rodrigo que subiu agora e já conseguiu despontar e chegar ao titular e até vendido pro Real Madrid, ele deve tá ganhando mais do que isso.
- Com uma idade de? Quanto.
- De 17 anos.
- E o que que você pensa como médico, em termos de retorno financeiro? Mas é bem diferente né.

- Eu não penso não, em retorno financeiro como médico, eu penso em ter o retorno depois de um tempo aí, depende muito da minha família, se a minha família me dar esse suporte pra essa função de hospital público que é o que eu quero, não ganhando muito dinheiro, mas poder ajudar as pessoas, eu gostaria, mais se a minha família não conseguisse.

- Você sente que você gostaria de devolver a sociedade um conforto que você teve? Passa pela sua cabeça isso?

- Acho que não devolver. A, mais pode ser. Acho que eu ia ajudar do jeito que eu posso.

- A devolver no sentido de “poxa”, a vida me ajudou bastante e eu poderia ajudar o próximo, é isso que você pensa?

- Não pela vida ter me ajudado, mas só por eu ajudar.

- Você acha que é comum isso nos dias atuais, você acha que é comum? Um adolescente pensar?

- Ah, eu acho que não. Eu acho que a maioria acaba pensando em si próprio mesmo, muitos não por maldade, mas por ser induzido a pensar nisso o tempo todo, porque eu acho que a família tem o papel disso de falar que você pode julgar, sempre me estimulando a tentar ser uma boa pessoa com o próximo, e tem muita família que só pensa nela mesmo em ganhar muito dinheiro, ter que viajar.

- No seu caso, você acha que o seu diploma, vamos supor médico, ele manteria o seu papel social, seu status social, no sentido de conforto financeiro?

- Ah, depende. Depende do emprego né, acho que o diploma é relativo, assim se você tem o diploma de uma grande faculdade e trabalha num hospital que não te dá esse retorno, você tem um retorno baixo, e se você passar numa faculdade que não é tão boa e consegue trabalhar num hospital grande, que é muito raro, mas se por acaso você consegue você acaba tendo muito dinheiro.

- Você acha que tem, a faculdade de onde você sai, faz a diferença pra onde você vai trabalhar?

- Esse valor simbólico que você diz...

- Ah faz. Toda vez que eu vou no médico eu pergunto, qual a faculdade que você se formou, quando você se formou, como você fez residência, se você conseguiu entrar fácil.

- E o que você ouve?

- E eles falam que se você não é de uma faculdade renomada, você não entra, porque é muito caro fazendo residência pra pouca vaga. E se o cara ver que a pessoa é de uma faculdade pequena, eu não vou dar exemplo porque eu não conheço e porque não tenho nada a ver, e uma faculdade que não tem tanto renome e é pequena, ele nem olha a sua prova, nem se você acertar tudo, ele nem olha.

- E qual é o seu objetivo de faculdade?

- Meu objetivo é a faculdade pública de São Paulo.

- Qual?

- USP, Unesp, Unifesp, Unicamp do estado, assim.

- Qualquer uma das estaduais, a Unifesp, você teria alcançado o seu objetivo? E como você está, está próximo ou distante do seu objetivo?

- Eu não sei, pelas minhas notas nas provas até que eu to próximo assim, de passar na primeira fase, porque a segunda fase eu não sei o quanto tem que acertar, se você tem que mandar muito bem ou se dependendo da sua nota na primeira fase você pode errar um pouco mais.

- Você moraria no interior?

- Moraria.

- Tranquilo ou com esforço de apego familiar, como seria?

- Ah, teria esse esforço, mas acho que pelo objetivo que taria buscando, não sentiria não, valeria a pena.
- Você sabe que essas universidades que você pontuou aí elas têm programas pra cotistas, o que que você acha desses programas?
- Mesmo sendo uma opção que dificultaria muito a minha vida e a maioria das pessoas dessa escola, e de outras escolas particulares, eu acho que é uma coisa justa porque se você estudasse o ensino fundamental e médio numa escola pública, não tem como você competir com uma escola particular, porque o ensino é muito abaixo. Eu tenho muitos amigos meu da escola pública, do meio do futebol.
- E o que você vê deles pra você?
- Não sei se é por força do hábito mais muito não falam direito o português, e tinha alguns que me perguntavam algumas coisas de prova da escola porque sabiam que eu era de escola particular e tinha muito poucos moleques que eram de escola particular, e eles me perguntavam algumas coisas, umas dúvidas assim, questionando algumas coisas, muitas coisas assim que eu tinha aprendido no quinto ano da escola e que eles ainda não sabiam no ensino médio.
- E você acha que as ações afirmativas elas são um conjunto de várias práticas, então tem bônus para a escola pública, tem cotas para a escola pública, mais uma coisa é social a outra é racial, você concorda com cota racial?
- Eu concordo também, porque assim, atualmente não era pra ser mas atualmente uma pessoa de cor mais escura ou indígena pra ele conseguir um emprego, o mesmo emprego de uma pessoa branca, ele tem que ser um pouco melhor eu acho, porque se for do mesmo nível o cara vai contratar o branco, eu não sei porque.
- Você acha que a nossa sociedade é preconceituosa?
- Eu tenho certeza. Muito preconceito, assim, e eu não que é assim por meio de brincadeira, porque se você tiver intimidade você pode brincar com a cor da pele, tamanho, aparência, se você não conhecer você não vai nem brincar com a cor, não brinca com a aparência, com altura, não brinca com nada, eu acho que não tem nada a ver uma coisa com a outra, eu acho que o preconceito ele acaba sendo, no mercado de trabalho bastante. Ou as vezes uma pessoa que você não conhece, você por exemplo sai de perto, por causa da cor, ou você olhar diferente, isso que é o preconceito e não assim, as vezes você acaba falando uma coisa e a pessoa interpreta mal e o preconceito tem gente que até acaba sendo preso, e as vezes a pessoa é até conhecida uma da outra, a pessoa fala alguma coisa relacionada a cor, o outro já quer.
- Você acha que a USP, a Unifesp por ser uma universidade federal que tem as cotas bem forte já, a USP tá se encontrando ainda, você acha que o curso de medicina da Unifesp vai cair em qualidade por conta dos alunos da escola pública?
- Eu acho que depende, eu acho que por enquanto pode até cair de qualidade porque é difícil né, o aluno da escola pública ele tem uma base muito fraca, acho que a base importa muito, quando você entra na faculdade o ensino superior é uma coisa muito complicada e você tem que ter uma básico estabelecido, pra você conseguir é complicado, e é sempre assim. Eu acho que o curso pode até acabar caindo um pouco, e dependendo das medidas que o governo acaba tomando conta da educação a primária, acho que vai continuar nesse caminho, agora eu acho que as cotas deveriam ser todas, tanto as raciais como as sociais.
- As raciais poderiam ser menos, mas as sociais, principalmente, deveriam ser provisórias por conta de eu acho que o governo deveria dar uma atenção especial para a educação primária.
- Essa é a solução?

- Por enquanto cota é justo. Não tem comparação, cada pessoa vai com as armas que tem né, se ela não tem arma ela não vai, não tem como né, ir pra guerra sem arma não tem o que fazer.
- Você sabe quem são os alunos que frequentam a faculdade de medicina da USP? Você sabe qual é o perfil desse aluno?
- Não.
- É um perfil de aluno de classe média alta pra cima, dificilmente tem um aluno de classe baixa lá. Você acredita que a médio prazo, por ter obrigatoriedade de ter aluno pobre, classe média baixa, os alunos de classe média alta não vão mais querer fazer a USP? Vão querer fazer Einstein por exemplo, você acha que esse fenômeno de afastamento vai existir, por não querer dividir o espaço com essas pessoas?
- Eu acho que pode existir, mas não por esse motivo, mas pode existir por, por exemplo, por conta dessas pessoas que tarem entrando não terem uma base tão forte, o curso cai um pouco de qualidade sim, mais acho que por conta do preconceito espero que não tenha chegado a esse ponto.
- Ah então você acha que a questão da qualidade técnica faria diferença? E não da rejeição ao diferente?
- Tomara que não né?
- Quando você joga bola com seus amigos você joga bola onde?
- Jogo no prédio.
- No seu prédio... então todo mundo tem o mesmo padrão social que você?
- Não, tem alguns que não, que moram na nossa rua, ou nas ruas perto, próximo, mas moras em casa mais simples.
- E que você percebe que tem um nível social diferente? Como os grupos interagem?
- Parece que a gente se conhece a um tempão, que eu mudei não faz muito tempo e comigo não tem essa indiferença não, acho que nenhuma pessoa do prédio também não, ninguém nunca chegou a falar você é pobre, ou você não é.
- Você que seus pais, a família no geral tem a mesma cabeça que a sua no sentido das cotas, dessa ajuda, dessas ações afirmativas, ou você já ouviu coisa diferente?
- Não eu nunca conversei muito com meu pai sobre isso, agora com a minha mãe eu já tinha conversado e ela não tem muito opinião formada porque ela não tem muita informação sobre isso, é uma coisa que pra ela um pouco normal, é uma coisa pra ela um pouco nova, na época dela não tinha isso e eu sou o primeiro que vai tá prestando o vestibular.
- E ela não te acha injustiçado?
- Não. Ela fala que injustiçado se não existisse cotas, seriam eles quem é de escola pública, e tem uma qualidade inferior, mas ela nunca assim, não tem uma opinião se justa ou se é injusta ou o que teria que fazer no caso.
- E se faltar dois pontos pra você entra na USP medicina Pinheiros porque acabou as vagas, porque o resto está com a escola pública, você se sentiria injustiçado?
- Não, injustiçado não, eu iria me sentir triste, mas injustiçado por conta das cotas não.
- Obrigado pela entrevista.

Anexos:

Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova:

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf

Acesso em 29.nov.2018

Lei das Cotas nas universidades federais brasileiras:

http://portal.mec.gov.br/cotas/docs/lei_12711_29_08_2012.pdf

Acesso em 29.nov.2018